

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

**As Representações na Construção da Região
Econômica-Turística-Cultural do Vale do Café
Fluminense**

Kedma Mayara de Melo Barros

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**AS REPRESENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA REGIÃO ECONÔMICA-
TURÍSTICA-CULTURAL DO VALE DO CAFÉ FLUMINENSE**

KEDMA MAYARA DE MELO BARROS

Sob a orientação do Professor

André Santos da Rocha

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Geografia – UFRRJ, como parte dos requisitos de obtenção do título de Mestre em Geografia.

Seropédica, RJ

Novembro de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca
Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B277r Barros, Kedma Mayara de Melo, 1992-
As representações na construção da região econômica
turística-cultural do Vale do Café Fluminense / Kedma
Mayara de Melo Barros. - 2018.
130 f.

Orientador: André Santos da Rocha.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia
- PPGGEO/Mestrado em Geografia, 2018.

1. Representações. 2. Região. 3. Vale do Café. 4.
Turismo. I. Rocha, André Santos da , 1983-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa
de Pós Graduação em Geografia - PPGGEO/Mestrado em
Geografia III. Título.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

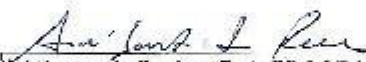
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

KEDMA MAYARA DE MELO BARROS

Dissertação/Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre ou Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO OU TESE APROVADA EM 28/11/2018

Assinatura



André Santos da Rocha, (Dr.)- PPGGEO-UFRRJ
(Orientador)

Assinatura




Leandro Dias de Oliveira, (Dr.)- PPGGEO-UFRRJ

Assinatura



Marcio Rufino Silva, (Dr.) PPGGEO-UFRRJ

Assinatura



Ana Maria Lima Daou, (Dr.) - PPGG-UFRRJ

Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração deles, sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim.

(Eclesiastes 3:11)

AGRADECIMENTOS

Tenho a felicidade em poder agradecer a Deus, por Seu infinito cuidado com a minha caminhada. Porque sem Ele nada teria se realizado.

Ao meu pai, Vilmo Barros, que dedicou sua vida, trabalho, sangue e suor, pra sustentar sua família e ver em nós, se realizar sempre o melhor. A quem me ensinou responsabilidade, esforço, e empenho em tudo que eu me dedicava a fazer, agradeço com muitas saudades.

À minha mãe, Kesia Barros, agradeço todo o seu carinho, alegria e esperança que me passa. Obrigada por sempre estar do meu lado, me incentivando e acreditando na capacidade de eu alcançar meus sonhos e projetos.

Agradeço às minhas irmãs Débora e Sâmela Barros que continuam a me alegrar com nossas conversas sobre Universidades, o mundo, a vida, as missões, o evangelho. Ao Tony Rodrigues, agradeço por me incentivar a seguir em frente e por me fazer viver com ânimo a vida;

Agradeço também os meus familiares, os de perto e os que estão distantes, espalhados pelo Brasil, mas sempre estão presentes em meus pensamentos.

À Universidade Rural do Rio de Janeiro que me fez ser uma pessoa mais persistente e conhecer outras realidades no Brasil.

Aos professores do Mestrado em Geografia da UFRRJ por serem preparados nos aproximar da Geografia. Aos professores da banca Ana Daou, Leandro dias e Marcio Rufino.

Em especial, agradeço ao meu orientador André Rocha. Obrigada pela sua compreensão e apoio na realização desta dissertação.

RESUMO

BARROS, Kedma Mayara de Melo. **As representações na construção da região econômica-turística-cultural do Vale do Café Fluminense**. 2018. 129 p Dissertação (Mestrado em Geografia, Espaço e Política). Instituto de Agronomia, Instituto Multidisciplinar, Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Nesta pesquisa apresentamos problemáticas sobre a produção do *Vale do Café* as quais estão debruçadas em sua apropriação regional. Por revelar-se uma área marcada pela história do Brasil Imperial no século XIX, hoje a região tem vivenciado novas dinâmicas econômicas, políticas e culturais que surgem após os anos de 1990. O *Vale do Café* passou a ser (re)conhecido a partir das políticas públicas de turismo acionadas por agentes do campo econômico e do campo político. Novas representações são difundidas por esses agentes os quais ressoam noções de identidade, cultura e desenvolvimento. As representações são instrumentos de legitimidade regional. Destarte, o *Vale do Café* anuncia uma “*representação ideal de uma região*”, o que corrobora para compreender as dimensões material e imaterial desse conceito-chave da Geografia no *Vale*. É imprescindível desnaturalizar o *Vale do Café* com o intuito de alcançá-lo como entidade social/espacial apropriada por Empreendedores, Poder Público e Mídias (Sociais e Imprensa) os quais constroem novas representações. É, portanto, com o aporte teórico de Pierre Bourdieu, Roberto Lobato Corrêa e dos desdobramentos renovadores de Serge Moscovici e Denise Jodelet na teoria das Representações Sociais, que essa pesquisa se constitui. Têm-se como aporte empírico as falas e práticas de seus atores políticos, econômicos e culturais do *Vale do Café*.

Palavras-chave: Vale do Café, Representações, Região, Turismo.

ABSTRACT

BARROS, Kedma Mayara de Melo. **Representations in the construction of the economic-tourist-cultural region of the Vale do Café Fluminense**. 2018. 129 p Dissertation (Master Science in Geography, Space and Politics). Instituto de Agronomia, Instituto Multidisciplinar, Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

In this research we present problems on the production of the Vale do Café which are addressed in its regional appropriation. As an area marked by the history of Imperial Brazil in the 19th century, today the region has experienced new economic, political and cultural dynamics that have emerged since the 1990s. The Vale do Café has become known as public policies of tourism triggered by agents of the economic field and the political field. New representations are disseminated by these agents who resonate notions of identity, culture and development. Representations are instruments of regional legitimacy. Thus, Vale do Café announces an "ideal representation of a region", which corroborates to understand the material and immaterial dimensions of this key concept of Geography in the Vale. It is essential to denaturalize the Vale do Café in order to reach it as a social / spatial entity appropriated by Entrepreneurs, Public Power and Media (Social and Press) which build new representations. It is, therefore, with the theoretical contribution of Pierre Bourdieu, Roberto Lobato Corrêa and the renovating developments of Serge Moscovici and Denise Jodelet in the theory of Social Representations, that this research constitutes. The speeches and practices of its political, economic and cultural actors of the Vale do Café have as an empirical contribution.

Key words: Vale do Café, Representations, Region, Tourism.

RESUMEN

BARROS, Kedma Mayara de Melo Barros. **Las representaciones en la construcción de la región económico-turística-cultural del Vale do Café Fluminense**. 2018. 129 p. Disertación (Maestría en Geografía, Espacio y Política). Instituto de Agronomía, Instituto Multidisciplinar, Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

En esta investigación presentamos problemáticas sobre la producción del Vale do Café, las cuales están inclinadas en su apropiación regional. En el siglo XIX, la región ha vivido nuevas dinámicas económicas, políticas y culturales que surgen después de los años 1990. El Vale do Café pasó a ser (re)conocido a partir de las regiones políticas públicas de turismo accionadas por agentes del campo económico y del campo político. Nuevas representaciones son difundidas por esos agentes que resuenan nociones de identidad, cultura y desarrollo. Las representaciones son instrumentos de legitimidad regional. De este modo, el Vale do Café anuncia una "representación ideal de una región", lo que corrobora para comprender las dimensiones material e inmaterial de ese concepto clave de la Geografía en el Vale. Es imprescindible desnaturalizar el Vale do Café con el propósito de alcanzarlo como entidad social / espacial apropiada por Emprendedores, Poder Público y Medios (Sociales y Prensa) los cuales construyen nuevas representaciones. Es, por lo tanto, con el aporte teórico de Pierre Bourdieu, Roberto Lobato Corrêa y de los desdoblamientos renovadores de Serge Moscovici y Denise Jodelet en la teoría de las Representaciones Sociales, que esa investigación se constituye. Se toman como aporte empírico las palabras y prácticas de sus actores políticos, económicos y culturales del Vale do Café.

Palabras clave: Vale do Café, Representaciones, Región, Turismo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADE – Área de Desenvolvimento Estratégico

CEPERJ – Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro

CONCICLO – Conselho de Turismo da Região do Vale do Café

FPM – Fundo de Participação Municipal

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

ICV – Instituto Cidade Viva

INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LIGHT – Empresa Light Serviços de Eletricidade S.A

PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo

PRESERVALE – Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba

PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura

PRODETUR – Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo

PRT – Programa de Regionalização do Turismo

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEPDET – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo

SETUR – Secretaria de Estado de Turismo

TURISRIO – Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro

TURIHAB – Turismo de Habitação de Portugal

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Região do Vale do Café em relação ao município do Rio de Janeiro segundo a Setur (Rio+20)

Figura 2 – Regionalização presente no Guia Cultural do Vale do Café (2013)

Figura 3 – Casarão da Fazenda da Taquara em Barra do Piraí

Figura 4 – Produção de Café na Fazenda da Taquara em Barra do Piraí

Figura 5 – Mapa das Regiões de governo, municípios do estado do Rio de Janeiro e Vale do Café

Figura 6 – O Homem e a Serra, IV Setor da Evolução Fluminense

Figura 7 – Regionalização Turística Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Figura 8 – Mapa de Regionalização Espontânea do Estado do Rio de Janeiro

Figura 9 – Região Turística 3 das Áreas de Desenvolvimento Estratégico do Turismo no Estado do Rio de Janeiro

Figura 10 – Mapa do Turismo Brasileiro 2017-2019

Figura 11 – Regiões turísticas estratégicas do Rio de Janeiro

Figura 12 – Placa do Estado do Rio de Janeiro referente ao Programa de Desenvolvimento do Turismo no Distrito de Conservatória/Valença

Figura 13 – Zoneamento por Tipo de turista e potencial na Região Turística 3 (ADE)

Figura 14 – Acervo da Biblioteca Municipal de Barra do Piraí – Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

Figura 15 – Bosque Arboreto de Paracambi

Figura 16 – Associação dos Artesãos de Barra do Piraí ao lado da Secretaria de Turismo e Cultura do município

Figura 17 – Folder turístico do município de Barra do Piraí

- Figura 18** – Folder turístico de Barra do Piraí com destaque para Ipiabas
- Figura 19** – Praça Barão do Capo Belo em Vassouras, 3ª Edição da Program Paralela ao Festival Vale do Café
- Figura 20** – Folheto do evento Programação Paralela ao Festival Vale do Café (2017)
- Figura 21** – O trem do Barão e o Tour com os visitantes pelos pontos turísticos da cidade de Vassouras
- Figura 22** – Feira de *Food Trucks* em frente à feira de Antiguidades no Evento Programação Paralela ao Vale do Café
- Figura 23** – Memorial do Trem na Antiga Estação Ferroviária de Vassouras
- Figura 24**– Placa de indicação turística do Vale do Ciclo do Café
- Figura 25** – Folder turístico do município de Vassouras
- Figura 26** – Mapa da localização das fazendas do Vale do Café fluminense
- Figura 27** – Folder de divulgação PRESERVALE
- Figura 28** – Página *on-line* do Portal Vale do Café
- Figura 29** – Mapa do Vale do Café com principais vias do Portal Vale do Café
- Figura 30** – Folder de apresentação do Portal Vale do Café
- Figura 31** – Apresentação teatral na Fazenda Florença em Conservatória – Valença
- Figura 32** – Capas da Revista Vale do Café
- Figura 33** – Revistas Região Vale do Café do CONCICLO e parcerias
- Figura 34** – Panfleto da 15ª Edição do Festival Vale do Café (2017)
- Figura 35** – Folder de divulgação da Região do Vale do Café do CONCICLO e parceiros
- Figura 36** – Folder de divulgação da Região do Vale do Café do CONCICLO
- Figura 37** - Folder de divulgação da 15ª Edição do Festival Café, Cachaça e Chorinho em Mendes (2018)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produção de representações sobre a Região do Vale do Café

Quadro 2 – Nome das Fazendas Históricas por Município e categoria turística

Quadro 3 – Fazendas Históricas do Instituto Preservale por município – 2018

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – DEBATE TEÓRICO E METODOLÓGICO SOBRE REGIÃO E REPRESENTAÇÕES	23
1.1 Região e o debate na Geografia	24
1.2 Metodologia em Representações	27
1.3 Região Cultural e representações no Vale do Café	34
CAPÍTULO 2 – A PRODUÇÃO DO VALE DO CAFÉ E O PAPEL DAS POLÍTICAS DE TURISMO NA CONSTRUÇÃO DA REGIÃO	43
2.1 Historicidade do Vale do Café	44
2.1.1 Do “Vale Fluminense” ao Vale do Café	50
2.1.2 A noção regional do Vale do Café construída a partir das políticas de Turismo	54
2.2 Regionalização Turística do Vale do Café	61
CAPÍTULO 3 – AS REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO ECONÔMICA-TURÍSTICA-CULTURAL DO VALE DO CAFÉ	70
3.1 Atores produzindo representações no Vale no Século XXI	71
3.1.1 O Estado na produção da Região	73
3.1.1.1 Paracambi	75
3.1.1.2 Barra do Piraí	78
3.1.1.3 Vassouras	83
3.1.2 Grupos Econômicos e suas representações no Vale	90
3.1.2.1 Instituto Preservale	90
3.1.2.2 Portal Vale do Café e outras representações	95
3.2 Convergências e dissonâncias na produção de representações da Região do Vale do café: exemplo do CONCICLO	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	119

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa de mestrado tem origem nos desdobramentos do trabalho monográfico desenvolvido na graduação em Geografia, em 2015. Na ocasião discutimos a relação entre Música e Espaço a partir de uma perspectiva regional. Tomamos como caso de estudo os distritos de Ipiabas – Barra do Piraí e Conservatória – Valença por serem localidades representativas da produção musical e por estarem inclusos no Circuito Musical o qual abrange outras áreas estratégicas.

Durante os estudos percebemos a existência de uma “*entidade regional*”, chamada de *Vale do Café*. Esta por sua vez agrega uma diversidade de produções culturais espalhadas por seus municípios. No entanto, ao pesquisar essa “*entidade regional*” durante o trabalho monográfico entendemos que o Vale do Café é composto de contradições contidas nas produções materiais e imateriais.

Ao pesquisar a região uma das maiores inquietações que surgiram foi entender algo que não é tão aparente – no senso comum o Vale do Café é uma região “natural”, surgiu “espontaneamente” e hoje é dela própria ser assim. Essa é a área que tenho contato, onde atualmente possuo bolsa de estudo na Escola de Música Villa Lobos Núcleo Paracambi, na Fábrica Brasil em Paracambi, área que pesquiso desde a graduação e nesta dissertação de Mestrado a pesar da crise no apoio financeiro dos programas de pós-graduação.

A vivência que possuo na região, principalmente em Paracambi, Vassouras e Barra do Piraí, despertou o olhar de curiosidade sobre quão diversa e dispersa é a realidade dos espaços de produção cultural e turística no Vale do Café. Então, vem em mente o questionamento: o que é o Vale do Café, afinal?

Outra problemática surge quando pensamos de que maneira, no campo geográfico, é possível entender o que está “entre linhas” nesta realidade. Qual conceito? Qual metodologia utilizar para compreender esse objeto de pesquisa?

Dentre essas inquietações um fato se estabelece: o Vale do café é considerado oficialmente uma região histórico-cultural por conta do investimento público e privado na produção turística. Em 2001, o nome *Vale do Café* se torna uma classificação deliberada pelo Ministério do Turismo a qual denomina a região turística que comporta os municípios remanescentes do primeiro ciclo do café no século XIX no Vale do Paraíba Fluminense. Uma região que comportava a maior concentração de latifúndio e títulos do Brasil (barões, condes, viscondes, marqueses).

Para enfatizar, acrescento aqui que, ao debruçar mais sobre a produção acadêmica e midiática sobre o Vale do Café, constatei que em grande maioria as pesquisas são voltadas à percepção histórica e da preservação do Patrimônio Material e Imaterial, da Arquitetura, Literatura, das Manifestações culturais no Vale do Paraíba Fluminense. Nesse âmbito o Vale do Café aparecia como algo de fácil compreensão, sendo sinônimo de Vale do Paraíba Fluminense.

No entanto, nessa trajetória da pesquisa, desde os dados coletados em Valença e Vassouras referente à produção musical e o desenvolvimento regional do Vale do Café a partir do olhar de Conservatória e Ipiabas, durante a graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, em 2015, procuramos administrar a

dificuldade de tangenciar o Vale do Café¹. Percebemos que o *Vale do Café* é iconográfico, é imaginário, é identidade construída por um *discurso regionalista performativo* como Pierre Bourdieu (1989) bem expressa em sua obra *O Poder Simbólico*, no capítulo V, *A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região*.

Considero apropriada a noção de região, que no decorrer dos anos 1970, já começava a atravessar a dimensão cultural, como as *regiões-paisagem* em Carl Sauer (1998), por exemplo. E no Brasil, temos Roberto Lobato Corrêa (2008) com as origens da Região Cultural e Identidade. Entendo que a ideia de região nesse último autor da Geografia Cultural contribui para fundamentar as questões políticas, econômicas e culturais imbricadas na dimensão material e imaterial do Vale do Café.

Frente esses apontamentos, a noção de representações foi inserida para pensar a dimensão material e imaterial da região. As representações surgem como categoria que revelam as contradições. Ao mesmo tempo, ela alcança legitimidade no discurso político e econômico da região.

Aparentemente, essa é uma região *neutra*². Assim, entendemos que é necessário descobrir o que se esconde por trás das Representações³ espaciais e sociais, das tradições e enunciados, os quais dão sentido à sua existência. Isto é, desnaturalizar o Vale do Café para nos aproximarmos da realidade espacial/social que o compõe.

Durante a realização da monografia percebi que a existência dos Circuitos Musicais no Calendário Anual de Festas e Eventos⁴ do Vale do Café não integrava a região. O Vale do Café era mais que uma reunião de práticas culturais. A integração dos municípios é atingida pela legitimação da *identidade* e da *diferenciação* através da correspondência material (Fazendas do Café, Paisagem, posição geográfica) e imaterial (história, práticas culturais, invenção de tradições).

Por isso, nessa dissertação a pesquisa está feita no limite entre a Geografia e as ciências sociais, isto é, produzida em sua fronteira⁵ com outras ciências. O que se pretende é afirmar a seguinte hipótese: o Vale do Café é uma representação “ideal” de uma região e tem sua identidade (re)construída após 2001 através de ações políticas, econômicas e culturais dos atores de interesse.

No centro dessa pesquisa está a produção da região e de sua apropriação a partir das diferentes representações. Assim, as reflexões sobre o sentido da região se

¹ Ver Anexo VI na página 125, desta dissertação.

² Esta região econômica-cultural-turística traz o passado do auge do *plantation* do Café sem revelar as contradições existentes no contexto histórico da sociedade escravocrata e as mazelas da escravização no período Imperial, momento em que Vassouras era a principal cidade produtora de café do Brasil, no fim do século XVIII e início do século XIX. Esta neutralidade é resultante do esvaziamento histórico das práticas turísticas locais.

³ Partimos da concepção de que não há uma representação, mas várias representações. Tal referência está inserida na obra de Henri Lefebvre (2006) *La presencia y la ausencia – contribucion a la teoria de las representaciones*. Neste sentido, recordamos que sobre a região em questão existem outras representações que não possuem igual *força* que a apresentada nesta pesquisa.

⁴ Disponível no Guia Cultural do Vale do Café, realizado pelo Instituto Cidade Nova (ICN), Instituto Light e Ministério da Cultura, em 2013.

⁵ Esse pensamento de *fronteira* é concebido pela noção de Guilherme Ribeiro (2013), em “*geografia, fronteira do mundo*” que mostra a necessidade de um olhar para dentro da construção epistemológica da ciência e de redescoberta de seus limites, como fundadores de visões de mundo. Muitos desses limites estão no limiar com as demais ciências.

completam nas leituras de Roberto Lobato Corrêa, Rogério Haesbaert, Sandra Lencioni, e Paulo Cesar da Costa Gomes. Para aporte nas representações: Pierre Bourdieu, Serge Moscovici e Denise Jodelet, entre outros. E sobre o Vale do Café na geografia fluminense temos Alberto Lamago, Stanley Stein, Gláucio José Marafon, César Fratucci.

Quanto à desnaturalização do Vale do Café, temos as leituras de Pierre Bourdieu (1989) e, Denise Jodelet (2001), leituras primordiais para sustentar argumentos teóricos-metodológicos. E assim, trazemos a noção de *identidade e representações*, que serviu como elemento norteador para compreender as ações e representações dos agentes de campo econômico, político e cultural do Vale do Café.

Foi priorizado o campo político com as Secretarias de Turismo e Cultura, Conselho Regional CONCICLO, no campo econômico Agentes de Trade turístico, Mídia e seu formato *on-line*, com o Portal Vale do Café e proprietários de Fazendas, e o PRESERVALE. E, como agentes complementares, têm-se: visitantes, moradores e vendedores da Programação Paralela ao Festival Vale do Café e Grupo de produção teatral em Barra do Piraí, no campo cultural⁶. A escolha destes agentes se deu diante do papel que eles ocupam em seus respectivos campos de poder e por sua capacidade de difusão de representação.

A escolha desse recorte espacial nos permitiu metodologicamente trabalhar com entrevistas e coleta de materiais produzidos por agentes que atuam nesta área. Materiais como *folders* e Guia Cultural dos municípios e agentes atuantes no campo econômico. Ademais, foram analisados os discursos difundidos em eventos culturais, nas mídias *on-line* sobre o Vale do Café e o *Festival Vale do Café*. A análise do material produzido foi feita levando em consideração parâmetros sistematizados por André Santos Rocha (2014) em sua Tese de Doutorado, com base na releitura em Moscovici (1984) e Jodelet (1989) sobre representações:

- 1) Quem fala – são os agentes que promovem as representações;
- 2) Como fala – refere-se ao meio utilizados de difusão das representações e os sentidos empregados;
- 3) Em que sentido fala - trata-se do sentido da representação, isto é, de que forma se fala?;
- 4) De onde fala – é a posição de onde se fala, dentro de uma relação de poder, de “enunciação”;
- 5) Intensidade da representação – É a dimensão das representações, refere-se ao seu alcance na difusão.

Enfatizamos que as entrevistas se deram de modo “formal e informal”. Um dos desafios mais custosos enfrentados no decorrer da pesquisa por conta das circunstâncias de dispêndio financeiro e acesso às áreas privadas do Vale do Café⁷, além da dificuldade de contato com a prefeitura de Vassouras por conta do período eleitoral de 2018, o que impossibilitou o acesso às informações do município. A pesar disso, a presença de materiais, *folders* relativos ao município de Vassouras mostram a representação e o engajamento deste no Vale do Café.

⁶ Relatos destes últimos dois agentes presentes no Anexo III e Anexo VII, páginas 121 e 128, respectivamente.

⁷ Na tentativa de entrevista com alguns proprietários de fazendas, como a Fazenda São João da Prosperidade, Fazenda São Luiz da Boa Sorte, Fazenda Mulungu Vermelho, Fazenda das Palmas, fomos dispensados não obtendo retorno.

As entrevistas, no modelo informal, são àquelas estruturadas e que compõem os anexos desta dissertação. Referem-se às falas rápidas, coletadas com representantes de produção cultural durante os eventos organizados em Julho e Outubro de 2017 sobre o Evento Paralelo ao Festival Vale do Café⁸. Essas falas também se mostram importantes na enunciação do campo cultural e econômico.

Nesse contexto, as antigas fazendas cafeeiras formam o cenário principal do Vale do Café. Essas vão caracterizar a paisagem da região como um todo. Como são patrimônios arquitetônicos preservados pelos Empreendedores e pelo IPHAN⁹ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e regionalmente pela PRESERVALE¹⁰ (Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba) se tornaram o ícone do turismo regional nos municípios que as comportam.

As fazendas atraem maior fluxo de visitantes principalmente durante o mês de Julho quando ocorrem o *Festival Vale do Café* e o *Festival Café, Cachaça e Chorinho*, entre outros distribuídos nas cidades da região. Esses festivais são planejados e promovidos pelo CONCICLO (Conselho Regional de Turismo do Vale do Café) um conselho entre atores do poder público e da iniciativa privada (Empreendedores das Fazendas de Café, hotéis-fazenda e restaurantes) que reativam o grupo a partir de reuniões¹¹ de planejamento do turismo da região.

Esses atores institucionais, o PRESERVALE e o CONCICLO, corroboram para a criação de uma *identidade* baseada no patrimônio histórico do café¹² e na produção cultural, com os Festivais. A promoção do Vale do Café como região turística proporcionou a criação de um circuito¹³ entre as fazendas: ao compartilharem da mesma *identidade*, a articulação da atividade turística e o desenvolvimento econômico puderam ser estabelecidos. Essa integração culmina na configuração da região econômica-turística-cultural do Vale do Café.

A intenção dessa pesquisa é trazer a discussão da construção da região através das falas e funções dos agentes de ação. Essa é uma discussão que busca entender o que é o Vale do Café no imaginário do romantismo da história imperial do Brasil e como esse imaginário legitima a *identidade*. E, assim, revelar as relações de poder simbólico¹⁴ que não são perceptíveis quando se pensa o lazer turístico.

⁸ Entrevista com turistas, moradores e comerciantes encontradas no anexo III, p. 121.

⁹ A única fazenda do café apoiada pelo IPHAN é a Fazenda Santa Eufrásia que fica no município de Vassouras.

¹⁰ Criado em 1994, é uma organização da sociedade civil privada que atua junto aos proprietários das antigas fazendas de café. Visa construir socialmente uma consciência preservacionista, tanto com relação ao patrimônio arquitetônico físico, quanto com o patrimônio artesanal, folclórico e ambiental do Vale do Café.

¹¹ A última reunião aconteceu na Fazenda São Roque em Vassouras na data de 14 de Março de 2017.

¹² A maioria desses patrimônios foram refuncionalizados e transformados em hotéis-fazenda, por empresários e proprietários.

¹³ Circuito das Fazendas do Café associadas ao Portal Vale do Café.

http://www.portalvaledocafe.com.br/circuito_das_fazendas.asp. Retirado em 27/12/2017 às 18:05h.

¹⁴ Ao poder, portanto, dá-se o caráter de posse de informação, atividades culturais, gostos, os quais envolvem também o capital social (influência) e o capital simbólico (sentido de prestígio) os quais formam o espaço multidimensional das formas de poder. Para citá-lo: "(...) os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos." (BOURDIEU, 1987).

Neste sentido, lançamos a apresentação da dissertação, em forma de capítulos. Optamos em apresentar resumidamente a seguir base metodológica e principais discussões para que possamos ter da pesquisa de maneira ampla. Neste sentido, a pesquisa se debruça a partir da seguinte questão:

- Como o Vale do Café é construído?

E como subquestões:

- Quais são os principais atores envolvidos nessa construção?
- Como eles atuam?
- Quais são as suas representações para o Vale do Café?
- Como o Vale do Café se tornou região turística?

Na vontade de que essas perguntas sejam respondidas, ou gerem mais questionamentos, nos debruçamos na análise do estudo da região como binômio região-representação, onde são associados os elementos imateriais e materiais. Por isso, foi necessário debruçar a pesquisa não somente nos estudos geográficos, mas em suas fronteiras do campo, buscando conhecimentos nas ciências sociais para tangenciar a desnaturalização do Vale do Café.

Esses questionamentos servem de norte para explicar os processos de construção da Região do Vale do Café. De antemão, destacamos que a pesquisa não pretende criar estereótipos sobre a região, nem mesmo apenas revelar pontos de turismo e práticas culturais, mas sim desvelar como o Vale do Café é idealizado a partir de suas práticas, falas e tradições.

Cabe ressaltar para tais questionamentos serem desdobrados é necessário trazer a referências bibliográficas sobre turismo na ciência geográfica. Ter a noção de que o Turismo tem a capacidade de criar, transformar e valorizar espaços de maneira diferenciada, convertendo-os de espaços sem grande expressividade, na lógica da produção, em novas regiões turísticas. Tudo isso em prol do *desenvolvimento regional* de uma área em decadência.

É nesse contexto que a região do Vale do Café é projetada atualmente: como foco para o desenvolvimento regional, mantendo a neutralidade da história regional. O Vale do Café busca aquilo que é "*próprio*" (CERTEAU, 2009) e assim legitimar sua identidade do local ao regional.

A ideia construída sobre *Vale do café* é a da História do império no Brasil. E é essa história que recorta a região. A fronteira é concebida a partir da materialidade das antigas fazendas de café dos Barões, dos centros históricos e na vastidão do espólio da monocultura cafeeira no Vale. Ademais, a fronteira do Vale do Café não se restringe em fixos, ou limites municipais, mas são constituídas mediante *critérios* de empreendedores, do poder político, dos turistas, da Mídia.

Percebemos inclusive que a *refuncionalização* dos espaços culturais e históricos representam o meio de desenvolvimento e reconhecimento do turismo no interior fluminense. É nesse momento que os atores envolvidos passam a valorizar espaços e manifestações culturais. Ou seja, utilizam dos bens culturais, materiais e imateriais como ferramenta e atrativo turístico. E assim, incorporam a identidade do Vale do Café em suas práticas, na programação de visita das Fazendas, em eventos municipais. Ao

passo que a identidade é apropriada, passa a ser, simultaneamente, justificativa de pertencimento.

Num contexto mais amplo, dos anos de 1990 em diante, eventos consecutivos marcaram a região: o desmembramento de municípios com a municipalização do turismo, a criação de instituições de articulação regional de cunho político e empresarial, aumento de fluxos de investimentos públicos e privados para o turismo. O que reivindicou o Vale do Café como um fenômeno singular.

Desde 2001, quando a região foi oficialmente criada pelo Ministério do Turismo, o Vale do Café sustenta sua integridade na história do Brasil Império e desperta a atenção dos visitantes, sendo esse o principal atrativo. Os municípios que compartilham esse passado em comum, a *tradição do café*¹⁵, participam do Vale do Café. Os que compõem a região do Vale do Café (Estado do Rio de Janeiro) são: Vassouras, Valença, Rio das Flores, Piraí, Engenheiro Paulo de Frontin, Paty do Alferes, Paracambi, Miguel Pereira, Mendes, Barra do Piraí, Pinheiral, Barra Mansa, Paraíba do Sul e Volta Redonda.

Atualmente, se apossou desse passado como forma de recuperar a área em declínio econômico. Assim, é pela via dos festivais musicais, visitas nas Fazendas do Café, eventos dispostos no calendário anual que a ideia dessa região é reforçada. Simultaneamente, representações são criadas onde o Vale do Café é naturalmente apto ao turismo como num espetáculo¹⁶.

Esse *espetáculo* da história brasileira só pode ser vislumbrado ao entrarmos em contato com a memória, a preservação do patrimônio, a ideologia social e um modo de vida a qual não existe mais (COHEN, 2003). O Vale do Café representa atualmente a marca socioeconômica que a produção cafeeira executou em escala local, nacional e global.

A memória do Vale do Café é legítima por possuir em si importantes construções remanescentes do ciclo cafeeiro do século XVIII, tais como casas de fazenda, prédios urbanos, estações de trens, chafarizes, de valor patrimonial e imaterial, os quais perduram até hoje. Apesar da existência desses fixos no espaço, ao ser

¹⁵ Não necessariamente todos os municípios hoje produzem ou tem alguma ligação com a cafeicultura. Somente algumas Fazendas do Café têm uma produção incipiente, como por exemplo, a Fazenda Taquara em Barra do Piraí.

¹⁶ Pode se dizer que há uma venda instantânea e parcelada do passado “imperial” como espetáculo com o turismo e visitas, no sentido em que a “imagem social do consumo do tempo, por seu lado, é exclusivamente dominada pelos momentos de ócio e de férias, momentos representados *a distancia e desejáveis*, por postulado, como toda a mercadoria espetacular. Esta mercadoria é aqui explicitamente dada como o momento da vida real de que se trata esperar o regresso cíclico. Mas mesmo nestes momentos destinados à vida, é ainda o espetáculo que se dá a ver e a reproduzir, atingindo um grau mais intenso. O que foi representado como vida real, revela-se simplesmente como a vida mais *realmente espetacular*. Esta época, que se mostra a si própria o seu tempo como sendo essencialmente um regresso precipitado de múltiplas festividades, é realmente uma época sem festa. O que era, no tempo cíclico, o momento da participação de uma comunidade no dispêndio luxuoso da vida, é impossível para a sociedade sem comunidade e sem luxo. Suas pseudofestas vulgarizadas, paródias do diálogo e do dom, movimentando um excedente de dispêndio econômico, não trazem outra coisa senão a decepção sempre compensada pela promessa de uma nova decepção. O tempo da sobrevivência moderna, no espetáculo, gaba-se tanto mais alto quanto mais o seu valor de uso se reduz. A realidade do tempo foi substituída pela *publicidade* do tempo.” (DEBORD, 2003).

compactado como atração, o contexto histórico da produção cafeeira e imperial passa a ser tratado naturalmente, sem contradições.

Como metodologia, utilizo as Representações para entender a construção do Vale do café. Essa é criada a partir de decisões políticas estratégicas, por meio do Programa de Regionalização Turística (PRT) para o estado do Rio de Janeiro, em 2003. O PRT oficializou o Vale do Café com o primeiro Festival Vale do Café, em 2005, no município de Vassouras. As representações, nesse caso, corroboram para entender a realidade do Vale do Café e como ele foi sendo constituído ao longo desse período de regionalização.

Numa breve apresentação em relação à metodologia, entender as representações na produção da região não é tarefa simples. Para Bourdieu, em *O Poder Simbólico* (1989), a representação é elemento que corrobora para uma reflexão crítica da ideia de região. Para o autor, as representações são *mediação* e *enunciados* os quais pretendem se tornar prática, são meios de explicar mais completamente a realidade. Nesse sentido, a região pode ser entendida através da análise e desnaturalização das representações. Portanto, a hipótese da pesquisa é que há um processo de construção de representações que legitima a região como Vale do café.

As representações são, portanto, meios que legitimam ações políticas e econômicas, e quando associados ao espaço, tem o poder de legitimar regiões e diferenciá-las uma das outras. As representações são um conjunto de explicações, mitos, crenças sobre o mundo, grupos sociais e indivíduos. Sendo uma das finalidades das representações nos ajuda a interpretar o mundo, os acontecimentos, as práticas sociais e espaciais.

Essa nos possibilita reconhecer a realidade de diversos grupos sociais e indivíduos. Isto é, tal processo permite a compreensão, manipulação e interiorização das representações, unindo-as a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade. Assim, é possível encontrar o hiato entre o que se sabe e o que existe, a diferença que separa a proliferação do imaginário e o rigor do simbólico (Moscovici, 1978, p.67).

Na ciência geográfica essas se categorizam como representações espaciais (mapas, paisagens, e signos), concomitantemente na composição espacial, ao legitimar ideais, projetar interesses e políticas de determinados grupos sociais sobre a construção de uma região.

Nesse sentido a metodologia foi aplicada através da coleta dos dados (entrevistas, questionários, fotografias, produtos midiáticos e *redes sociais* do Vale do Café). Essa pesquisa é de natureza qualitativa e busca se aproximar da realidade Vale do Café a partir das *representações* dos atuantes políticos, econômicos e sociais enquanto produtores de práticas espaciais.

O cenário da pesquisa é a Região do Vale do Café Fluminense e os municípios que a compõe. A escolha desse recorte se deve à implantação das Regiões Turísticas no Estado do Rio de Janeiro, uma delas o Vale do Café entre 1998 e 2005¹⁷. Nesse trabalho

¹⁷ Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro de 2001; projeto de criação de regiões voltadas ao turismo foi constituído no período de 1998 a 2003, o CONCICLO (Conselho Regional de Turismo do Vale do Café) foi criado na década de 90, por representantes do poder público, empresários, associações de turismo e agentes do trade turístico regional. A partir de 2004, o Ministério do Turismo promoveu a implantação do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil; em 2005, o Ministério do Turismo disseminou processo das regiões turísticas em todo o país. Deste modo, foi elaborado um novo mapa para o estado. No Estado do Rio de Janeiro criaram as 11 regiões para o turismo, entre elas o Vale do Café.

se propõe a articulação do conceito-chave Região, trazendo consigo a temática das representações para o entendimento da produção imateriais e materiais que constituem o Vale do Café. Esse estudo associa as representações da Região do Vale do Café, região turística do estado do Rio de Janeiro, num período de 10 anos, ínterim onde a região foi criada oficialmente.

Além disso, mostra que da mesma maneira que as representações criadas no imaginário coletivo reificam a região, também, a divulgação, a dinâmica econômica das regiões turísticas se propagam a partir das representações. Mostram-se uma via de mão dupla que qualifica e legitima a região do Vale do Café.

A imagem turística do Vale do Café mostra o passado no presente, o *status* do estilo de vida imperial, da riqueza envolta da produção do café. A periodização e a regionalização dessa região, os *plantations*, as fazendas dos grandes barões, acabam por referenciar velhas formas sob novos usos.

Fundamental ao Vale do Café são aqueles que o criam e o reproduzem. As vozes dos atores, protagonistas e coadjuvantes da representação do passado e do presente da região. Esses agentes da produção do espaço carregam em si um *poder simbólico* referente às suas práticas, discursos e representações.

Esse poder que emana da ação, “*fronteiriza*” o que é Vale do Café ou o que não pertence, tal *poder simbólico* que permite delimitar o que é verídico ou falso sobre a história, a cultura, o espaço ou tempo na região turística. Projeta-se todo o imaginário do poder do Império no Brasil.

No primeiro capítulo, será abordado o debate teórico e metodológico do conceito de região e representações. Uma visão do conceito de região na Geografia, além da questão da Região Cultural e representações no Vale do Café.

Segundo Capítulo trata da historicidade do Vale do Café no Brasil Imperial de economia cafeeira no século XIX. Momento em o café se torna símbolo do país. Esses municípios foram cenários da maior produção de café do mundo. Entre 1850 e 1900 o interior fluminense se converteu em região dominada por fazendas do café sustentadas pelo trabalho escravo. Durante estes cinquenta anos, o Vale se transformara em extensos povoados dispersos enraizados na cultura do café. Já no império, as antigas fazendas do café mudaram o centro político e econômico para o centro do Rio de Janeiro, criando assim a aristocracia da época, os barões do café (STEIN, 1985).

Em meados de 1880, a produção cafeeira entrou em decadência no Vale do café fluminense. A falência da economia do café perpassa pela abolição da escravatura em 1888 e pela crise do café em 1929. Nesse momento as fazendas do café permanecem como ícone da história do Brasil e que na década de 1990 são *refuncionalizadas* para a atração turística de grande importância na dinâmica turística do Vale do Café.

Por ser representada como possuidora da tradição¹⁸ dos Barões do Café e também da manifestação cultural dos escravizados, o turismo da região vai além do turismo no meio rural. O turismo do Vale do Café é também histórico e cultural. Esse caráter arraigado de história e cultura serve de legitimadores dando significado ao Vale do Café turístico. Ademais, projeta o imaginário do poder do Império no Brasil.

¹⁸ Entendemos por tradição o conjunto de práticas e discursos repetidos com certa regularidade e aceitos por uma comunidade. Essa tradição é de certa maneira inventada, sendo “de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1997, p.9).

O que se manteve como âncora para o turismo foi a reputação do poder dos Barões do Café, o legado da estrutura escravocrata, o estilo de vida do Brasil colônia ao império. Atualmente, os atores políticos e econômicos se apossaram desse *longo tempo*¹⁹ da história do Brasil com intuito de recuperar a área “esquecida” economicamente pelo Estado. Ademais, nesse capítulo abordamos o processo de reestruturação produtiva da região de economia cafeeira ao turismo rural, atualmente.

No terceiro capítulo é reservado à parte empírica da pesquisa: as representações da região econômica-turística-cultural do Vale do Café. Onde há a apresentação da análise das representações dos atores econômicos e políticos envolvidos. Secretarias de Turismo e Cultura, Participantes de Eventos do Vale do Café, Assessores de Fazendas do Café, Imprensa. Em suma, as vozes do Vale dão base empírica à pesquisa, sendo composto por análise de produtos, entrevistas com agentes representativos e análise em campo. Como exemplo empírico, serão tratados os municípios com maior relevância no Vale do Café: Vassouras, Barra do Piraí e Valença.

Reforçamos que a análise das representações utilizadas são “representações” que foram produzidas pelos agentes em questão e retiradas das fontes de pesquisa.

¹⁹ “Para Braudel (1992), o longo tempo de duração se apresenta na perseguição ao tempo coletivo, ultrapassando o indivíduo e o evento sem negá-los, já que os integra em uma realidade mais complexa. As estruturas são elementos da longa duração, lentos, aparentemente imóveis, contínuos, permanentes; o qual tem duração de décadas, séculos.” (SEVALHO, 1997).

CAPÍTULO 1 – DEBATE TEÓRICO E METODOLÓGICO SOBRE REGIÃO E REPRESENTAÇÕES

“Escolher um caminho de método significa levar em conta diversas escalas de manifestação da realidade, de modo a encontrar variáveis explicativas fundamentais.” (SANTOS, 2004).

Iniciamos este capítulo, com esta citação que nos provoca um questionamento: qual conceito e categoria nos ajudariam no diálogo com o Vale do Café? Diante dessa provocação, tomamos as Representações como possibilidade de dialogar com este fenômeno espacial. Entendemos, assim, que a decisão sobre a metodologia em Região e Representações nos levará a apontar direções para a leitura da construção da região do Vale do Café.

Nesse capítulo nos dedicamos a apresentar o debate teórico e metodológico sobre Região e Representações, pois este é o alicerce que dá sentido às questões materiais e imateriais recorrentes na área em destaque. Ao estarmos centrados nessa metodologia, é possível observar a associação das dinâmicas econômicas, políticas e culturais que estão envolvidas na construção do Vale do Café, as quais culminam na construção de uma região.

Ademais, a pensar a questão da região envolve a legitimidade simbólica e material, a necessidade de ser reconhecida, enunciada, e delimitada, demonstrando uma Geografia Cultural própria para essa área onde o simbólico está imbricado a construção da sua história e economia política atual.

Definir uma geografia representações nos leva a pensar como a *cultura*²⁰ inculcada na difusão de representações está associada à criação desse espaço singular denominado Vale do Café, a qual é transformada numa região interesses econômicos e políticos, e logo, deixando nítido sua lógica de apropriação. A apropriação da região se faz na simultaneidade de ações práticas (construção de políticas específicas, manutenção do patrimônio, redes turísticas, etc.) e representações e simbolismos (difusão de imagens e ideias sobre a região).

Os sentidos propagados nas representações podem mascarar e ou mesmo tempo revelar as intenções dos agentes, que exercem por vezes um poder simbólico. Para Pierre Bourdieu (1989) o poder simbólico é uma dimensão que se faz no imperceptível, esse poder é exercido quando se planeja sobre o espaço e cria-se um sistema de significações que influenciam normas e valores, muitas delas difundidas e legitimadas nas representações. A representação é mediação, enunciado que pretende se tornar prática (BOURDIEU, 1989). Na prática, exemplificadas nesta dissertação, a construção da região está o seu sentido político. Esse sentido se faz no exercício declarado do poder, na construção de limites, critérios, e seletividades. Por isso para Pierre Bourdieu (idem), a temática entre regionalização e representação é quase que inseparável,

²⁰ Tomamos a concepção de cultura, onde essa “é apresentada como um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade. Essa concepção da cultura tem um papel importante na construção das identidades coletivas” (CLAVAL, 2002).

mostrando que o ato de representar o espaço, a partir do recorte regional, é uma forma de manipular a realidade do espaço, pois ela é uma forma de impor uma “di-visão” do mundo.

Entendemos que as representações e sua difusão, se projetam como ideia cultural. Dessa forma, a imagem, o discurso, a propaganda são reconhecidas como representações cheias de sentido, se revelam os mais variados interesses.

O que se vê sobre o Vale do Café são representações que cooperam na construção de uma região, que ganha *status* “turístico-cultural” cujo conteúdo, desenho, e abrangência está a mercê dos atores envolvidos em sua construção.

É por conta dessas questões que elencamos as representações como meio de diálogo sobre o entendimento da Região do Vale do Café, que envolve elementos da histórica da cultura, mas também jogos de poder que permitem a sua apropriação econômica e política. Igualmente, o conceito de região e seus posicionamentos são fundamentais na operacionalização do fenômeno em questão. Esse é um debate do conceito de região na Geografia.

1.1 Região e o debate na Geografia

O conceito de Região, expressa fenômenos decorrentes no espaço. Tal conceito nos ajuda a entender e interpretar transformações e configurações espaciais tem íntima relação com as realidades econômicas, tradições e organizações sociais, entre outras características o emprego da região tem como utilidade a diferenciação de áreas.

Esse é um conceito-chave que se regenerou em conjunto ao próprio desenvolvimento da Geografia, onde pode ser objeto de pesquisa na ótica econômica, políticas, e cultural de Geógrafos e não geógrafos, do Estado e de empresas. E outras instituições. Contudo, continua sendo conceito reformulado e representativo de indagações na ciência geográfica. Esse conceito, não se limita à ciência geográfica e acaba sendo utilizado em diversos campos acadêmicos, políticos e econômicos (GOMES, 1995; HAESBAERT, 1999; BOURDIEU, 1989).

Num sentido prático, o conceito de região se apresenta como um instrumento de organização, de planejamento e execução de projetos no espaço recortado, e em sua maioria orquestrados pelos órgãos do Estado. No Brasil, a criação de áreas de intervenção como a SUDENE e SUDAN, assim como o plano brasileiro na criação de Regiões Turísticas, em outro âmbito, que resultou o Mapa do Turismo Brasileiro de 2017, para dar exemplos.

No entanto, ao buscarmos definir o conceito de região entraríamos numa extensa apresentação teórica, que vai desde a sua compreensão na institucionalização da Geografia como ciência social até às concepções contemporâneas, que emergem a partir dos anos 70. Isso não significa limitar a pesquisa uma extensa revisão do tratamento do tema, mas nos leva pensar como Paulo Cesar da Costa Gomes (1988), nas “as razões da região” de sua construção e desconstrução – tendo como ponto de intercessão o Vale do café.

A palavra região “deriva do Latin *regere*, composta pelo radical *reg*, que deu origem a outras palavras como regente, regência, regra, etc.” isso, segundo Paulo C. Gomes (1995, p.50). Em outra citação o autor identifica *regere* com significado de *poder, domínio*, correspondente à *posse e conquista* (GOMES, 1988). Neste mesmo

sentido, Yves Lacoste (2007, p. 65) indica a origem desta palavra que remete a *dominar e reger*.

Estes dois autores têm semelhanças quanto à origem do significado deste termo, pois o relacionam às áreas de domínio do Antigo Império Romano que enfatiza o domínio o político e ideológico no conceito de região. A região pode ser entendida como uma forma espacial de organização, delimitação ou institucionalização. Isso se refere também à ideia de dominação e associação o que faz se aproximar bastante com o conceito de território, na relação poder e domínio espacial (HAESBAERT, 2014).

No contexto das questões políticas e ideológicas na Geografia, Yves Lacoste (2007) afirma que a Região se tornou, na passagem da primeira metade do século XX, um conceito obstáculo porque estava submetida ao Positivismo, que como elemento racionalizador da região a via como uma entidade natural – onde ela se revelaria por si; todavia para Lacoste, essa perspectiva escamoteava as *razões* que estão por trás das delimitações regionais impostas pelos Estados Nacionais. Ele considera a região ferramenta estratégica da Geopolítica.

Neste contexto interpretativo, o conceito de região que agregara a maior parte dos geógrafos, se mostrava limitado, sobretudo, pela perspectiva de que as regiões seriam naturalmente identificadas. Por isso, que Bourdieu (1989 p.108) desmoraliza o papel do geógrafo no tratamento deste conceito e não se disponibiliza a apreender as razões da região, dizendo que “o geógrafo limita-se frequentemente à análise do conteúdo do espaço; ele olha muito pouco para além das fronteiras políticas e administrativas da região”.

É importante frisar que essa argumentação de Bourdieu está pautada no olhar mais específico da geografia praticada no início do Século XX, e ele acaba não levando em consideração as outras tendências interpretativas que se desenvolveram ao longo do movimento de renovação da geografia. Bourdieu acaba dando maior ênfase na forma como os economistas tratavam as regiões – sobretudo por conta do planejamento “regional” e pelas teorias de desenvolvimento que tinha forte apelo regional.

Neste sentido, Sandra Lencioni (2000, p. 134), indica que, “desenvolveu-se uma íntima relação entre os estudos regionais e o planejamento regional (...) a região se tornou um instrumento técnico-operacional, a partir do qual se procurou organizar o espaço.” A utilização de técnicas quantitativas para intervenção espacial e instrumento metodológico tem sua importância.

Observa-se que o objetivo em se criar regiões é, primeiramente, de projetar ações sobre o espaço. O recorte espacial por sua vez não se limita à noção de aplicação estatística, matemática, concreta e fixa. No caso, a regionalização expressa uma representação do espaço onde a região pode ser um espaço construído através de uma identidade ideológica-cultural de representatividade política, que revela uma base de reprodução material de um determinado grupo social (HAESBAERT, 1988).

É neste sentido, que podemos dialogar as contribuições de Pierre Bourdieu (2007), em especial porque, mesmo dentro do campo da Sociologia, ele situa que a região seria uma construção social, que seria capaz de impor uma visão de mundo, sendo ela uma representação materializada na geografia social.

A região como *constructo social* vai refletir suas intencionalidades, geopolíticas, representações que produzem e reproduzem espaço. O recorte regional tem significado para o grupo social que a produz. Neste sentido, a forma de construção da Região do Vale do Café, reflete a região como entidade do planejamento (pois surge como o

capital turístico), mas também reflete interesses que tentam atribuir significados culturais a essa área. É por isso que os Atores que produzem a região influenciam e materializam na região sua *identidade* mediante poder e *força* representacional, através de poder econômico, criação de signos culturais, por intervenção midiática e por políticas públicas e/ou privadas de manutenção do patrimônio.

A ideia de *delimitação* nos faz recordar o conceito de território, no entanto, a região não é um *território* em todos os sentidos (HAESBAERT, 1997). É recorte que vai se manifestar através da diferenciação, como um *território* controlado de maneira concreta e simbólica, e se apresenta como *identidade*. A Região como um tipo de *território*, como apropriação, vai implicar num *discurso performativo*, que articula signos e representações na construção simbólica e política, legitimando-a como hegemônica.

Neste sentido, para Pierre Bourdieu, é importante está atento ao *discurso regionalista performativo*²¹ que tem o poder de legitimar, definir fronteiras e fazer a delimitação ser conhecida de uma região. Apesar disso, devemos ter em mente que a região não é um fato dado, mas constituído, é uma construção humana, composta pela relação sociedade-natureza onde os referenciais concretos de sua construção simbólica podem ser encontrados tanto em elementos naturais que predominem na paisagem (...) quanto histórico-culturais em sentido mais estrito (HAESBAERT, 1997 p.55).

Neste sentido que entendemos a necessidade de ver a construção da Região do Vale do Café como parte integrante dos estudos contemporâneo da Geografia Cultural – vendo como uma Região “Turística-Cultural”. A região passa a ter sentido conotativo, agregado às representações e intenções e relacionados à cultura, mas também a economia e a política. O interesse maior da pesquisa em Geografia Cultural, atualmente, é a imagem mental, as representações, o simbolismo, as identidades (COSGROVE, 2002). E o conceito de região está ganhando novos significados, é abordado através de processos simbólicos intrínsecos à cultura, que materializa, no espaço, as suas formas específicas, resultando recortes regionais de conotação cultural, isto é, as regiões culturais (categoria que será explorada nos próximos subcapítulos).

Nesse sentido, a partir da cultura a região é representada. De maneira geral, a cultura distingue e pressupõe um recorte espacial delimitado através de critérios culturais específicos. Esses critérios são organizados pela cultura do grupo social, ou seja, são códigos culturais²², podendo expressar um código, como por exemplo, a religião, a gastronomia, as festividades, dentre outros, ou a cultura como um “todo” aglutinando o sistema de codificação de maneira geral.

Afirmamos que existe uma complexidade na questão regional que está relacionada à construção do Vale do Café, que pode ser visualizada pela relação entre região e representações. Assim, o que se pretende é fazer um diálogo entre a ideia de representação e as razões de existência de uma região, entendendo que a regionalização ou um recorte espacial têm uma intencionalidade política, econômica e cultura.

²¹ O discurso regionalista é performativo. Faz-se conhecer como legítimo e ignora o desconhecido, ou seja, tem por método a seletividade e cria um novo limite. E tem efeito na economia, cultura e política comuns e não do diferente (BOURDIEU, 1989).

²² Os códigos constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço. (BRUM NETO, 2007).

1.2 Metodologia em Representações

De que maneiras as representações podem ajudar a pensar a existência de uma região? O conceito de Representação, como teoria e metodologia, corrobora para explicar as contradições existentes na produção do espaço contemporâneo. É a mediação entre sujeito e objeto, e está articulada entre o fazer social e espacial.

O conceito de representações é complexo, se vê atrelado a diversos significados, do senso comum ao conhecimento científico. São significados constituídos socialmente e historicamente, e perpassa de maneira ampla pela história da sociedade como nas especificidades do conhecimento, da ciência, e das filosofias (LEFEBVRE, 2006). As representações se constituem como forma de conhecimento do mundo e das coisas que ele compõe (BAILLY, 1995).

Essa forma de conhecimento pode se expressar pela linguagem, imagens mentais e formas materiais. Entretanto, o mundo não pode ser totalmente explicado pela sistematização desse conceito. Existe uma diferença entre representações e formas de significação (ou mediação) para se entender o mundo.

As formas de significação são como a linguagem e imagem. É a partir das palavras, etimologias e combinações de significações que a linguagem é criada e recria a sociedade, relacionando o pensamento ao mundo concreto. Possui em si caráter mediador, mesmo que agregue outras significações que possam expressar outras representações, as quais qualificam ou não os espaços, tempos e seres, como num grande poder simbólico (BOURDIEU, 2007).

A imagem está associada a dois campos: o sensorial e memória/prática social (GIL FILHO, 2005). Primeiro aquele relacionado ao campo sensorial (do visível e/ou estético) que se remete à mediação sujeito-objeto através dos sentidos, “em que a forma (concreta) representa o conhecimento abstrato que faz uso da linguagem para a sistematização do conhecimento” (ROCHA, 2010, p. 431). Já no campo da memória e a prática coletiva, a imagem é resultado das experiências sociais de grupos que constroem uma imagem representativa de sua vivência, em seu espaço e em seu tempo.

A imagem se aproxima da representação como mediação visível ou de memória, no entanto está cristalizada na forma em que se quer que esteja. Ou seja, uma imagem concebida e/ou inventada por um grupo de valores comuns. Dessa maneira, tal grupo constrói sua memória e sua visão de mundo.

Quando à imagem é engendrado um signo ganha caráter de diferenciação, se torna legítimo. A imagem de um grupo é revelada por processos sociais e políticos, é constituída numa base espaço-temporal estruturada, e é o que vai delimitar os sentidos da representação determinada pelo grupo. No momento em que a imagem é estruturada numa na relação de poder e hierarquização na dimensão espacial, se dão os limites da representação à paisagem. A marca simbólica vai estar na estrutura espacial.

A linguagem, por sua vez, é efetivada de maneira coletiva. As representações são transmitidas pela linguagem, vias midiáticas, comportamentos e pensamento coletivo, como nas formas religiosas, por exemplo. É pela linguagem que há estabilidade de transmissão e reprodução de representações de maneira coletiva.

Nas representações em geral, existem duas formas de análise, pelas representações coletivas ou representações individuais. Émile Durkheim é considerado

“o primeiro a identificar tais produções mentais sociais extraídos de um estudo sobre a ideia coletiva” (JODELET, 2001, p.21-22).

Para Durkheim (1895) o estudo em representações individuais seria de domínio da psicologia, sendo relacionadas ao conhecimento intrínseco do indivíduo, ao campo da percepção/sensorial da consciência do indivíduo. Já o estudo das representações coletivas em Moscovici e Jodelet se aproximaria da Sociologia, e seriam um aporte homogêneo de experiências coletivas, práticas vividas por grupos que compartilhem valores, símbolos e significados comuns.

A distinção entre as representações coletivas e representações individuais está fundamentada na ideia de que as leis dos fenômenos sociais eram diferentes das que explicavam os fenômenos individuais. Na verdade, as experiências coletivas sobrepõem esferas individuais. Dessa forma, as representações coletivas, sendo resultado dos acontecimentos coletivos, se constituem fato social. Esse por sua vez é fruto de uma consciência coletiva e não de uma consciência individual. Segundo Durkheim, não se devem tratar as representações coletivas numa visão individual.

Durkheim faz essa distinção a partir de critérios: estabilidade de transmissão e reprodução das representações; variabilidade ou permanência das representações (MOSCOVICI, 2001). Quando se fala na estabilidade, quer se dizer a capacidade de tal representação se manter, sua intensidade e a abrangência das representações. Nas representações coletivas essa capacidade é mais efetiva que nas representações individuais.

A variabilidade e durabilidade estão visíveis no tempo e espaço das representações. É na dimensão tempo-espaço que as representações se manifestam mais permanentemente, justamente, por serem constituídas por grupos concisos em suas próprias experiências coletivas. Já as representações individuais têm menor durabilidade por conta de diversos fatores que atravessam a vida dos indivíduos.

Nesse sentido, as Representações Coletivas apresentarem maior durabilidade, isto é, teriam maior credibilidade num padrão lógico. Ao mesmo tempo, isso mostra a variabilidade das Representações Individuais as quais revelam padrões subjetivos e efêmeros o que dificulta a análise dos fenômenos culturais, religiosos, temporais e espaciais.

Outro ponto fundamental, é que não se pode confirmar que as Representações Coletivas são construídas pela coletividade, e nem que as Representações Individuais são construídas por um único sujeito ou individualmente.

Apesar de Durkheim trazer essa dicotomia para interpretar a sociedade primitiva/tradicionais, sua teoria é efervescente nas pesquisas de análise de representações. Durkheim alega em suas proposições que as Representações Coletivas teriam em si maior veracidade já que são constituídas por grupos concisos e hegemônicos e assim se subordinam às Representações Individuais. As construções individuais, não teriam validade e sim seriam como uma distorção da realidade socialmente construída. Assim, a categoria metodologicamente possível de ser investigada seriam as Representações Coletivas.

Somente com Serge Moscovici a agenda de pesquisas sobre o papel das Representações ganha visibilidade nas ciências sociais nessa nova era do capitalismo no século XX, sendo interpretadas como Representações Sociais.

Moscovici vai se preocupar com novas estruturas representativas da sociedade contemporânea, como, por exemplo, a intensidade e fluidez das trocas e comunicações; o desenvolvimento das ciências; a pluralidade e mobilidade sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Para ele não há dualidade entre o individual e o coletivo “as representações individuais têm um substrato da consciência de cada um; as representações coletivas, a sociedade e a totalidade” (MOSCOVICI, 1978, p. 47), e assim se complementam na complexidade das relações sociais.

Apesar de Moscovici mostrar como as representações funcionam, ele entra num empenho: “Se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é” (MOSCOVICI, 1978, p. 39). Serge Moscovici traz essa preposição e indica que uma definição de representação seria reduzir o conceito a um determinado sentido²³. Por isso ele expressa que “a demanda por exatidão de significado e por definição precisa de termos pode ter um efeito pernicioso, como eu acredito ter tido frequentemente nas ciências do comportamento” (idem, 1978). Assim, o autor, sugere uma coleta de diversas noções (no campo cognitivo e cultural) as quais compõem e de maneira análoga nos aproxima do conceito:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, preposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, P. 181).

Assim, a noção de representações pode ser entendida ao conjunto de imagens, crenças, símbolos, mentalidades, atitudes, opiniões e modelos veiculados numa sociedade para caracterizar pessoas, situações, objetos. Para a análise científica do senso comum (MOSCOVICI, 1978).

Dessa maneira, as representações se expressam como formas de conhecimento das coisas que estão no mundo, aquilo que está na dimensão espacial. Essas representações assumem, portanto, um caráter geográfico quando podemos olhar que o horizonte espacial também é qualificado como social e parte dos recortes que estabelecemos sobre o espaço, se revela como materialização de ideias, como diria Bourdieu (2007) “di-visões do mundo”. Aqui podemos entender a região como parte das representações.

Para Jodelet (2001, p.22) representação é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com o objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum ao conjunto social”. A representação social e sua abordagem nos permitem uma apreensão das formas e conteúdos da construção coletiva da realidade social, o que inclui as regiões – enquanto representações.

Para elucidação das Representações Sociais, Jodelet (2001) apresenta orientações básicas:

- a. *Sempre é uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito): se dá na dialética sujeito-objeto e objeto-sujeito.*

²³ Por isso Tomás Ibañez (1988) mostra que a dificuldade para se sustentar o conceito é justamente “sua composição polimorfa, já que recolhe e integra toda uma série de conceitos que apresentam, cada um deles, um alcance mais restrito que o próprio conceito de representações sociais”.

Essa via de mão dupla mostra a diversidade de formas de Representações e representatividade. O pesquisador coloca em evidência a representação do grupo social envolvido e não quer inculcar uma "Representação verdadeira" sobre o grupo político, social, cultural.

- b. *É uma relação de interpretação e simbolização: a representação agrega significado a um fato real ou presumido (tradições, lendas).*

O indivíduo em seu campo psicológico e epistêmico se volta ao fato real, construindo ideias e valores a partir de significações e interpretações. Esse movimento é indissociável às práticas coletivas e individuais quando os sujeitos elaboram o todo coletivo.

- c. *É uma forma de conhecimento: além da ideia de "significação e interpretação" há a noção de "legibilidade". Dá forma ao que se representa.*

Por estar associada ao "conhecer o mundo e às formas de interagir com o mesmo", as representações ganham certo caráter pedagógico, ao passo que assimilamos Representações como formas de conhecimento em nossas práticas sociais, ou seja, as representações passam a ser uma forma de ler o mundo.

- d. *Qualifica o saber prático de experiências contextualizadas: ao afirmar as representações como formas de conhecimento constata-se que este possui em si um caráter prático.*

Nesse sentido, a representação é também um ajustamento prático do cotidiano do sujeito. Como as representações são estruturadas num contexto social e cultural e o indivíduo as utiliza em suas práticas sociais, valores e saberes, essa é a forma pela qual o ser interage com diversas facetas da realidade do mundo.

Para Jodelet (2001) e os autores já citados aqui, as representações têm diversas funções/características as quais nos ajudam a entender as relações sociais e seu saber prático, no cotidiano, na produção do espaço. A realidade social se revela espacialmente. E se o espaço é fruto da natureza de nossas ações (SANTOS, 2002) a realidade social pode ser moldada por representações que se manifestam também na produção do espaço.

Nesse sentido, quando Henri Lefebvre (1974) traz a produção do espaço em seu livro, ele aborda a noção de que a produção social do espaço atravessa questão da representação. A produção social do espaço está fixada na tríade percebido-concebido-vivido. Essa é uma realidade espacial e representacional.

As representações sobre o espaço vivido estão associadas às práticas e experiências sociais e individuais, ao seu determinado meio e contexto geográfico. Portanto, não podem ser dissociadas das práticas espaciais, pois formam a realidade percebida. A realidade vivida-percebida está associada às práticas e vivências em torno da realidade espacial constituída, ou seja, são constelações de códigos, legitimadores das práticas e das vivências coletivas e individuais. Essa dupla dimensão, vivido-percebido, compõe o chamado "Espaço de Representações", marcado pela ação dos sujeitos e seu espaço relacional (LIMA, 2006).

Outras referências sobre a metodologia em representações na visão do espaço vivido são importantes ressaltar. A questão das práticas espaciais que envolvem a sociedade, como a religião (ROZENDAHL, 2001), as ações sociais relacionadas à

afetividade individual ou com o lugar (TUAN, 1983). Outro ponto são as festas populares e o espaço (CORRÊA, 2005), e a cultura local e sua espacialidade (CYRILLO, 2008).

As representações do espaço em relação ao concebido, estão associadas às projeções políticas, culturas e ideologias, ou seja, as representações sobre o espaço (LIMA, 2006). Ademais, a construção do espaço concebido está relacionada às intervenções materiais no espaço (infraestruturas no espaço) e aos discursos do espaço (aquele que está no planejamento, aplicado e materializado) apresentado por Hervé Gumuchain (1991).

As representações, para Bourdieu (1989), são como mediações e enunciados que pretendem se materializar nas práticas. Elas têm função de explicar a realidade e “podem contribuir para produzir o que aparentemente se descreve ou designa, ou seja, uma realidade objetiva” (idem, p. 112). Segundo ele, são nas representações que se constroem pretensões, interesses, e estratégias de manipulação simbólica.

Isso funciona da seguinte maneira, para Bourdieu as representações se dividem em representações mentais e representações objetivas. As representações mentais são “atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos” (Idem, p. 112). Isto é, são discursos, estereótipos, na construção de uma visão de mundo percebido e reconhecido a partir da prática.

As representações objetivas são “estratégias interessadas de manipulação simbólica, tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores” (Idem, p. 112). Esse tipo de representação se materializa em materiais como bandeiras, insígnias, símbolos, emblemas, cartazes etc. Não obstante em planejamentos, estratégias, intervenções, como na categorização regional.

No entanto, para alcançarmos a realidade, não se pode escolher entre a realidade objetiva ou a representação como se houvesse como medir suas importâncias. Não há como privilegiar a representação (porque que será entendida como falsificação) e nem somente a realidade objetiva (materialidade). Por outro lado, quanto mais próximas as representações são, mais legítima parece a realidade das representações. Por isso, é através da crítica que Bourdieu apresenta as incoerências entre as representações mentais e objetivas, como, por exemplo, criticando os discursos regionalistas sobre a identidade.

Neste momento, Bourdieu amplia a discussão declarando que no mundo social ocorre “uma luta permanente para definir a ‘realidade’” (idem, 113) que é também uma luta pela definição da identidade regional.

Essa luta pela realidade se manifesta num debate político ou acadêmico, sendo uma luta entre diferentes formas de classificação e definição da realidade e que pode fazer ou desfazer regiões, identidades, grupos, classes etc., em que os agentes estão buscando “modificar a realidade social ao modificar a representação dos agentes a esse respeito” (Idem, p. 113).

Os agentes são os influenciadores, aqueles principais envolvidos no processo de criação e transformação. Seu papel na intervenção da representação é crucial. “As representações que os agentes sociais possuem das divisões da realidade (...) contribuem para a realidade das divisões” (Idem, p. 114). Isto é, o poder de classificar

um indivíduo, grupo social ou espaço através de um conceito científico ou estereótipo revela a capacidade que os agentes têm de impor significações. Todos os sujeitos sociais estão dentro das representações, são os grupos econômicos, o Estado, as alteridades. A ciência, por exemplo. Esses agentes usam as propriedades simbólicas como estratégia de impor seus interesses.

Nesse jogo de representação dos agentes sociais, existe uma hierarquia social, “os agentes classificam os demais agentes” (Idem, p. 115) e classificam a si mesmos. Isso acontece através de “estratégias simbólicas de apresentação e representação de si” que se “opõem às classificações e às representações (deles mesmos) que os outros lhes impõem” (Idem, p. 115).

Para complementar, de forma mais prática Celso Pereira de Sá (1998) baseado em Denise Jodelet apresenta três perguntas norteadoras que colocam o agente social como principal sujeito das representações: **Quem sabe e de onde sabe?** Essa pergunta indica o agente na produção e na circulação das representações. **O que e como sabe?** Os níveis de conhecimento, processos e organização da representação. Isso configura os fins de sua utilização, sendo esse um caminho para entendermos a legitimidade das representações.

E sobre o que sabe e com que efeito? O conhecimento sobre a totalidade do espaço precede a intervenção sobre o espaço. Nesse momento, entendemos que as práticas sociais são intrínsecas à produção do espaço. Apresenta em si um *caráter epistêmico*²⁴ que é justamente pensar a relação da ciência e a realidade a partir da representação.

Como Sá (1998) apresenta, essa legitimidade se dá a partir do discurso ou comportamento dos sujeitos; documentos e; práticas sociais. Celso de Sá traz essa metodologia que nos ajuda a interpretar os grupos de interesses e autoridade de representação social que Bourdieu aborda.

A geograficidade das representações pode ser lida nas transformações espaciais e nas dinâmicas de apropriação. Na geografia a tese de doutorado de André Santos da Rocha (2014) exemplifica como pode ser feito o tratamento das representações nos estudos geográficos.

Na referida pesquisa, ao tentar captar as tensões que cercam a produção de representações sobre a Baixada Fluminense, o referido autor destaca que é possível analisar essas representações a partir da construção de alguns questionamentos, onde é possível, também, fazer a leitura sobre as representações da Região do Vale do café: [a] quem fala ? - que permite mapear os agentes e atores que difundem as representações sobre o vale do café; [b] Posição de fala? Permite identificar o campo de poder onde está inserido e sua legitimidade discursiva sobre a região; [c] Sentido em que fala? – é possível identificar os significados emprestados sobre o Vale do café; e [d] Como fala? Questionamento que relaciona o meio, a difusão e a intensidade que os atores e agentes em torno da Região do Vale do Café (ver quadro 1).

²⁴ Tem por caráter dar nitidez aos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; a teoria das representações e o seu encontro com o objeto de pesquisa.

Quem Fala [Atores e agentes]	Posições da fala [legitimidade]	Sentido em que Fala	Como Fala: Meio, difusão e Intensidade
Governo Estadual	Secretaria de Estado de Turismo – Setur e Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro - TurisRio	Sentido interinstitucional - Atua como mediador entre Secretários de Turismo dos municípios, empresários e Trade turístico do Vale do Café. Vale do Café é região turística estratégica (representação oficial).	Fala através de Fóruns Estaduais de Secretários Municipais de Turismo sobre desenvolvimento do turismo regional e local. Inventário, panfletos, mapeamento, projetos, planejamento, e criação de comitês. Planejamento não sistemático. Escala de difusão regional.
CONCICLO	Secretarias de turismo e empreendedores	Sentido interno – Articulação de iniciativa privada em prol do desenvolvimento turístico regional com apoio do poder público. O Vale do Café é uma região de turismo histórico e cultural.	Depoimentos nas mídias, Revista Vale do Café, panfletos, mapeamento, calendário anual. Difusão em escala regional e local. Intensidade variada conforme proposta de reativação do comitê.
PRESERVALE	Proprietários de fazendas integrantes e empresários do turismo	Iniciativa privada para a preservação das Antigas Fazendas de Café e desenvolvimento do turismo cultural nas fazendas, turismo rural, de negócio, e ecoturismo no Vale do Paraíba.	Workshop, Guia Cultural do Vale do Café do ICV, proteção e restauração do patrimônio histórico, diagnóstico propositivo Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café. Difusão em escala regional e local no Vale do Café. Intensidade variada conforme demanda de projetos.
Portal do Vale do Café	Trade turístico (Prestadora de serviços turísticos)	Sentido interno – Web site de iniciativa privada para divulgação do Vale do Café como destino histórico e cultural.	Anúncios nas mídias virtuais, venda de ingressos às fazendas de Café associadas. Larga escala de alcance.

Quadro 1- Produção de representações sobre a Região do Vale do Café

Organizado pela Autora. (2018).

Essa metodologia nos permite ler os atores que estão construindo o Vale do café e suas intencionalidades.

Essa estrutura de falas é resultado da combinação entre a construção da região e de sua representação. Novos sentidos para o Vale do Café são discutidos a partir da ótica das Representações e da apropriação regional. Ademais, os discursos dos agentes difusores de representações para a área agem como estratégia de legitimação da região na busca pela “Representação ideal” para o Vale do Café.

Ao analisarmos os discursos nos aproximamos da desnaturalização do Vale do Café e entendemo-nos como categoria espacial/social apropriada por agentes de difusão de novos sentidos representacionais.

Outro autor que embasa a pesquisa em Geografia e representações na atualidade é Sylvio Fausto Gil Filho. Ele expressa que a análise das representações sociais expõe a necessidade de decodificar o mundo banal. A espacialidade desse mundo banal permite entender uma geografia do senso comum, do conhecimento simbólico, uma geografia das representações (2005, p.57). Ele define duas linhas de argumentação para a Geografia das Representações: a linha voltada para as identidades sociais, como resultado da reificação imposta aos sentidos da representação e; a outra seria uma geografia que busca conhecer o senso comum, uma geografia do mundo banal, da cultura cotidiana, frente à reificação da ciência e da política.

Isto é, segundo o autor existem dois mundos: um consensual, das representações sociais, e outro reificado, próprio das ciências e da política (Gil Filho, 2005). Dentro das instâncias analíticas para uma geografia das representações se destaca para a pesquisa presente as representações sociais enquanto fenômenos espaciais por si. Nesse caso, as representações são expressões da espacialidade socialmente construída, pelas quais reconhecemos o mundo e suas relações.

Esta pesquisa está voltada para a uma geografia política das representações centrada no conflito de identidade, a partir de um espaço de representação de poder. E esse espaço de poder e representação é o Vale do Café. Tratamos, portanto, de nos debruçar no viés da região e representações a partir da Região Cultural, em Roberto Lobato Corrêa, como categoria analítica para entendermos os sentidos do Vale do Café, como uma região e como representação. Buscou-se compreender os códigos de representação e o significado dos grupos sociais econômicos, políticos e culturais que intervêm na região.

1.3 Região Cultural e representações no Vale do Café

Nesse subcapítulo pretendemos fazer um diálogo entre os sentidos da região Vale do Café como uma região cultural e a ideia de representação. Tal regionalização ou recorte espacial apresenta não somente uma categorização cultural, mas também possui intencionalidades políticas e econômicas.

Nesta pesquisa, resgatamos as abordagens da Geografia Cultural com o objetivo de conhecer a realidade sócio-espacial e dar visibilidade ao viés cultural da região. Entendemos que a cultura se estrutura espacialmente e se manifesta geograficamente. Utilizamos como base as perspectivas da Geografia cultural renovada que é dotada de sentido político e enfatiza o significado e a interpretação das formas espaciais e dos movimentos a partir da década de 70.

Na visão de Corrêa baseado nas ideias de Paul Claval, a geografia deve considerar a dimensão material e imaterial da cultura e a relação do homem com o meio. E não se limitar a uma abordagem na relação causal entre homem e natureza. Compreendemos também a relevância da abordagem do pioneiro da geografia cultural Carl Sauer que propôs a análise das formas que a cultura de grupos sociais cria na organização do seu meio, estabelecendo, assim, regiões culturais.

O conceito de região cultural pode ser entendido como “áreas apropriadas, vivenciadas e por vezes disputadas. Apresentam diversos geossímbolos, fixos, que, por serem dotados de significados identitários, fortalecem a identidade dos grupos que as habitam”. Portanto, é oportuno trabalhar com este conceito em um país como o Brasil que possui acentuada diversidade cultural. (CORRÊA, 2008).

Outra concepção de região cultural é a de Bezzi (2002, p.17) definida como:

Um conjunto de relacionamentos culturais entre um grupo e um determinado lugar. A região é uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo, o qual também é um elemento constitutivo da identidade regional. A região sob enfoque da identidade regional, passa a ser entendida como um produto real, é concreta, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais, principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social.

A cultura reflete como cada grupo social organiza o espaço e imprime nele seus traços singulares, tais traços são visíveis na paisagem. Com o passar do tempo, ou seja, a relação espaço-tempo da cultura resulta numa configuração particular que ao materializar-se forma a região cultural, onde cada espaço estabelece suas singularidades.

Assim, é por meio da cultura que a região é representada. A cultura para a região cultural "é simultaneamente meio, reflexo, e condição de existência e reprodução dos grupos humanos" (CORRÊA, 2003). A cultura aparece como uma forma de interpretar a organização do espaço, a partir das atitudes e valores de cada grupo social, onde as singularidades dão caráter próprio a uma região. Isto é, passa a ser um recorte espacial com conotação cultural.

Nessa perspectiva, para Wagner e Mikesell (2002) as regiões culturais são entendidas como áreas habitadas “em qualquer período determinado por comunidades humanas caracterizadas por culturas específicas”. Essas por sua vez são reconhecidas a partir de seus traços culturais materiais e imateriais e geralmente tem em si a construção de uma paisagem cultural²⁵, assim como mostra os estudos e pesquisas da geografia francesa, principalmente na linha vidaliana.

As regiões culturais podem ser apropriadas e disputadas por questões de interesses, tomada de decisão, e hierarquias. Elas carregam em si, símbolos espaciais, fixos e diversificados. Tais elementos possuem significados identitários por isso garantem legibilidade à identidade cultural dos grupos que nelas habitam (CORREA, 2008).

²⁵ O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da sua função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um *insight* sobre o papel do homem nas transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições “naturais” esperadas, causados pelo homem. (Wagner e Mikesell, 2007 p.36).

De maneira prática, a região cultural é um meio de entender as diferenciações que o ser humano constrói no espaço e no tempo. Ter compreensão sobre essa característica pode corroborar com políticas culturais. Nesse sentido, Mitchell (2000) fala sobre justiça cultural e a espacialidade como elemento dessa Justiça. Na escola de Berkeley a importância da região cultural é atravessa diversas temáticas: em conjunto à cultura, paisagem cultural, história da cultura no espaço, Ecologia cultural (WAGNER e MIKESSELL, 2000 apud CORRÊA, 2008 p.2).

Outra questão prática é que a região cultural não é permanente. Ela passa por transformações conforme as ações humanas na produção do espaço. No entanto, essas ações não se dão de forma aleatória e sim sob processos culturais que em maior ou menor grau as modificam. Na contemporaneidade, o processo de globalização, seu caráter global-local, os atores sociais modificam, potencializam, ou resistem às ações globalizantes: existe um limiar de tensões para entender a passagem da região cultural à região turística do Vale do Café.

Numa região, a relação entre as sociedades e sua base espacial podem se ampliar ou se estreitar, gerando diferentes expressões na paisagem. E relação dos grupos sociais com a região podem gerar fatores econômicos distintos os quais tendem a mudar as heranças culturais, seus significados identitários, ou então transformá-la conforme as imposições do mercado.

Nesse sentido, existem três tipos de regiões culturais que trazem diferentes significados a espacialidade. São elas: formais, funcionais e vernaculares. Quando relacionada à Geografia Cultural, a região formal é entendida a partir dos critérios comuns, uniformidade de traços culturais como a paisagem, etnicidade, práticas religiosas, entre outros. No entanto, está relacionada à economia e meio urbano. A região funcional é estabelecida pela conexão e comunicação entre o local ao global (CORRÊA, 2008 p.2).

Já a região vernacular, é de interesse da Geografia Cultural, justamente, por mesclar distintos traços culturais. É entendida como "produto da percepção espacial dos habitantes da região e de fora dela, apresentando nítida identidade reconhecida pelo nome" (idem, 2008). Seria a *pays* na cultura francesa. Além dessas três conceituações, existem as "ilhas culturais"²⁶ que seriam áreas étnicas distintas e internas às regiões formais.

Quando entramos na perspectiva Sauriana, a identificação da região cultural se inicia com um foco, depois o processo de formação. Essa é a linha de pesquisa da Escola de Berkeley, onde há a difusão espacial da cultura (CORRÊA, 2008). No Brasil a formação de regiões culturais é recente: data do século XIX e XX, não possuindo "regiões enraizadas" onde as suas origens estão fixadas a longo tempo, como acontece na Europa, Ásia e África (FRÉMONT, 1973 apud CORRÊA, 2008). No processo de identificação, descrição e análise de uma região cultural, ressalta-se a utilização de quatro categorias, sendo as duas primeiras originadas na Escola de Berkeley.

²⁶ Claval (1999) estabelece que uma região cultural seja delimitada pelas diferenças de códigos e como as culturas utilizam-se dos mesmos. No instante e local onde os traços culturais mudam, tem-se a linha limítrofe da região. Portanto, a cultura não tem limites rígidos, uma vez que esses dependem da coesão do grupo cultural e, conseqüentemente, da sua continuidade no espaço, caso contrário, constituiriam "ilhas culturais", ou seja, áreas de menor expressividade espacial, em termos de distância, devido a sua pequena extensão.

Foco inicial (hearth): local pelo qual houve a difusão dos atributos para um dado espaço, caracterizando-se como homogêneo culturalmente, berço histórico e simbolismos; Núcleo (core): local onde os traços culturais são mais evidentes, centro de controle; Domínio (dominan): áreas onde a cultura difundida é dominante, independente de outros traços culturais; Franja (sphere): é a periferia da região cultural onde as características culturais difundidas não são dominantes e se identifica traços culturais de outras regiões;

A categoria de franja é pertinente, pois, evidencia, especialmente, os limites culturais, e é o que vai limitar a região. Essa categoria não é somente ligada à região cultural, mas a Geografia como um todo. No caso do Vale do Café o município de Paracambi reflete essa condição de franja por estar sujeito às realidades da Baixada Fluminense, apresentando características da região metropolitana e do Vale do Café.

Na região do Vale do Café existe certa dualidade, ela é apresentada como turismo histórico da estética arquitetônica imperial e/ou cultural das manifestações religiosas, musicais, artesanais. Essa dualidade é percebida a partir das práticas dos grupos sociais envolvidos. Os agentes de ação da região criaram assim uma identidade regional através das práticas turísticas. Nessa lógica, entramos na temática da identidade, entendendo, com Roberto Lobato Corrêa (2008) as origens da Região Cultural, onde o Vale do Café, ao longo dos anos foi sendo promovida.

Nesse sentido, a Região Cultural é entendida como um espaço apropriado e controlado, a ser incorporado por um dado grupo ou instituição. É objeto de políticas culturais que visam contribuir a sua manutenção, expansão e/ou incorporação de práticas culturais diversas no que diz respeito à celebração, memorização e à criação de símbolos *identitários*, entre outros elementos, que reafirmam a apropriação regional (CORRÊA, 2008 p.12).

No Brasil existe uma heterogeneidade cultural física e social evidente. Nesse sentido, desde a década de 1940, no Brasil, foram definidas regiões naturais brasileiras por Guimarães (1941). E as regiões delimitadas pela transformação do espaço por ação humana são correspondentes à divisão regional do Brasil dada pelos geógrafos do IBGE em 1967. Os aspectos culturais foram considerados. No entanto, o objetivo da regionalização do Brasil sempre esteve associado às bases econômicas.

Os critérios para a divisão das regiões foram: a divisão territorial do trabalho, condições de vida e lugares centrais - o que deixou de lado outros indicadores como raça, religião, modo de falar, dieta alimentar, origem étnica. Entretanto, a interesse pelas regiões culturais aparece fortemente nos estudos de não geógrafos.

Em 1930 começam a surgir pesquisas, pretendendo definir regiões culturais e valorizar a moradia ou a alimentação, a cultura de forma ampla como nos estudos de Donald Pierson e Mário Wagner Vieira da Cunha, por exemplo. Além disso, nas pesquisas voltadas à questão da delimitação (CORRÊA, 2008 p.14) começaram identificando os tipos de diferenciações nas regiões culturais (Roger Bastide 1980, 1988; Edgar Junior 1977). Ao pensar o conjunto de regiões culturais, esses pesquisadores procuravam a heterogeneidade cultural do espaço para identificar as regiões culturais.

A identificação e a descrição das regiões culturais na pesquisa de Diégues Júnior, em 1952, (idem, 2008 p.14) estavam baseadas na presença humana no espaço, articulava elementos naturais e da atividade econômica mais evidente. Cada região

possui tipos humanos característicos, condições sociais específicas e representava a atividade implantada.

Essas regiões²⁷ foram absorvidas em dois grupos: as nove primeiras regiões estão caracterizadas por seus processos de formação, e, dessas, a *Área do Café*, por exemplo, sendo consideradas autônomas. As regiões de Diéguas Jr foram pensadas e identificadas a partir do longo período do Império até o final da década de 40. Com o passar do tempo, a capacidade de manutenção das regiões culturais estabelecidas por Diéguas Jr., já na década de 1950, foram perdendo força por conta das transformações socioculturais. Isso afetou a estabilidade das regiões: como Meinig explicita, seria um estágio de dissolução da cultura regional pela ação da cultura nacional ou global (CORREA, 2008, p.16).

Os processos de industrialização e urbanização trouxeram ao Brasil essa nova lógica independentemente das regiões culturais. A partir de 1950, esse novo processo sobre o espaço criou outras formas e funções para as regiões culturais ou as fez desaparecer. A industrialização no campo, a ampliação das migrações no Brasil, possibilitando o contato com outras culturas regionais distintas, a integração nacional, alterou a configuração espacial brasileira. Isso corroborou para a dissolução das regiões culturais. Hoje elas são reativadas por políticas culturais para o turismo.

Nesse sentido, as regiões culturais tem em si a marca de seu tempo (CORRÊA, 2008), mostram as faces materiais e imateriais em seu processo de construção. Essa condição instalada na região abre caminho para novas conceituações e sentidos para as regiões culturais hoje.

Existe nesta região a formação de espaços desiguais. O núcleo da constituição do Vale do Café é, justamente, o foco das áreas de Colonização Europeia e áreas do café. Utiliza-se a temporalidade e a periodização dos processos culturais no espaço para construir o pano de fundo e a noção do Vale do Café como região cultural. No século XIX era uma região cultural emergente, “apta” à produção do café.

Nos últimos 10 anos essa mesma região desliza para o turismo, é agora “vocacionada” às práticas turísticas, culturais e artísticas: existe, assim, uma ressignificação de formas e conteúdos, da natureza e da paisagem regional. O Vale do Café nos últimos anos tem resgatado valores e anseios, e a partir deles os atores envolvidos se identificam o que permite desenvolver um sentimento de pertencimento e vínculo à base espacial.

A região cultural é vivenciada pelos atores, e também por aqueles que não pertencem à mesma. No entanto, aquele que está presente na região, seja por pouco

²⁷ As regiões do Brasil percebidas por Diegues Jr. foram: 1 - Nordeste Agrário do Litoral; 2 - Mediterrâneo pastoril; 3 - Amazônia; 4 - Planalto Minerador; 5 - Centro-oeste; 6 - Extremo Sul-Pastoril; 7 - Áreas da colonização europeia; 8 - Área do café; 9 - Faixa urbano-industrial; 10 - Área do cacau; 11 - Salineira; 12 - Áreas de pesca. A divisão destas regiões tem uma visão diferente da dos geógrafos, que tenham por teoria-metodológica as cinco grandes regiões em 1955: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Somente as regiões Norte (Amazônia) e Centro-Oeste eram comuns às duas distinções, no entanto, constituídas a partir de critérios diferenciadores distintos.

tempo ou quer seja permanente, se percebe a manifestação material e imaterial da cultura nas paisagens e práticas significantes que a compõe.

O Vale do Café é destino turístico na região do Vale do Paraíba Fluminense. E o turista busca vivenciar a diferença nos elementos subjetivos e materiais que se manifestam e passam a ser notáveis no espaço, esses elementos estão impressos na paisagem cultural.

A região expressa os vínculos dos grupos e o seu espaço de construção social. Segundo Castro (1992, p.32) essa relação engendra identidades distintas:

[...] estruturado individualmente, que podemos chamar de Topofilia, e outro estruturado coletivamente, na dinâmica das relações sociais, que caracteriza um espaço de vivência mais ampla, conformando uma identidade espacialmente maior, que seria a região. A região é então uma fração estruturada do território. Por constituir uma estrutura, a região possui uma identidade que permite diferenciá-la do seu entorno. Essa personalidade regional possibilita sua delimitação a partir da compreensão de especificidades que ela contém. A região é, portanto, concreta, observável e delimitável. Como qualquer segmento do espaço, a região é dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial.

Nesse sentido, a região cultural tem uma identidade certificada pelos atores sociais que a particularizam. Delegam sua construção e reconstrução no decorrer da história econômica, política e cultural global e local. Os grupos têm papel determinante na organização e/ou transformação da região. Por essa perspectiva, suas práticas têm significado próprio, atrelado à cultura do grupo. Aparecem assim, recortes espaciais distintos, mas unidos, evidenciam elementos comuns que possibilitam a existência de um espaço singular, onde os grupos sociais partilham da mesma identidade.

Como Bourdieu (1989) apresenta antes mesmo da categorização de uma região existe uma função objetiva que cria uma realidade objetiva. A busca por critérios objetivos de uma identidade regional advém das práticas sociais dos grupos envolvidos. Isto é, os critérios (que são objetos de representação mental) são utilizados para delimitar uma região cultural e estão sujeitos aos códigos que permeiam cada grupo social e sua manifestação no espaço.

Nesse momento, entendemos com Bourdieu (1989) que a luta das representações (a qual corresponde às imagens mentais e às manifestações sociais) é a própria luta pela identidade regional, é a luta pelo monopólio da imposição da definição regional (fronteira, nomeação, função, particularidade).

Não obstante, a manifestação dos grupos sociais não precisamente obedece a limites político-administrativos. Isso ocorre porque a definição acontece a partir do estabelecimento de uma “fronteira”, ou seja, existe um limite que separa a manifestação simbólica do espaço seletivo onde a manifestação não se materializa. Por isso, destacamos que o estabelecimento desses limites pode ser impreciso, pois depende do movimento dos grupos no espaço. (ver figuras 1 e 2).



Figura 1 - Região do Vale do Café em relação ao município do Rio de Janeiro segundo a Setur (Rio+20).

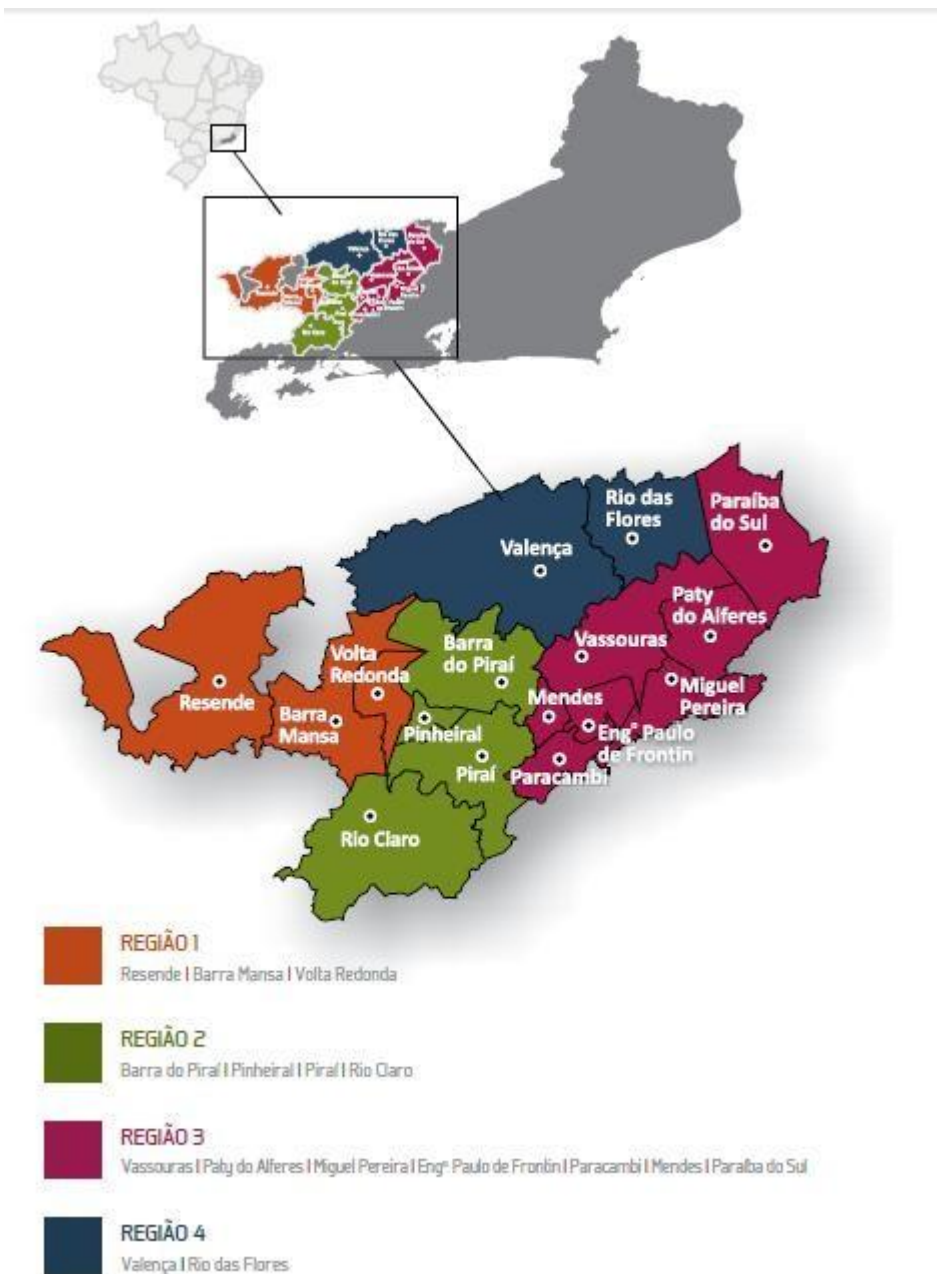


Figura 2 – Regionalização presente no Guia Cultural do Vale do Café de 2013. Fonte: Instituto Cidade Nova (ICN).

Na regionalização – percebidos na figura 1 – da Setur (Rio+20) não estão presentes os municípios de Rio Claro e Resende, enquanto o mapa – da figura 2 – proposto pelo ICN os inclui como pertencentes à região do Vale do Café. Isso evidencia representações sobre a região do Vale do Café com sentidos fronteiriços diferentes.

O processo de regionalização pressupõe uma generalização, privilegiando sempre o que é predominante de acordo com o critério escolhido, no caso da cultura, um determinado grupo social. Porém, não quer dizer que o espaço regional seja homogêneo, pelo contrário, a diversidade é intrínseca a esse contexto, pois em geral culturas diferenciadas coexistem numa mesma porção do espaço, diferindo apenas no contingente étnico e no sistema simbólico inerente a cada grupo social.

Neste sentido, Claval (1999), estabelece que uma região cultural seja delimitada pelas diferenças de códigos e como as culturas utilizam-se dos mesmos. No instante e local onde os traços culturais mudam, tem-se a linha limítrofe da região. Portanto, a cultura não tem limites rígidos, uma vez que esses dependem da coesão do grupo cultural e, conseqüentemente, da sua continuidade no espaço.

A região cultural no Vale do Café se dá pela escolha de paisagens representáveis. Há uma seletividade de paisagens por parte dos atores envolvidos (mídias sociais, empreendedores, prefeituras) as quais constroem uma rede de legitimidade cultural da região.

Um caso interessante é a condição dos municípios de Volta Redonda e Paracambi. O primeiro está associado à reestruturação produtiva industrial no interior do Estado do Rio de Janeiro, conhecido historicamente pela maior siderúrgica da América Latina, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), considerada um marco no processo brasileiro de industrialização, e que hoje se insere no contexto do turismo e lazer a partir das Fazendas no Vale do Café.

Já Paracambi, é conhecido no senso comum como parte da Baixada Fluminense, entretanto as Secretarias nos últimos anos têm resgatado sua formação espacial e se legitimado no Vale do Café, na busca por dinamismo econômico pelo turismo cultural e ecoturismo, por exemplo, de linha limítrofe da região cultural.

Em suma, o debate da região cultural nos permite fazer algumas conjecturas a respeito do Vale do Café, considerando seu processo histórico de formação e sua nova configuração espacial e cultural, o que acarretou profundas transformações no espaço geográfico da região Vale do Paraíba Fluminense, frente à inserção de novos códigos culturais.

CAPÍTULO 2 – A PRODUÇÃO DO VALE DO CAFÉ E O PAPEL DAS POLÍTICAS DE TURISMO NA CONSTRUÇÃO DA REGIÃO

O presente capítulo pretende apresentar a produção do Vale do Café bem como o papel das políticas de turismo quanto um vetor importante para desenhar a construção dessa Região. Assim, parte da dissertação baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, documental e de atividades de campo na região do “Vale do Café”. Destaca-se a importância do resgate histórico do Café para aquela área no Século XIX, bem como os desdobramentos da apropriação contemporânea das “representações do Café” através de uma “história singular” que permeia a escravidão, a vida senhorial e a paisagem da região que marca os casarões – muitos deles utilizados em práticas turísticas na região.

Entendemos que a prática turística tem por objetivo o desenvolvimento regional de uma área em decadência econômica desde o fim da era do Café. Nesse sentido, o Turismo, como campo de pesquisa em Geografia reflete a ênfase econômica, cultural, política e social que este campo multidisciplinar ganhou nos últimos anos.

O Turismo permitiu um novo olhar sob o desenvolvimento econômico das regiões, sendo assim objeto importante para os estudos geográficos.

Estamos de acordo com o que Cruz (2001) indica: “o turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço”. Por este motivo, a Geografia é a ciência que vai desvendar os processos, as formas e estruturas espaciais do fenômeno turístico. De maneira sucinta, o turismo representa uma parcela das faces que compõem o espaço geográfico.

O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico. (CRUZ, 2001, p.12)

O turismo é um fator importante na transformação do espaço geográfico, o qual produz regiões delimitadas, visíveis e, com características próprias em diversas partes do mundo. O Vale do Café está neste contexto, essa região busca aquilo que é “*próprio*” (CERTEAU, 2009) e assim legitimar sua existência do local ao regional. Neste capítulo, portanto, apresentaremos a historicidade do Vale do Café, para entender o processo de construção como categoria espacial e social. Os subcapítulos dessa discussão são resultado da revisão bibliográfica da geografia regional do Vale do Café, onde verificamos que o termo foi criado como atrativo turístico, mas que se remete à “natureza” no sentido de presença de paisagens naturais e um sentido simbólico, onde o imaginário toma a realidade.

O Vale do Café é um “processo”, o que permite desconstruí-lo e desnaturalizar a realidade apropriada para a região. Assim, aquilo que chamamos de Região do Vale do Café é entendido como parte representacional do interior Sul fluminense e Vale do Paraíba, se diferenciando de outras regiões a partir de: I) práticas dos atores locais; II) Planos e Projetos dos governos federal e estadual; III) sua historicidade regional; IV) uma estrutura urbana e rural que possibilita a idealização de sua representação.

2.1 Historicidade do Vale do Café

A moda do café foi tamanha que o brilhante Johann Sebastian Bach compôs, em 1732, a Cantata do café, uma de suas raras composições de caráter profano e jocoso, uma história de amor, na qual exalta as qualidades da bebida, de forma arrebatada: “Ah, como é doce o seu sabor! Delicioso como milhares de beijos, mais doce que vinho moscatel! Eu preciso de café”...²⁸

Essa citação tem seu contexto no início da produção expansiva do café. No século XVIII o café já era considerado produto luxuoso no mercado internacional. Nesse período, o café foi cultivado na França e Holanda como planta exótica, raridade botânica e requinte digno de presente régio. Isso ocorreu após o contato europeu com o “Hábito do Café” originário da tradição religiosa na Turquia e Egito, em meados de 1580.

De planta de jardim à *commodity*, o café passou a ser implantado nas colônias europeias. No Brasil, o café ingressa pelas fronteiras do Maranhão e Grão Pará em meados de 1720. No entanto, somente com a crise do ouro nas Minas Gerais na segunda metade do século XVIII que a implantação do café como produto de exportação internacional é consolidado no Sudeste do Brasil.

O café superou-se como bebida energética, predominando nas economias da América Latina. E passou a ser *commodity*, principal produto de exportação do Brasil no século XIX. De início, o café se espalha da capital do Império até as regiões serranas. Os primeiros cultivos de café estão constatados na região do bairro da Tijuca, se dirigindo para Petrópolis, não se adaptando as geadas do clima. As plantações voltam para a “Baixada Fluminense”, entretanto, não se fixaram ao solo argiloso e úmido das encostas e dos terrenos planos.

Em seguida, o café encontrou terras propícias à produção às margens do rio Paraíba, mais especificamente em Resende no ano de 1790, se espalhando pela região do Vale do Paraíba do Sul²⁹. O sucesso agroexportador foi proporcionado por fatores de aplicação de capital desde propriedades privada, setor de transporte aos investimentos creditícios.

Antes do café, a economia açúcar no século XVII garantiu parte da infraestrutura das futuras fazendas de café no que se refere abertura de rotas para escoamento da produção no Vale. Outro ponto importante são os preços internacionais do café. Esse se baseava a um mercado elitista e restrito, mas se expandiu com a massificação do consumo e da produção, isto é, graças ao incentivo à monocultura nas Américas, e mais potencializada no Brasil.

A qualidade do solo no Vale do Paraíba fluminense foi permitida por conta da ocupação tardia. No século XVII a Mata Atlântica ainda estava preservada, no entanto, com o povoamento a mata foi derrubada para o cultivo de café restando 10% da mata ciliar original. O processo de ocupação tem por conjuntura a mudança da sede administrativa do vice-reinado do Brasil para o Rio de Janeiro.

Assim, as atividades econômicas no porto da província aumentaram, conseqüentemente, a burguesia comercial e financeira da época³⁰ se fortaleceu. Foi essa

²⁸ *Origens: A história do Café*. Primeiro Capítulo. Editora Contexto, 2008.

²⁹ Incluindo as áreas de Paty do Alferes, Sacra Família e Vassouras onde posteriormente se concentravam as propriedades e cultivo de café (TELLES, 2006).

³⁰ FLORENTINO, M; Fragoso, J. Arcaísmo como Projeto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001 e DEAN, W. *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

burguesia que introduziu créditos e escravizados na colônia, redistribuindo e exportando para o interior do Rio de Janeiro. Essa dinâmica desenvolveu as áreas do Vale. Outro fator de ocupação no Vale do Paraíba do Sul foi a questão da alta no preço de exportação e produção do açúcar³¹, proporcionando a sua produção na região do Vale³². No entanto, o açúcar não prevaleceu porque com o passar dos anos se tornou um produto em queda no mercado internacional.

O início do cultivo de café vai definitivamente coincidir com esses fatores e com o esgotamento das jazidas de ouro nas Minas Gerais, assim, os mineradores passam a se instalar no Vale. Uma nova estrutura de estradas, abertas por conta do financiamento do açúcar e aurífero, garantiu condições financeiras aos agricultores e latifundiários tradicionais de estabelecerem um complexo econômico da região, no início do século XIX.

Nesse contexto, essas pessoas abastadas tinham condições financeiras para adquirir terras e organizar fazendas de café, além da comprar escravos. Foram nesses cafezais que se formaram grandes latifúndios e os “Barões do Café”, os quais vieram de Minas Gerais e em parte era população de Portugal e da planície paulista e fluminense (TELLES, 2006).

Em 1782 Vassouras se torna o centro da produção cafeeira do Brasil para demanda internacional. Esse centro tem como precursor, Custódio Ferreira Leite, o Barão de Airuoca³³, o qual indica aos amigos e parentela as terras para produzirem na região. Nesse processo, o “ouro verde” gera grandes transformações nas relações sociais, na configuração política e institucional da cidade. Assim, Vassouras estabeleceu sua identidade a partir dos lucros do café, e passa a ser conhecida como cidade dos “Barões do Café”.

As fazendas do café foram construídas na primeira metade do século XIX e são consideradas um testemunho arquitetônico. Para Castro (1995) essas “edificações representam a rusticidade da arquitetura colonial”. Já aquelas construídas pós-segunda metade dos oitocentos (CASTRO, 1995) são vistas como monumentos. Com os lucros arrecadados da produção do café houve o investimento e o refinamento de decadentes casas rurais ao estilo neoclássico que atendiam o status dos “Barões do Café”.

Essa preocupação com o ordenamento das fazendas não se limitou à vida no meio rural. Esse estilo se alastrou para as sedes municipais, centros do poder político, além do ordenamento de jardins, palácios e vivendas (VALVERDE, 1985). Não foi somente a Família Real Portuguesa na cidade do Rio de Janeiro que promoveu o embelezamento a cidade. A acumulação de riquezas dos Barões do Café se materializou na presença de palácios, Paços Imperiais, instituições educacionais³⁴, palacetes com empregados, mobília europeia luxuosa.

³¹ Entre 1775 e 1805 os índices de exportação do açúcar no RJ subiram 300% e gerou 500% de aumento nos preços (Tambasco, 2007, p, 27).

³² Em Vassouras, os latifúndios canavieiros foram às fazendas Pau Grande, Secretário e Ubá.

³³ Construtor da Estrada da Polícia, aberta para proteger o país nas suas fronteiras ao Sul e proporcionar um meio de transporte para o comércio de gados e mulas provenientes desta região, como também propiciar as ligações com o Rio de Janeiro para escoamento de mercadorias de exportação. Essa estrada garantiu um aumento de fluxo na região do Vale Médio do Paraíba. A Estrada da Polícia incentivou o assentamento de pequenos agricultores e meeiros que contribuíram para o alargamento da produção destinada ao mercado interno e externo. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* – Vol. 5 Nº 9 Jul-Dez 2010, p.57.

³⁴ Na segunda metade do século XIX escolas foram destinadas à população de Vassouras. Segundo a Constituição de 1824, artigo 179, item XXXII, ficava garantida a instrução primária gratuita a todos os

Ademais, era comum a realização de eventos públicos como bailes, festividades religiosas, musicais e apresentações teatrais³⁵ na Província de Vassouras. Dava-se importância à presença de convidados políticos ilustres da alta sociedade. Também eram convocados músicos de São Paulo e Rio de Janeiro. A população escrava se posicionava em suas festas, que eram mais simples, no entanto as realizavam com euforia, aliviando das tensões da escravidão e reafirmando assim suas espacialidades, sua cultura, sua música (CYRILLO, 2008). No enredo das festividades:

Aprestava-se assim a comunidade rural para uma vida social ritmada pelos noivados, casamentos, batizados, aniversários, quando tinham lugar as reuniões festivas, com grandes comezainas, música e bailes (dançava-se a polca, a mazurca, o xote ou o miudinho), que podiam desdobrar-se em pescarias e caçadas, em cavalhadas, fogueiras e foguetórios. No terreiro, nessas ocasiões, a escravaria dançava o jongo ao redor das fogueiras, enquanto os caipiras divertiam-se com o cateretê, o arrasta-pé, o corta-jaca, etc. (LAPA, 1983).

Os Barões do Café tinham interesse em mostrar status e força econômica, já tinham posse de escravos, e propriedades. Ao obterem a concessão de mais de 870 títulos nobiliárquicos por parte de D. Pedro II, durante os anos de 1840 a 1889, eles passaram a ter influência política para além dos latifúndios (GRIEG, 2000). Esses Barões intervinham na política no final do Império, de maneira local e provincial.

A elite baronesa passou a viver de maneira ainda mais sofisticada, chegando a fazer concorrência com a Corte. Em uma fazenda do Vale do Paraíba, o proprietário chegou a importar o gramado da Inglaterra. Alguns barões recebiam visitas da família imperial. “Nas recepções importantes, o proprietário chegava ao requinte de apresentar um *menu du dinner*, impresso em panos feitos em tipografia da capital (GRIEG, 2000, p. 36). Como materialização das práticas de poder, os grandes casarões e antigas fazendas do Vale do Café, essas que são agenciadas como elementos nostálgicos desta valorização da região (figuras 3 e 4):

cidadãos. No entanto as escolas eram destinadas aos locais onde a Corte estava presente. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* – Vol. 5 Nº 9 Jul-Dez 2010, p. 285.

³⁵ Também na segunda metade do século XIX “a riqueza econômica gerada pelo café, a possibilidade de mecenato pelos barões e coronéis, fazia destas cidades um porto seguro para as agruras da vida itinerante do artista (...). As companhias de teatros eram denominadas ‘Mambembes’. Eram companhias artísticas nômades, organizadas de improviso, e que percorriam cidades, vilas e povoações levando um repertório eclético, com peças de fácil apelo popular, especialmente comédias, que eram apresentadas onde fosse possível: desde um teatro, propriamente dito, até galpões, terreiros, praças etc.”. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* – Vol. 5 Nº 9 Jul-Dez 2010, p. 289.



Figura 3 - Casarão da Fazenda da Taquara em Barra do Piraí. Fonte: foto da Autora, 2013³⁶.



Figura 4 - Produção de Café na Fazenda da Taquara em Barra do Piraí. Fonte: foto da Autora, 2013.

Para Castro (1995) os fazendeiros de café no Rio de Janeiro se preocupavam com o luxo e a aparência de sofisticação. Já os fazendeiros paulistas se preocupavam com a produção, maquinário moderno e absorver os imigrantes para trabalhar no cultivo e lavoura (MONBEIG, 1984). Apesar de não investirem em maquinário, era necessário investir constantemente, para isso surge o “Comendador”, um negociador do café para exportação e financiar a região cafeicultora.

Além dessa figura financiadora, na capital da Província do Rio de Janeiro existia uma elite de comerciantes e financistas que mantinha contato com os Barões do Café no

³⁶ Relatório de Campo na Fazenda da Taquara em Anexo II, p. 121, desta dissertação.

Vale (Florentino e Fragoso, 2001). Ao passo que o mercado internacional concedia espaço ao consumo do café, os lucros e créditos iam se expandindo não sendo mais pessoais, se tornaram empréstimos bancários.

Os bancos inventariavam os lucros do consumo do produto, assim como aumentava o número de hipotecas a partir de 1850. E em 1859, criam o Banco Comercial e Agrícola na cidade de Vassouras.

Com terras férteis, capital financeiro e mão de obra escrava numerosa até então, os custos de produção caíam conforme a produção aumentava. Com o passar dos anos, as cidades do Vale do Paraíba do Sul e outras cidades cafeicultoras foram criando uma rede sobre essa *commodity* nos mercados internacionais.

Nesse momento, o maquinário de café é introduzido na região, diferentemente da produção cafeeira paulista que já utilizava máquinas de plantio e colheita. É nesse mesmo íterim, na segunda metade do século XIX, que foi impetrada a extinção do tráfico negreiro em 1850, o solo já estava se tornando infértil, a mão de obra escrava não era mais reabastecida e dificilmente substituída.

Inicia-se, assim, o declínio da economia do Vale do Paraíba Fluminense. O cultivo de café passou anos sendo realizado com técnicas de manejo rudimentares, por mão de obra escrava. O desmatamento era intenso e as sucessivas colheitas desproveram o solo de proteção natural, esgotando as terras férteis rapidamente. Além do mais, as plantações de café passam a ser substituída pelo capim superficial e pelo gado (STEIN, 1985).

A dinâmica da lavoura de café no Vale articulou um mercado de crédito a partir de sistemas de hipotecas de fazendas, empréstimos pessoais, uso de escravos como financiamento e garantia pelos cafeicultores e comendadores. Nesse sentido, se criou uma rede de investimentos financeiros entre produtores locais, e também pela articulação das vias, estradas e portos, alcançando até mesmo a elite da província.

Mesmo com o movimento abolicionista durante a década de 1880, os escravos que foram adquiridos continuaram sendo utilizados como meio de paga nas transações de crédito afim de os cafeicultores do Vale lucrarem. Segundo Marcondes (1998), no Vale do Paraíba:

(...) a manutenção do cultivo do café começava a mostrar sinais de esgotamento, em especial na oferta de terras de qualidade e de mão-de-obra. Assim, se de um lado existiam melhores possibilidades de financiamento, de outro a produção cafeeira começava a apresentar seus limites de expansão na região. (Marcondes, 1998, p.3)

A relação hipotecária com o banco transformou a dinâmica econômica dos cafeicultores locais, antes o financiamento era realizado por parentesco. Entre os anos de 1830 a 1888, o Vale do Médio Paraíba comandava o mercado cafeeiro no mundial, com uma produção em larga escala e baixos custos de produção pela mão de obra escrava. Houve um aumento da exportação por conta do declínio dos preços das sacas de café entre 1873-82 (em réis), assim o Vale acabou por superar a economia cafeeira de outros países como Haiti, Cuba, EUA e outras colônias inglesas e francesas (TAUNAY, 1945).

Apesar de a produção de café ter sido a commodity que integrou o Brasil ao mercado internacional, que gerou uma rede de transporte³⁷ e consumo em massa, ter sido símbolo do trabalho do homem do século XIX em diante, o Vale do Paraíba, por outro lado, não acompanhou esse sucesso do fruto. A atividade cafeeira se manteve até o início do século XX (LIMA, 2007). Em meados de 1880, a produção cafeeira entrou em colapso no Vale do café fluminense. A falência da economia do café perpassa pela abolição da escravatura em 1888 e pela crise do café com a quebra da Bolsa de Valores em 1929.

Outros fatores que influenciaram no fim da economia do café foram o fim do tráfico de escravos com a Lei Eusébio de Queiroz em 1850, a Guerra do Paraguai durante os anos de 1864 e 1870, a nova ordem da divisão internacional do trabalho. Além disso, deixou-se por legado o esgotamento dos solos, da vegetação e dos recursos hídricos. Nessa sequência de derrocadas, as elites locais não foram totalmente atingidas pela crise, já que a economia do café se tornou parte do mercado financeiro:

A decadência da economia escravagista não teve como consequência o empobrecimento das elites que nela se sustentavam. A maioria conseguiu contornar a crise, investindo inclusive na cafeicultura em São Paulo ou refluindo para a cidade do Rio de Janeiro e transmutando seu patrimônio. Parte da liquidez obtida pelos fazendeiros do café foi deslocada para negócios comerciais e financeiros na cidade do Rio de Janeiro. Há indicações de uma diversificação patrimonial dos antigos cafeicultores e de fortalecimento da Bolsa de Valores no século XIX (LESSA, 2000, p. 123).

O capital acumulado foi investido nas localidades dinâmicas e rentáveis do país, deixando o interior fluminense a mercê de qualquer movimentação econômica, o que restou foi o lastro de esquecimento e empobrecimento.

Dessa maneira, a saída para o desenvolvimento econômico foi o reordenamento espacial. A agropecuária é inserida na região e organizada pelos próprios proprietários das fazendas de café, com o corte e produção de leite. Essa atividade não obteve a opulência da cafeicultura e não pôde sustentar a região do Vale do Paraíba Fluminense. Os proprietários, por sua vez, sendo cobrados pelas instâncias financeiras (as companhias agrícolas do governo do Rio de Janeiro) não puderam arcar com suas dívidas. Em suma, muitos fazendeiros, venderam suas propriedades e/ou hipotecaram nos bancos de crédito. A antiga força econômica e política do auge do “ouro verde” se desintegrou.

Foi durante a década de 1950 que a ideia de valorizar a história do Café reanima a região. No início do século XX os casarões de algumas fazendas são ocupados por Cassinos, Hotéis, e como casas de campo. Nesse momento se inicia um movimento de compra das fazendas por diferentes proprietários até os anos 1970.

³⁷ A ferrovia tem sua incorporação no início de 1830 em diante, era de domínio da produção cafeeira, de cargas e pessoas como força de trabalho. Um transporte vinculado à produção, à dinamização da economia interna fluminense, e ao mesmo tempo, simbolizava a riqueza dos barões do café. As linhas ferroviárias eram pertencentes ao Imperial Companhia de Estradas de Ferro, concedida ao engenheiro Thomaz Cochrane em 1840 e Charles Garnett, em Barra do Pirá. Ademais outra concessão dada pela Sociedade de Estradas de Ferro de Dom Pedro II estabeleceu construção de ferrovias que alcançavam o Vale do Paraíba por Vassouras. Desde meados do século XX as locomotivas foram privatizadas.

A grande maioria compradora das fazendas era de uma nova elite, que não tinha ligação com os antigos “Barões do Café”, ou com o latifúndio cafeeiro. No entanto, buscavam áreas de investimento imobiliário e agropecuário, casas de veraneio e procuravam usufruir da beleza arquitetônica. Hoje o turismo é a alternativa de manter o patrimônio, dinamizar suas rendas, e resgatar a história do denominado Vale do Café.

2.1.1. Do “Vale Fluminense” ao Vale do Café

Após a derrocada do café no Vale do Paraíba Fluminense houve o aprofundamento das desigualdades espaciais e um grande esvaziamento econômico no interior Fluminense. Esse fato não é novidade e segue evidente nas últimas décadas. As duas regiões administrativas que compõem o Vale do café fazem parte deste contexto: Médio Vale do Paraíba e Centro Sul Fluminense. É através de políticas de desenvolvimento regional, estratégias e inovações que se pretende dinamizar a economia regional/local.

Com a conjuntura de crise, que se iniciou na década de 1850 e processos decorrentes, o capital acumulado da atividade cafeeira no interior fluminense "fugiu" das regiões Médio Vale do Paraíba e Centro-Sul Fluminense. Um intenso processo de esvaziamento de pessoas, investimentos, e de políticas públicas regionais se instaurou.

Nos anos de 1980, o país passou por uma longa crise inflacionária. O Estado passou a reduzir seu papel econômico e estabeleceu um discurso desenvolvimentista, o qual se mostrou incapaz de solucionar desigualdades econômicas, espaciais e sociais. Esse discurso era do desenvolvimento industrial, que traria urbanização aos espaços, enquanto o rural se fortaleceria nas singularidades.

Ao longo desse período, a região Centro Sul Fluminense ainda era economicamente reconhecida a partir do plantation de café durante a Brasil Império, pois, a cafeicultura foi a maior contribuição econômica para a região até início do século XX. Com a derrocada da economia do café e a implantação da agropecuária, se ascendeu a lógica urbano-industrial. Mesmo assim, se percebe um esvaziamento das regiões Centro Sul Fluminense e o Médio Vale do Paraíba ao se comparar com a hipertrofia do Rio de Janeiro. O Estado do Rio de Janeiro se estruturou espacialmente para se desenvolver e desenvolver o país.

Foi durante os anos de 1920 e 1940 que o Estado do Rio de Janeiro perde força econômica para São Paulo, e a região Fluminense, limítrofe ao Estado de São Paulo, recebeu empresas estratégicas para o desenvolvimento do país (MOREIRA, 2001).

As empresas estratégicas que propiciavam desenvolvimento nacional eram a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), Refinaria Duque de Caxias (REDUC), Fábrica Nacional de Motores (FNM). Nesse momento, a economia do Estado do Rio de Janeiro estava voltada para o nível nacional, dando as costas para a esfera regional ou local. O resultado disso são as disparidades internas do estado, a concentração de infraestrutura na região metropolitana, enquanto há um vazamento no interior do Estado como Moreira (2001) indica.

Nas regiões administrativas Centro Sul Fluminense e Médio Vale do Paraíba não houve integração ou formação de redes entre a cidade e o campo. A característica do Rio de Janeiro como capital do Brasil influenciou essa configuração. A condição do Rio de Janeiro como município e capital favoreceu a desvinculação do Estado com seu entorno. Ademais, mesmo com a perda da representação como capital não houve uma integração com o interior.

Entre os anos de 1960 e 1975 quando a capital é elevada a Estado da Guanabara essa desvinculação era evidente. Foi somente após 1975, no governo militar, o entorno e o estado, centro da metrópole e periferia, foram unificados numa tentativa de corrigir um “*erro histórico*” (SANTOS, 2002). Esse “*erro histórico*” contribuiu para o fortalecimento das desigualdades sociais no Estado do Rio de Janeiro. Davidovich (2000, p. 10) diz que se existe “falta de laços históricos de solidariedade e de pertencer coletivo da população no estado do Rio de Janeiro”, essa separação histórico-política intensificou esse sentimento e propiciou as barreiras para um desenvolvimento integrado.

O Rio de Janeiro passou a receber investimentos, como o II PND (Programa Nacional de Desenvolvimento) e também foi espaço selecionado para receber as novas tecnologias para o país. Becker e Egler (1992) dizem que essa foi uma necessidade de autonomia tecnológica nacional onde o Rio de Janeiro se transformaria numa potência da economia mundial.

Por esse motivo, estatais ligadas a setores da tecnologia de ponta se instalaram no estado, durante 1975: pode-se destacar a Usina Nuclear de Angra dos Reis, Fundação Oswaldo Cruz e a Companhia Brasileira de Computadores (COBRA). Esses investimentos, por outro lado, não dinamizaram o interior Fluminense pelo contrário reforçaram a centralidade do Rio de Janeiro.

Recentemente, entre os anos 1980 e 1990, momento em que a indústria deixou de conduzir a expansão do PIB³⁸, o setor de serviços passa a dinamizar a economia, sendo o principal empregador do país. Nesse contexto, as regiões Centro Sul e Médio Vale Fluminense passam por transformações espaciais e econômicas tanto no meio rural, como na indústria e no comércio.

Dentre os municípios que fazem parte desse contexto econômico estão os da região Centro Sul Fluminense, que compreendem duas microrregiões: Três Rios³⁹ e Vassouras⁴⁰. Essas microrregiões estão interligadas à região metropolitana pela BR-040 e BR-116 (Rio-São Paulo), respectivamente.

Na região existe um centro principal, o município de Três Rios, que durante a década de 90, a pesar da desaceleração do setor secundário, houve a geração de empregos nas indústrias metalúrgicas e indústrias de alimentos. Na microrregião de Vassouras se destacam os municípios de Mendes e Engenheiro Paulo de Frontin na produção industrial. A presença da ferrovia foi o trunfo para a instalação de indústrias na localidade (SILVA, 2003). Ademais a construção civil também foi incentivada com objetivo de construir residências de moradores e para atender os visitantes do Rio de Janeiro.

Com a diversificação do setor terciário, os municípios da microrregião Vassouras passaram a ser locais feitos para o turismo, residência de veraneio das pessoas da região metropolitana. De maneira gradual e apoiada por políticas públicas, a prática do turismo se tornou geradora de emprego e renda do local. A existência da Universidade Severino Sombra em Vassouras possibilita certa dinâmica comercial e imobiliária local. No entanto, no período de férias da Universidade ou nos fins de

³⁸ Nessas duas décadas, foi de aproximadamente 2% ao ano, em média (SANTOS, 2002).

³⁹ Três Rios, Areal, Comendador Levy Gasparian, Paraíba do Sul e Sapucaia (CEPERJ, 2011).

⁴⁰ Vassouras, Paty do Alferes, Mendes, Miguel Pereira e Engenheiro Paulo de Frontin (CEPERJ, 2011).

semana há a diminuição do movimento de pessoas e, conseqüentemente, na economia local.

Já o Médio Vale do Paraíba Fluminense, se tornou o que é hoje a partir do forte processo de urbanização do Brasil, nos últimos 60 anos. Inserido nessa conjuntura, o Médio Vale foi incentivado economicamente por políticas públicas que propiciaram o crescimento industrial, o comércio, serviços e o turismo. O Rural também passou por processo de reestruturação no momento em que se complexificou o trabalho local. O que diz respeito às “urbanidades” no espaço rural que Rua (2002) salienta. A urbanização pela indústria, por outro lado, não alcançou a totalidade do Vale do Paraíba Fluminense, o desenvolvimento local e regional trouxe uma ressignificação ao rural (NATAL, 2008). Uma ressignificação de símbolos que trazem ao presente uma memória histórica, do status dos Barões do Café e suas fazendas, da opulência da riqueza adquirida pela produção do café.

Essa é uma apropriação de símbolos culturais, é a revalorização de fixos nos espaços que remetem a tradição do café, da cultura e cotidiano, os quais são reinventados ou quando preciso se “conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins” (HOBSBAWM, 1997, p.13).

É dessa forma que o binômio representação-região (BOURDIEU, 2010) vem se estruturar no Vale do Café. O agenciamento da história do café, a paisagem-patrimônio, o estilo dos Barões dão substrato da construção desta rede regional, que tem no turismo sua conexão produtiva. Percebemos que aqui começa a se desenhar uma Região Cultural cujos traços possuem conexões econômico-turísticas.

Olhando para a região Médio Vale Fluminense, a qual também passa por esse processo de ressignificação, observamos que essa também é subdividida em Microrregiões pelo IBGE em 2010 – as quais foram adotadas pelo Governo do Estado – que são: a microrregião do Vale do Paraíba⁴¹ e a microrregião de Barra do Pirai⁴². A origem desses municípios está ligada diretamente à abertura de caminhos para alcançar a região aurífera, sendo pontos de parada e reabastecimento que ligavam o sul de Minas Gerais e o escoamento pelos portos do Rio de Janeiro. Logo foram criados os principais centros, durante o século XVIII: São João Marcos, hoje é o município de Rio Claro e Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, atualmente, Resende.

No processo de passagem da busca pelo ouro para a produção cafeeira, durante o século XVIII, é que vai ficar evidente a ocupação e não mais local de passagem. Esse fato se dará, justamente por conta da implantação da cafeicultura para os mercados internacionais. Foi neste instante que se deu a intensificação das lavouras em Valença e Rio das Flores, já durante o século XIX, no intuito de agregar mais áreas de cultivo. Esse crescimento exponencial da economia do café propiciou a instalação de fazendas de café: surge uma elite regional juntamente com poder imperial, os Barões do Café e seus escravos no interior do estado.

A construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, de 1855, que atualmente é a Estrada de Ferro Central do Brasil, servia às necessidades destas elites, no transporte de café. A presença de uma estação ferroviária na época era considerada fator de status para a paisagem e para a dinâmica econômica. Esse símbolo da modernidade e progresso, a ferrovia, garantiu ainda mais o poder e relevância econômica das elites cafeeiras tanto no Médio Vale como no Centro Sul Fluminense.

⁴¹ Volta Redonda, Barra Mansa, Pirai, Itatiaia, Porto Real, Resende, Quatis, Rio Claro e Pinheiral (CEPERJ, 2011).

⁴² Barra do Pirai, Valença e Rio das Flores (CEPERJ, 2011).

Por conta da proximidade São Paulo e Minas Gerais, os principais centros das duas regiões se tornam um local encontro entre ferrovias. E envolta dessas estações ferroviárias se iniciou um processo de ocupação e urbanização: praças comerciais, ponto de embarque e desembarque e centros políticos administrativos. Ou seja, muitos desses centros, que ainda hoje se mantêm como centros históricos e comerciais simultaneamente, foram construídos associados à economia do café.

Nesse movimento de crescimento exponencial o Brasil implanta políticas de desenvolvimento a partir das indústrias para bens de consumo: a Política de Substituição de Importações. O encontro das ferrovias, como dito acima, o acúmulo de capital do Café investido, a existência de barragens e represas possibilitando a obtenção de energia garantiu a instalação de indústrias têxtil como em Valença e Paracambi, e indústrias de alimentação (pecuária, laticínios) em Barra Mansa, são exemplo da transformação do país.

A presença da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e da Rodovia Presidente Dutra, a partir da década de 1940 mostra como a indústria era ícone da visão nacionalista e desenvolvimentista, foi ela quem promoveu a infraestrutura urbana no município de Volta Redonda e entorno. A CSN representa um marco para o desenvolvimento do país, e ao mesmo tempo descentraliza a referência industrial do Estado do Rio de Janeiro.

No entanto, a transição da produção do café à indústria não apagou a paisagem rural da região Médio Vale. Hoje a região possui um mosaico de atividades tanto constituídas pelo setor industrial como pela agropecuária de importância local – na indústria em Barra do Piraí, Volta Redonda e Resende, a produção de leite em Valença, Resende e Barra Mansa⁴³. Nomeadamente, as práticas entorno do turismo vem crescendo como alternativas econômicas para muitos municípios da Região, ao ponto de tecer uma dinâmica regional.

⁴³ Ver Guia Socioeconômico dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro (2016).

2.1.2 A noção regional do Vale do Café construída a partir das políticas de Turismo

O Vale do Café é uma regionalização projetada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro através da Setur e TurisRio⁴⁴. É composto pelas regiões político-administrativas: Médio Paraíba e Centro Sul Fluminense⁴⁵ e Metropolitana. Os municípios do Vale do Café têm um passado em comum: a tradição do café. Entendemos que o Estado, é um importante ator na construção dos limites desta região, e fomenta dinâmicas materiais e imateriais desta região.

Segundo a TurisRio (ver figura 5) os 14 municípios que compõem a região do Vale do Café são: Vassouras, Valença, Rio das Flores, Piraí, Engenheiro Paulo de Frontin, Paty do Alferes, Paracambi, Miguel Pereira, Mendes, Barra do Piraí, Pinheiral, Barra Mansa, Paraíba do Sul e Volta Redonda.

Os municípios da parte do Médio Vale do Paraíba Fluminense são: Barra do Piraí, Barra Mansa, Pinheiral, Piraí, Rio das Flores, Volta Redonda e Valença. Já os que fazem parte do Vale do Café, em relação à região Centro-Sul Fluminense, são: Vassouras, Mendes, Paty do Alferes, Miguel Pereira e Engenheiro Paulo de Frontin e na região Metropolitana, Paracambi⁴⁶.

⁴⁴ Setur é a Secretaria de Estado do Turismo que visa o turismo regional e atua na manutenção da gestão descentralizada do turismo, apoiando o fortalecimento de instâncias de governança local. Suas atividades visam o fortalecimento das ações com vistas à potencialização do fluxo de visitante nas cidades do interior do estado e capital, através do desenvolvimento de conceitos e produtos que representem as características culturais, históricas e geográficas de cada região turística. A TurisRio é a Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Uma empresa estatal de economia mista, vinculada à Secretaria de Turismo. Possui entre outras atribuições, a de gestora da política de turismo do governo, em consonância com o Plano Diretor de Turismo. A TurisRio tem como objetivo integrar as atividades de desenvolvimento do turismo de diversos órgãos e instituições para a melhor execução dos projetos. As parcerias são com o Ministério do Turismo, secretarias e órgãos estaduais, secretarias e órgãos municipais de turismo, instituições de ensino superior, organizações do terceiro setor, Sebrae-RJ, Senac Rio, empresários do trade turístico (Sítio: <http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp>. Acesso: 03/08/2018).

⁴⁵ Divisão Política-administrativa do estado do Rio de Janeiro, segundo as regiões de governo e municípios (Ceperj, 2014). http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/divis_politico_administrativo.html. Acesso em 03/08/2018.

⁴⁶ Na região Metropolitana. A incorporação de Paracambi no Vale do Café revela a preocupação em se associar a uma imagem turística desvinculada à imagem de violência e precariedade relacionada à Baixada Fluminense (ROCHA, 2014).

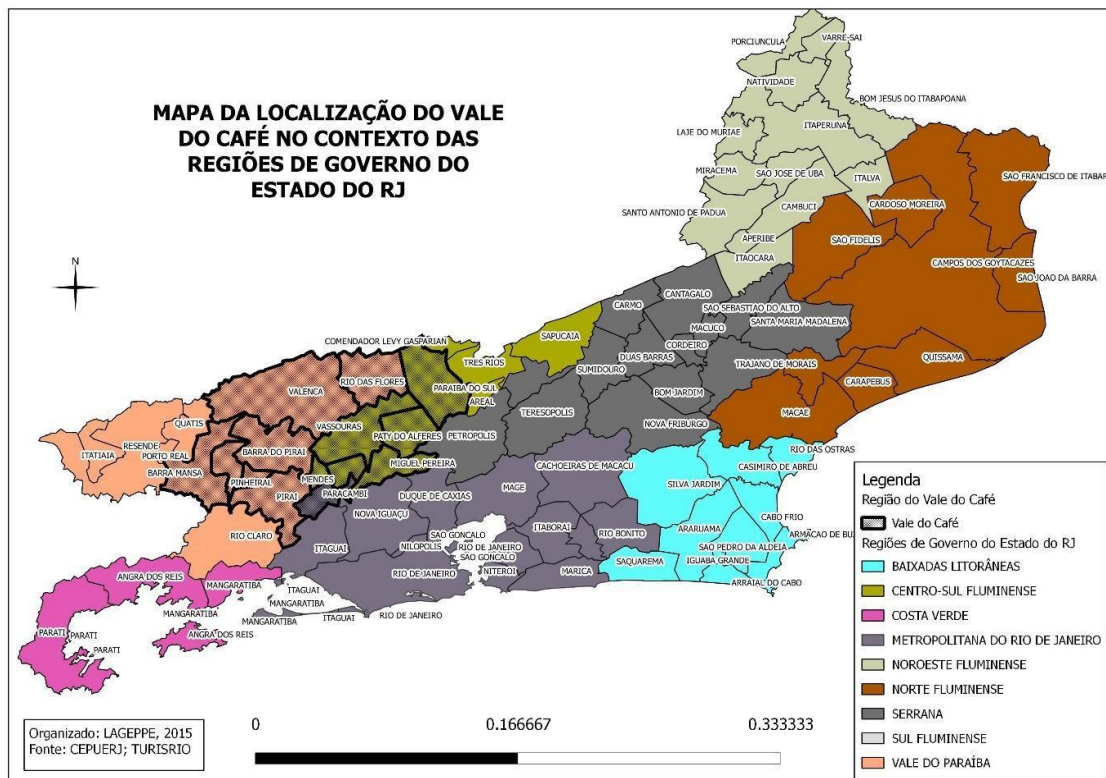


Figura 5 - Mapa das Regiões de governo e municípios do estado do Rio de Janeiro, com Destaque para o Vale do Café. Organização: LAGEPPE, 2015 Fonte: CEPERJ, TURISRIO.

A região do Vale do Café foi criada oficialmente em 2001 pelo Ministério do Turismo. Esse contexto de criação está atrelado à descentralização administrativa e financeira dos municípios. Isso ocorreu em todo o Brasil a partir da Constituição de 1988 e permitiu maior autonomia aos municípios. A municipalização (modelo de descentralização) pautada na lógica neoliberal de dissolução do Estado tornou os municípios responsáveis por implementação de políticas públicas de gestão municipal, sendo assim “entes governamentais” (SANTOS, 2002).

A descentralização foi apresentada como benefício à gestão dos serviços, arrecadação e orçamentos públicos. Essa pauta foi qualificada pelo Banco Mundial que, automaticamente, reduziu as responsabilidades do Estado à “Estado Mínimo”, promovendo privatizações, descentralização de poder, e o surgimento de administrações progressistas de vínculo popular. A descentralização administrativa seria uma forma de democratização do poder e proporcionaria a participação social na constituição das políticas públicas.

Neste mesmo período, com a descentralização foi necessário criar meios de arrecadação aos municípios. Nesse sentido, foi criado o FPM (Fundo de Participação Municipal) e o repasse do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) arrecadados pelo Estado. Isso corroborou para a manutenção dos municípios da região do Vale do Paraíba, que, como estratégia geopolítica, se integram para dinamizar a economia.

Nesse contexto, o turismo aparece como estratégia de arrecadação. Políticas e programas nacionais que têm a descentralização como eixo de suas diretrizes vão

garantir que o turismo aconteça. Essas políticas se materializam como estratégias na escala local, municipal e regional (ARAÚJO; CESAR, 2012).

Em 1994, o turismo foi reconfigurado pelo Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). A partir de 2003, recebe novo modelo, com o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), o qual gerou mudança na forma como os governos locais vêm atuando na gestão do turismo em seus municípios e regiões⁴⁷.

É nesse contexto que a região cultural (como áreas de cultivo de café) passa a ter noção de patrimônio cultural e região turística. A integração pelo turismo se tornou a solução para os pequenos produtores rurais no Vale do Café a partir da produção alimentícia artesanal de geleias, queijos, cachaça⁴⁸, e café em pequena escala e com o turismo rural e de aventura. Novos espaços foram recriados para a rede de apoio turístico, por exemplo, os Hotéis-fazenda, Sítios, rede de Restaurantes ou investimentos nos centros, praças e Igrejas históricas.

A integração também acontece pela “tradição do café”, a partir do turismo histórico-cultural. Nesse quesito, o Vale do Café tem como ápice o evento Festival Vale do Café, realizado desde 2003 nos meses de Julho, e dinamiza os municípios de Vassouras, Piraí, Barra do Piraí, Paulo de Frontin, Paty de Alferes e Valença. E as antigas fazendas, praças, igrejas se transformam em palco para concertos de música, teatro, rodas de curso.

Existe também o festival Café, Cachaça e Chorinho, realizado no mês de Abril. Esses dois festivais representam o Vale do Café, mas, principalmente, a aproximação entre empreendedores locais e poder político municipal.

Os museus-casa, as antigas fazendas do café e o patrimônio dos Barões do Café são também elementos que integram os municípios (Quadros 2 e 3). O histórico da intensa vida social europeizada, pela presença das grandes fazendas e casas urbanas que recriavam um ambiente de luxo, festas e música contribui para o que vemos hoje no turismo do Vale do Café. As marcas do passado Imperial deixadas na paisagem dos municípios se tornaram vitrine do Vale do Café e palco para os Festivais, filmes e novelas.

⁴⁷ “Mesmo um município que não possui uma clara vocação para o turismo - ou seja, que não recebe o turista em seu território - pode dele se beneficiar, se esse município desempenhar um papel de provedor ou fornecedor de mão-de-obra ou de produtos destinados a atender o turista. O trabalho regionalizado permite, assim, ganhos não só para o município que recebe o visitante, mas para toda a região.”
<http://www.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/63-acoes-e-programas/4882-programa-de-regionalizacao-do-turismo.html> Acesso: 03/08/2018 às 12:02h.

⁴⁸ Destaque para a Cachaça Werneck na Zona Rural de Valença e Fazenda Taquara em Barra do Piraí com produção orgânica de café.

Quadro 2 – Nome das Fazendas Históricas por Município e categoria turística

Nome	Município	Categoria
Fazenda da Taquara	Barra do Piraí	Fazenda de produção e Visitação Turística
Fazenda Ponte Alta	Barra do Piraí	Hotel Fazenda
Fazenda do Arvoredo	Barra do Piraí	Hotel Fazenda
Fazenda São João da Prosperidade	Barra do Piraí	Fazenda de produção e Visitação Turística
Fazenda da Alliança	Barra do Piraí	Fazenda de produção e Visitação Turística
Fazenda da Posse	Barra Mansa	Visitação Turística
Fazenda Santa Cecília	Miguel Pereira	Hotel Fazenda
Fazenda São João da Barra	Paulo de Frontin	Visitação Turística
Fazenda Uaná Etê	Paulo de Frontin	Visitação Turística
Fazenda Monte Alegre	Paty dos Alferes	Visitação Turística
Fazenda do Pau Grande	Paty dos Alferes	Visitação Turística
Fazenda Boa Esperança	Paty dos Alferes	Visitação Turística
Fazenda União	Rio das Flores	Hotel Fazenda
Fazenda Campos Elízeos	Rio das Flores	Fazenda de produção e Pousada
Fazenda Santo Antônio	Rio das Flores	Fazenda de produção e Pousada
Fazenda do Paraízo	Rio das Flores	Visitação Turística
Fazenda Florença	Valença	Hotel Fazenda

Fazenda Santo Antônio do Paiol	Valença	Fazenda de produção e Pousada
Fazenda Chacrinha	Valença	Fazenda de Produção e Visitação Turística
Fazenda São Paulo	Valença	Visitação Turística
Fazenda Pau D'algo	Valença	Fazenda de Produção e Visitação Turística
Fazenda Vista Alegre	Valença	Fazenda de Produção e Visitação Turística
<hr/>		
Fazenda Cachoeira do Mato Dentro	Vassouras	Fazenda de Produção e Visitação Turística
Fazenda Secretário	Vassouras	Visitação Turística
Fazenda Mulungu Vermelho	Vassouras	Visitação Turística
Fazenda Cachoeira Grande	Vassouras	Visitação Turística
Fazenda São Luiz da Boa Sorte	Vassouras	Visitação Turística

Fonte: Inventário das Fazendas Históricas do Vale do Paraíba - Instituto Cidade Viva. Organizado pela Autora, 2018.

Quadro 3 – Fazendas Históricas do Instituto Preservale por município – 2018

Valença	Vassouras	Barra do Piraí	Rio das Flores	Paulo de Frontin	Miguel Pereira
Fazenda Vista Alegre	Fazenda São Fernando	Fazenda Alliança	Fazenda União	Fazenda São João da Barra	Fazenda Santa Cecília
Fazenda Santo Antônio do Paiol	Fazenda São Luiz da Boa Sorte	Fazenda Ponte Alta	Fazenda Paraízo	Fazenda Uaná Etê	
Fazenda Florença	Fazenda Secretário	Fazenda da Taquara			
	Fazenda Mulungu Vermelho	São João da Prosperidade			
	Fazenda Cachoeira Grande				
	Fazenda Cachoeira do Mato Dentro				
	Fazenda Santa Eufrásia				

Fonte: Instituto Preservale. Organizado pela Autora, 2018.

Segundo o Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense (2008-2009)⁴⁹ existem cerca de 230 fazendas entre residenciais, históricas, de produção na região do Vale do Paraíba Fluminense. No entanto, somente as selecionadas no Quadro 2 e 3 estão aptas para turismo no Vale do Paraíba do Sul Fluminense. As fazendas de visitação turística são aquelas que propriedades que recebem visitação com hora marcada e sem hospedagem.

As fazendas de produção são aquelas que permanecem com atividade agrícola (cachaça, leite, queijos, café, orgânicos) e nos últimos anos têm aberto as portas para a visitação. Existem também fazendas de produção e pousada que permite a hospedagem de turistas. Os espaços das fazendas do Vale apresentam certa multifuncionalidade ao introduzir atividades para além da agrícola.

Existem as propriedades que são Hotéis-Fazenda, nesta o turista pode contemplar a arquitetura local, a natureza, praticar esportes, participar de festivais de entretenimento e de manifestação popular e usufruir da “autenticidade” da sede colonial. As antigas fazendas históricas, neste caso, passam pela refuncionalização para desenvolver atividades econômicas, transformando suas propriedades agrícolas em hotéis.

Para o Instituto Preservale, o qual desde seu surgimento atua na defesa e restauração do patrimônio, com ações de denúncia junto ao Ministério Público e desenvolvimento de projetos. As Fazendas Históricas do Vale do Café associadas ao Instituto Preservale são 19 em seu total (Quadro 3).

O Estado vem desenvolvendo projetos como acordo de cooperação técnica da Setur-RJ/TurisRio e Prservale, e o Inventário a partir da Lei de Incentivo à Cultura, por exemplo, reforçando as representações da região, em especial no fomento do turismo ao valorizar o patrimônio cultural material e imaterial nos municípios e nas Fazendas Históricas.

Esse mosaico de elementos materiais e imateriais existentes no Vale do Café permitiu a invenção da tradição. Esse mosaico se comporta como representações que agregam significado a um fato real ou presumido (JODELET, 2001) sobre a região. O que há em comum em todas as propriedades é a transformação do ambiente de herança local e patrimônio em produto do imaginário rural. Dessa maneira, os códigos culturais arraigados na região dão respaldo às práticas turísticas nas Fazendas Históricas do Vale do Café.

Nesse sentido, existem duas dimensões que buscam dinamizar e fomentar o turismo nas Fazendas e na região como um todo. A primeira dimensão é o PRESERVALE que atua diretamente com as Fazendas do Café, empresários com o objetivo de impulsionar o turismo entre as antigas fazendas de café. Já a segunda dimensão é representada pelo CONCICLO (Conselho Regional de Turismo do Vale do Café) o qual tem o objetivo de estabelecer políticas que promovam o turismo, é uma

⁴⁹ Versão encontrada na Biblioteca Municipal de Barra do Piraí durante a visitade campo em 23 de Out. de 2017 para a pesquisa desta dissertação e encontrado em Instituto Cidade Viva - <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?cat=3>. Acesso em 23/10/2017 às 12:20h.

dimensão política e administrativa (FERRAZ, 2001). Esses atores representam o que é hoje a região do Vale do Café.

Evandro Cyrillo (2008) resume bem como se estrutura politicamente o Vale do Café:

(...) entre esse grupamento do poder público municipal, como forma de desenvolver o turismo sustentável na região, foi criado o CONCICLO – Conselho de Turismo da Região do Vale do Ciclo do Café, composto pelos municípios envolvidos no “Vale do Café” e por entidades ligadas ao Governo do Estado, como é o caso da TURISRIO, da iniciativa privada através do SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, e, ainda, por entes da sociedade civil, como é o caso do Instituto Preservale.” (CYRILLO, 2008, p. 89).

Em suma, a noção regional do Vale do Café se dá pela integração dos municípios pela ação política do PRT, em 2003. O que garantiu a invenção de uma vocação turística pela tradição do café.

2.2 Regionalização Turística do Vale do Café

Ao iniciarmos este subcapítulo é necessário expressar a importância do uso de mapas para a aproximação do contexto histórico e geográfico desta região. Os mapas apresentados aqui são para fins de análise dos estudos envolta da regionalização turística do que vem se construindo Vale do Café nesta pesquisa. Muitas dessas representações cartográficas não trazem, especificamente, o objeto Vale do Café como entidade regional.

A primeira referência de regionalização, que abrange o que hoje chamamos de Vale do Café, está em Alberto Ribeiro Lamago, que, em 1963, apresentou o mapa de Setores da Evolução Fluminense para o estado do Rio de Janeiro, fazendo uma relação do homem e a natureza. Em sua regionalização o Vale do Café aparece, de certa forma, como categoria “O Homem e a Serra” onde a paisagem física da região e a cultura evidenciam outras possibilidades para além da história da produção cafeeira (figura 6).

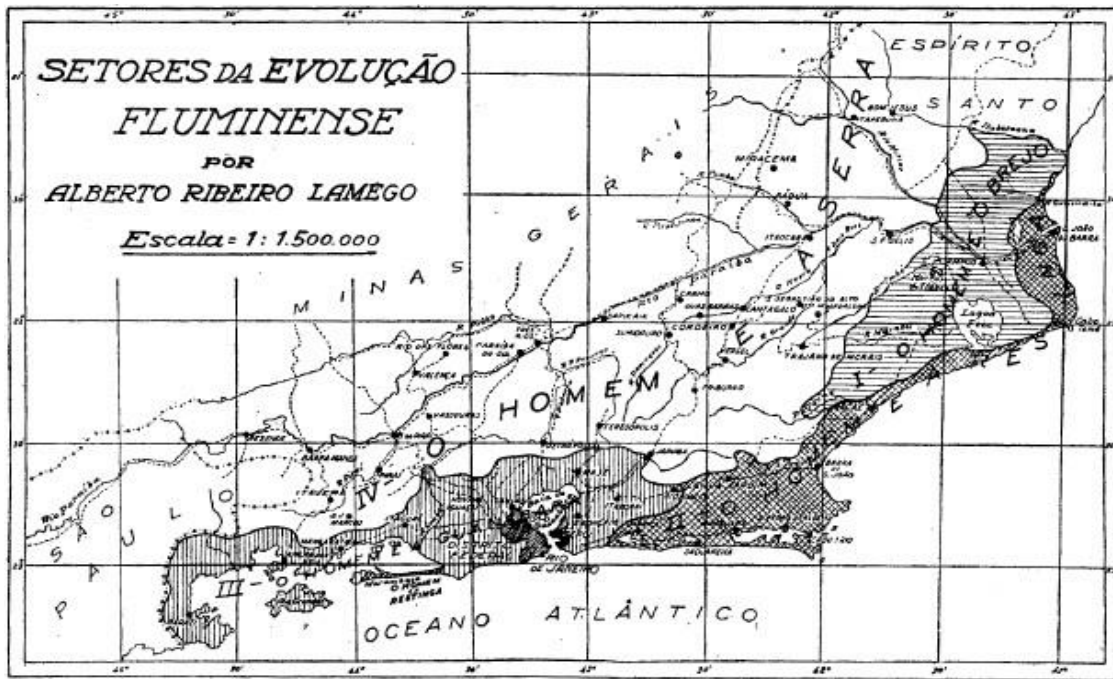


Figura 6 - O Homem e a Serra, IV Setor da Evolução Fluminense. Fonte: Lamego, 1963.

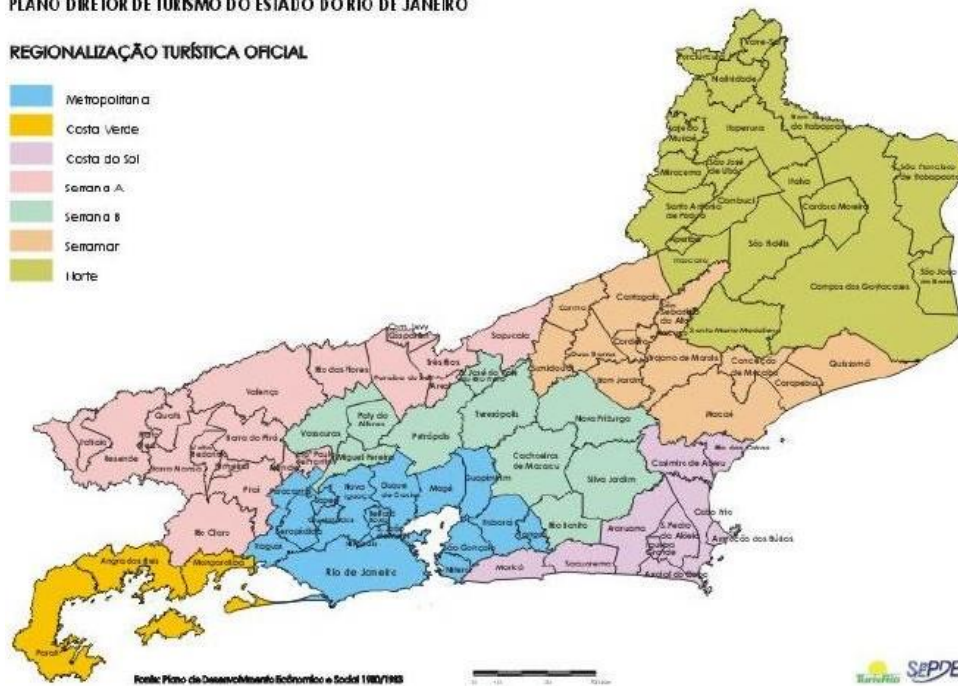
Nesse sentido, regionalização turística do Estado do Rio de Janeiro se inicia com o plano de desenvolvimento econômico e social proposto pelo Governo do Estado durante os anos 1980 a 1983. Esse plano dividiu o estado em seis regiões turísticas, com o objetivo orientar e organizar as ações institucionais para o fomento do Turismo. O Vale do café está associado às regiões Serrana A e Serrana B⁵⁰. (ver figura 7).

PLANO DIRETOR DE TURISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PLANO DIRETOR DE TURISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REGIONALIZAÇÃO TURÍSTICA OFICIAL

- Metropolitana
- Costa Verde
- Costa do Sol
- Serrana A
- Serrana B
- Serramar
- Norte



⁵⁰ São as regiões turísticas: Metropolitana, Costa Verde Costa do Sol Norte Serrana A, Serrana B e Serramar, segundo Fratucci (2000 p. 87).

Figura 7 – Regionalização Turística Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Mapeamento realizado pela SEPDET/TURISRIO, 2001. Fonte: Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

Essa divisão se baseava na homogeneidade, ofertas de recursos turísticos, nas características geomorfológicas e culturais, e nos limites político-administrativos dos municípios. Além disso, a criação de nomes que fossem vinculados às características turísticas de algumas das regiões (FRATUCCI, 2000 p. 87). Essa é a regionalização turística adotada pela TurisRio. Nesta Regionalização Turística Oficial (figura 7) o Vale do Café está dividido entre Serrana A e Serrana B.

Fratucci (2000) aborda em sua dissertação de Mestrado que existe uma regionalização turística e espontânea que envolve grupos, atores econômicos e políticos de municípios vizinhos que estabelecem unidades regionais com características, critérios comuns e que criam a homogeneidade para a região com o objetivo de melhorar e promover o desenvolvimento do Turismo.

O Vale do Café tem como exemplos as instâncias políticas, econômicas e administrativas PRESERVALE e CONVICLO, as quais visam fomentar o turismo e criar uma identidade turística regional. A instância CONVICLO também possui uma regionalização denominada Ciclo do Café (figura 8).

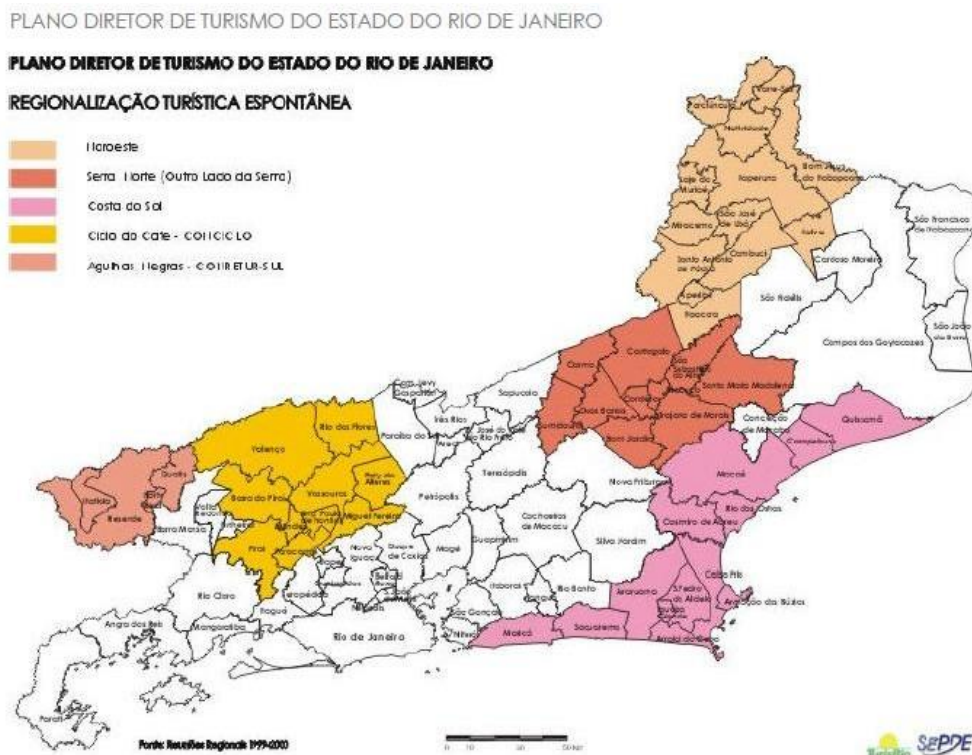


Figura 8 – Mapa de Regionalização Espontânea do Estado do Rio de Janeiro. Mapeamento realizado pela SEPDET/TURISRIO, 2001. Fonte: Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

Já em 2004, por conta do surgimento do Programa de Regionalização e em conjunto a criação do Ministério do Turismo, a ideia era de que os municípios se unissem, e integrados desenvolvessem uma “cultura” de coalisão para que os resultados fossem mais efetivos, beneficiando o turismo dos municípios envolvidos⁵⁴.

Existe uma diferença entre os mapas da região Ciclo do Café - CONVICLO e a Região Turística 3 - ADE (figuras 8 e 9). Respectivamente, no primeiro mapa (figura 8) Paty dos Alferes faz parte da região do Ciclo do Café e no segundo mapa ADE (figura 9) este município não está presente. Os municípios Paty do Alferes, Barra Mansa e Volta Redonda estão inseridos nos seguintes mapas nas figuras 10 e 11, a seguir.

Outra política cultural importante para o Vale do Café foi à reunião de informações no Inventário da Oferta Turística⁵⁵ que buscou produtos, práticas culturais, e singularidades que pudessem ser transformadas em potencialidades e vocações ao turismo. O Vale do Café se destaca porque possui um acervo patrimonial de grande valor histórico material e imaterial as quais o representam, podem-se citar as propriedades do período Imperial e monumentos quilombolas, as manifestações tradicionais e as matas residuais.

Em 2013, a partir do PRT e do inventário das práticas, produções culturais e oferta turística, foi criado o Mapa do Turismo Brasileiro⁵⁶ que categoriza os municípios brasileiros e os insere em regiões turísticas oficializadas no PRT com o intuito de “estabelecer critérios e parâmetros para a definição e categorização dos municípios e das regiões turísticas, de modo a gerar indicadores de processos, resultados e de desempenho como ferramentas de apoio à tomada de decisão técnica e política.” (BRASIL, 2013).

Para que os municípios do Vale do Café fossem categorizados no Mapa do Turismo Brasileiro foi necessária ação jurídica e administrativa de iniciativa das Secretarias de Turismo dos municípios.

⁵⁴ Considera-se importante as manifestações ditas espontâneas internas aos municípios, ou seja, são tratadas como vocação para o turismo, como o caso de Conservatória e o Movimento dos Seresteiros. Já os municípios de turismo pouco expressivos na região, como é o caso de Mendes e Paracambi, se beneficiam da influência dos grandes destinos no Vale do Café, como Vassouras e Valença. Assim a identidade histórica e cultural vai sendo alargada aos municípios que não possuem tanta representatividade local.

⁵⁵ Este levantamento foi iniciado pela TurisRio em conjunto com os municípios, durante a década de 80 no Rio de Janeiro e sendo efetivado em 2007 com o intuito de mapear as atrações, planejar e gerir o turismo no estado. (Sítio: <http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp> Adaptado: 04/08/2017 17:47h).

⁵⁶ Sítio: <http://mapa.turismo.gov.br/mapa/> Acesso em: 16/10/2018 às 23:47h.

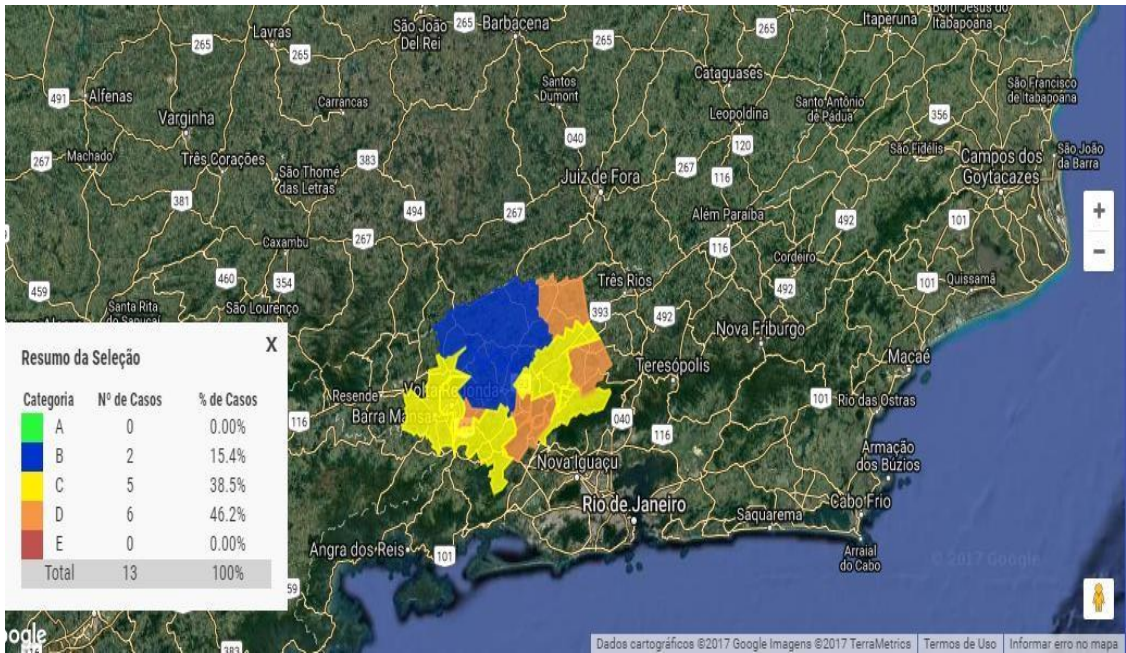


Figura 10 - Mapa do Turismo Brasileiro 2017-2019 - Categorização dos municípios da região turística do Vale do Café no mapa do turismo brasileiro. MTur - Ministério do Turismo.

REGIONALIZAÇÃO TURÍSTICA - RJ

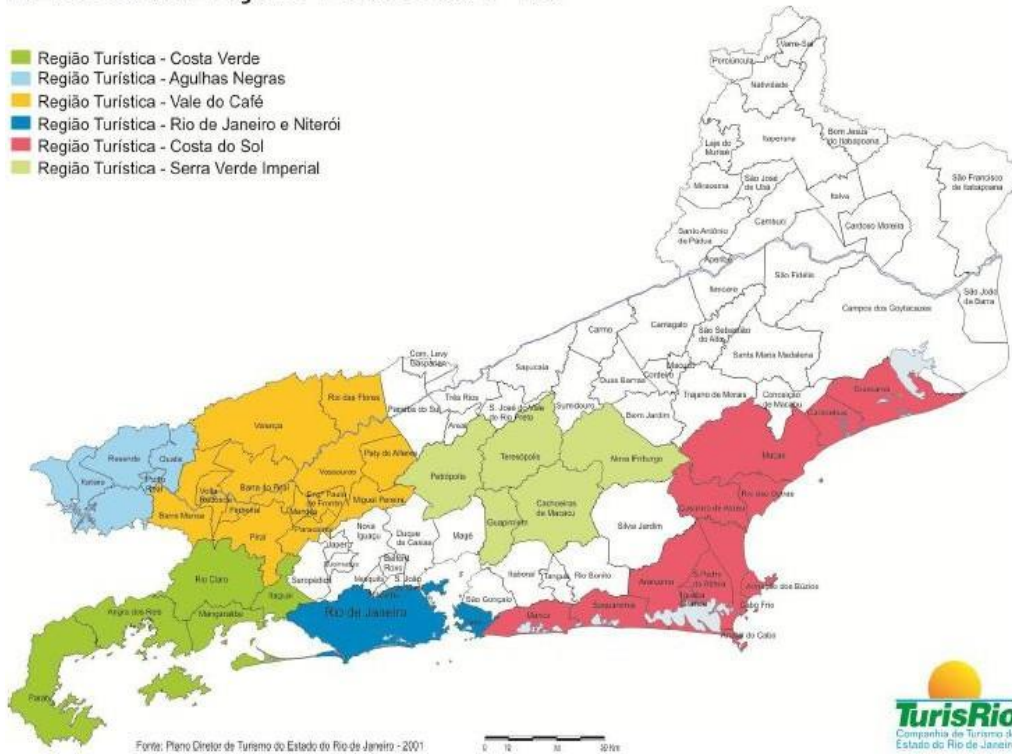


Figura 11 – Regiões turísticas estratégicas do Rio de Janeiro. TurisRio, 2001. Mapeamento realizado pela SEPDET/TURISRIO, 2001. Fonte: Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

No Mapa do Turismo Brasileiro (2017-2019) estão presentes os 13 municípios categorizados⁵⁷ do Vale do Café, assim como na regionalização do turismo estratégico da TurisRio. Entretanto, inclui parcialmente o município de Paraíba do Sul – esse município não aparece no mapa da TurisRio, mas é apresentado no Projeto de regionalização do Vale do Café⁵⁸. Estas duas regionalizações são diferentes da regionalização do Ciclo do Café – CONCICLO e da Região Turística 3 – ADE (figuras 8 e 9)

A categorização dos municípios no Vale do Café indica o grau de qualidade do turismo. A categorização foi baseada no “desempenho da economia do turismo, mensurado a partir das variáveis ‘número de estabelecimentos’ e empregos formais no setor de hospedagem e estimativa de fluxos turísticos domésticos e internacionais” (BRASIL, 2013).

O Vale do Café apresenta heterogeneidade em sua categorização (ver figura 10). Os municípios Barra do Piraí e Valença estão na categoria B (15%), pois possuem maior intensidade de empregos envolvidos com o turismo, maior qualidade na hospedagem e presença de turistas domésticos e internacionais. Além disso, o município de Valença recebeu apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento e investimentos do PRODETUR (Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo)⁵⁹ (figura 12).



Figura 12 - Placa do Estado do Rio de Janeiro referente ao Programa de Desenvolvimento do Turismo no Distrito de Conservatória/Valença. Fonte: foto da autora, 2014.

Os municípios de Barra Mansa, Miguel Pereira, Piraí, Vassouras e Volta Redonda na categoria C. E os municípios de Engenheiro Paulo de Frontin, Paty de Alferes, Paracambi, Pinheiral, Mendes, e Rio das Flores, não possuem grande rede turística no Vale do Café, por isso estão na categoria D. No contexto turístico do Estado

⁵⁷ Pela ação jurídica de inserção no Mapa do Turismo Brasileiro os 13 municípios categorizados são: Barra do Piraí, Valença, Barra Mansa, Miguel Pereira, Piraí, Vassouras, Volta Redonda, Eng.º Paulo de Frontin, Paty de Alferes, Paracambi, Pinheiral, Mendes e Rio das Flores.

⁵⁸ Acesse: <http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp> visitado em: 16/10/2017.

⁵⁹ Em 2014, como projeto de urbanização de Conservatória (distrito de Valença), a Locomotiva 206 construída em 1910, nos Estados Unidos, foi revitalizada (ver anexo VI, p. 125, desta dissertação).

do Rio de Janeiro, o Vale do Café é uma região recente, ainda não é um polo de turismo intenso: 46% dos municípios do Vale do Café estão na categoria D o que indica baixa infraestrutura turística⁶⁰ (ver figura 10).

Em consonância com essa categorização, está a análise da Região Turística 3 (ADE) (figura 9) do tipo de consumidor que visita a região e as atividades que eles buscam. O município de Valença se destaca com a presença de turistas internacionais (figura 13). No entanto, não há na figura 9 não há a presença do município de Paty dos Alfêres, já na figura 13 este município está presente.

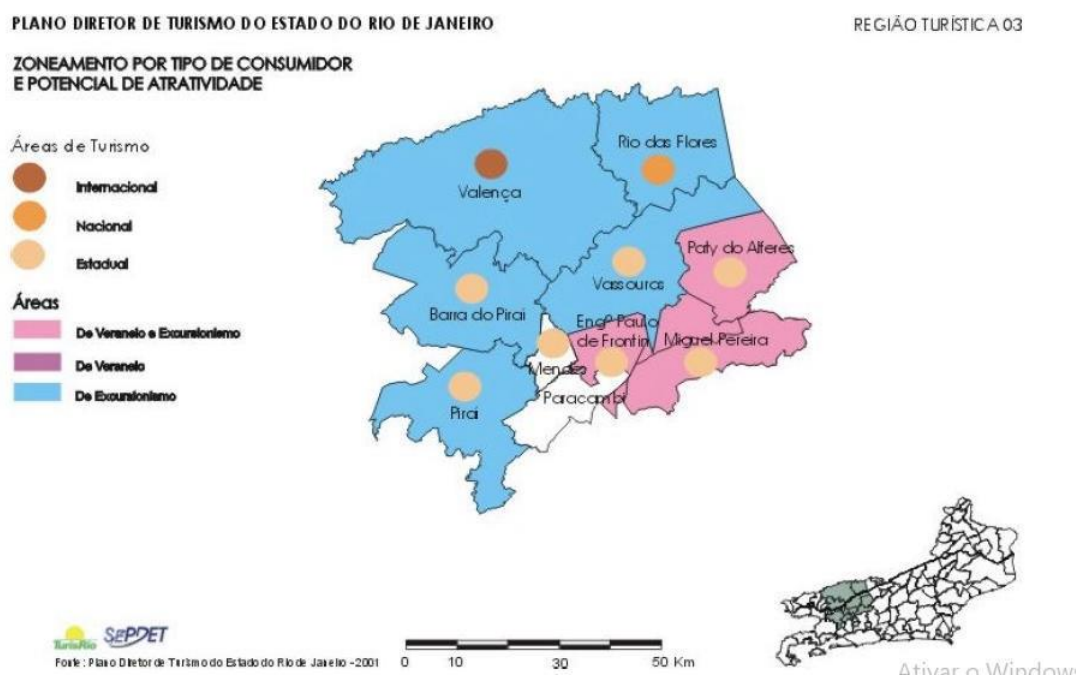


Figura 13 – Zoneamento por Tipo de turista e potencial na Região Turística 3 (ADE). Mapeamento realizado pela SEPDET/TURISRIO, 2001. Fonte: Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

A partir da apresentação das regionalizações percebemos que Vale do Café é mais que um destino turístico, um imaginário e ou naturalmente cultural. O Vale do Café é uma estratégia de desenvolvimento regional. Os atores de iniciativa privada e pública das entidades PRESERVALE, CONCICLO (Conselho de Turismo da Região do Vale do Café), IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional), Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Instituto Cidade Viva vêm atuando na região para dinamizar a economia, criar empregos e renda a partir do patrimônio material e imaterial, histórico e cultural, da tradição do café e estilo de vida do Império.

A representação regional da região do Vale do Café vai se manifestar através das construções históricas remanescentes do ciclo cafeeiro, do final do século XVIII, tais

⁶⁰ Número de estabelecimentos formais cuja atividade principal é hospedagem e número de empregos formais no setor de hospedagem - Fonte da Coleta de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) / Ministério do Trabalho e Emprego. Estimativa de turistas a partir do Estudo de Demanda Doméstica e estimativa de turistas a partir do Estudo de Demanda Internacional – Fonte da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE /MTur (BRASIL, 2013).

como casas de fazenda, prédios urbanos, estações de trens, chafarizes, monumentos os quais têm valor artístico, histórico e cultural. Somado a esse inventário remanescente existem também as manifestações culturais, que ganham novas interpretações frente o contexto histórico regional. Uma nova identidade tem “fronteirizado” à região do Vale do Café.

CAPÍTULO 3 – AS REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO ECONÔMICA-TURÍSTICA-CULTURAL DO VALE DO CAFÉ

O presente capítulo consiste em apresentar as representações econômicas, turísticas e culturais dos principais atores que produzem a região do Vale do Café, privilegiando o período pós os anos de 2001. Consideramos o recorte temporal um marco, momento em que se criou a região do Vale do Café e nos ajuda a pensar a difusão das representações dos atores atuais e os novos sentidos para a região.

Afirmamos nesse capítulo que os novos sentidos relacionados ao contexto econômico de produção e as representações de uma nova região estão constituídos sistematicamente: a) pela reorganização espacial em processo via ressignificação do espaço rural, que propõe legitimar uma nova identidade e; b) pela prática dos agentes que atuam através de diferentes representações: panfletos, revistas, propagandas nas redes sociais, workshops e conferências⁶¹, reuniões de comitê que legitimam a existência do Vale do Café.

Para fins metodológicos serão apontados os agentes e suas representações no campo político e econômico, que são:

- 1) Governo Estadual – o qual age como provedor de políticas públicas voltadas para a região. O governo estadual aparece a partir da TurisRio, via Secretarias de Turismo e Prefeituras. Para a análise destacamos a articulação dos municípios de Vassouras, Barra do Piraí e Paracambi no Vale do Café;
- 2) PRSERVALE – que se apresenta como iniciativa privada para o desenvolvimento do turismo e preservação das antigas fazendas de café na região;
- 3) Portal do Vale do Café – que se consolida na esfera de trade turístico para divulgação de eventos anuais e das antigas fazendas de café;
- 4) CONCICLO – Comitê regional do Vale do Café o qual atua tanto como política pública e iniciativa privada. Essa articulação vem sendo reativada para fins do desenvolvimento do turismo regional.

A escolha dos agentes citados se deu pelo grau de influência, difusão e legitimidade no que diz respeito à produção do Vale do Café, nas áreas da política, economia e cultura. Destacamos que esses atores agem tanto de maneira conjunta como dissociada, têm papel na produção matéria e imaterial da região, por conta das práticas e discursos que assumem para a apropriação do Vale do Café.

As análises das representações foram estabelecidas conforme os sentidos retratados por estes atores. A partir de suas falas, estratégias de *marketing*, apresentação de novos códigos culturais entre os meios de divulgação, os quais de alguma maneira transmitem sentidos para o Vale do Café. Mesmo que os discursos expressem outro significado para a história e cultura do café no interior fluminense, isto é, agregue outras significações que possam expressar outras representações, das quais qualificam ou não os espaços, tempos e seres, como num grande poder simbólico (BOURDIEU, 2007).

⁶¹ Folders presentes no corpo do texto e nos Anexos, p. 116, desta dissertação.

Nessa análise também são consideradas as práticas que se manifestam em locais de espaço público e privados, em especial os eventos regionais. São apresentadas aqui neste capítulo, as falas obtidas por entrevistas “formais e informais” por representantes institucionais e participantes em eventos do Vale do Café. Na metodologia de pesquisa obtivemos entrevistas dos representantes dos municípios o que nos permitiu captar o fazer político e suas ações.

No caso de Vassouras, a não possibilidade de entrevistar representantes municipais, por conta do período eleitoral do ano de 2018, não invalida a pesquisa, pois as representações também se manifestam como formas de legibilidade do mundo (JODELET, 2001). A presença de folders, investimentos e eventos protagonizados na cidade respaldam a representação do município na região.

Este capítulo se estrutura também pela análise dos materiais coletados, entrevistas em campo, revisão bibliográfica, propagandas e folders de divulgação (elementos das representações difundidas pelos agentes) os quais estão relacionados às práticas no Vale do Café.

As representações produzidas pelos agentes se constroem em suas práticas as quais possibilitam novo sentido para o Vale do Café assim como sua apropriação. Entre estes agentes elencados está evidentemente delineada a necessidade de apresentar uma “representação ideal de uma região” com o intuito de alcançar políticas públicas e garantir recursos regionais. Existe uma luta pelo monopólio da imposição da tradição e de identidade regional (BOURDIEU, 1989).

3.1 Atores produzindo representações no Vale no Século XXI

Os atores que produzem as representações para o Vale do Café no século XXI, escolhidos para a análise, são o governo estadual, CONCICLO, PRESERVALE, e Portal Vale do Café. Esses atores são importantes produtores e difusores de sentido para o Vale do Café apesar de estarem em posições de fala e legitimidade distintas, como está sistematizado no Quadro 1.

Tendo em vista as possibilidades metodológicas para análise da produção do Vale do Café, procuramos escolher os atores que “representariam” com maior relevância a realidade contemporânea da região. As representações desses atores são fonte de conhecimento sobre a realidade do Vale do Café.

Portanto, sabendo que a representação é elemento que corrobora para uma reflexão crítica da ideia de região (BOURDIEU, 1989) e como enunciado busca se tornar prática, pretendemos mostrar aqui o posicionamento das falas e em que circunstância as representações são produzidas. Cada ator possui um momento de manifestação que é materializado a partir de “eventos” onde há um empenho na intensidade de divulgação das representações.

Com as representações analisamos os sentidos utilizados pelos atores e de que maneira sofrem mudanças conforme a posição de fala, lembrando Pierre Bourdieu (2007) e Michel De Certeau (2009), a posição do enunciante é imprescindível para interpretar os sentidos da fala.

Nesse sentido, o primeiro ator fundamental para o Vale do Café é o Governo Estadual, que atua através, e principalmente, da TurisRio. O governo do estado é um produtor de representações em destaque no que se refere à legitimidade tanto no poder de criação da região como na implementação de políticas públicas específicas. Essas

políticas no Vale do Café trazem representações que definem a região e, consequentemente, influenciam a prática dos outros atores.

No que diz respeito ao governo, de maneira geral, é que ele vai organizar a região a partir do poder jurídico⁶² e também vai agir como fomentador econômico (CORREA, 1993). O estado e as secretarias de turismo, órgãos de fomento e execução de projetos, como é o caso da CONVICLO que é associado diretamente ao Vale do Café. Essas são instâncias que estão na pauta do governo desde os anos 2000.

A criação do Vale do Café, em 2001, foi um marco para os municípios do interior fluminense. A partir da oficialização, os municípios puderam legitimar a *Tradição do Café*, sustentar um atrativo turístico e, se apropriar da ação estratégica. Além de se beneficiar de recursos no intuito de dinamizar a economia regional.

Ao buscar representar o Vale do Café através dos projetos, o governo estadual está legitimando sua intervenção. Resgatando discussões no Capítulo 1, lembramos que o discurso regionalista é performativo, se faz conhecer como legítimo e ignora o desconhecido, ou seja, tem por método a seletividade e cria um novo limite. E tem efeito na economia, cultura e política comuns e não do diferente (BOURDIEU, 1989).

Quando a representação do governo encontra correspondência com a realidade acontecem dois fenômenos: há maior credibilidade nas práticas, ou seja, é legitimada a existência do Vale do Café e governo estadual ganha créditos como agente fundamental na formação de sentidos para o Vale do Café.

A instância CONVICLO, vai de encontro com as demandas do estado e dos agentes econômicos existentes na região. Criado na década de 1990 pelo governo do estado representa o poder público regional, empresários, associações de turismo, e agentes do trade turístico regional⁶³. De forma sucinta, esta é uma dimensão de governança da região do Vale do Café que está dentro do programa de regionalização do Ministério do Turismo. Esta instância possibilita a entrada de recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos e ações na região e fora dela. A CONVICLO é a instância que representa o Vale do Café nos eventos de turismo que a Setur/TurisRio promove.

Esse grupo tem por objetivo estabelecer políticas que promovam o turismo histórico a partir do circuito entre as antigas fazendas de café, entre outras funções. De maneira geral, para esse agente o Vale do Café é uma região de turismo histórico e cultural. Nesse sentido da fala, a CONVICLO também atua na produção identitária da região.

Outro agente é o PRESERVALE. Essa é a instância patrimonial e econômica do Vale do Café (FERRAZ, 2007). Esta dimensão fala a partir de projetos de natureza diversa: publicação de livros; projetos⁶⁴; manutenção e preservação de acervo histórico e artístico documental; intercâmbio com programas institucionais da União Europeia⁶⁵.

O PRESERVALE foi pensado a partir dos anos 90, momento em que as questões ambientais entraram em debate no Brasil. Essa é uma organização foi fundada por proprietários de fazendas históricas, pesquisadores, arquitetos e historiadores que se organizaram em associação, tendo como discurso principal o desenvolvimento

⁶² Criação do Plano Diretor do Turismo no Estado do Rio de Janeiro em 2001, Regiões Turísticas Estratégicas em 2006, Mapa do Turismo Brasileiro em 2017.

⁶³ Informações retiradas do site: http://www.turisrio.rj.gov.br/detalhe_noticia.asp?ident=1297 Acesso: 30/08/2018 às 18:00h.

⁶⁴ Projeto Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café (2010), realizado como Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional em conjunto com o Instituto Light.

⁶⁵ Projeto Fazendas Brasil criado em 1999 estabeleceu uma rede de Associações de Turismo no Espaço Rural entre propriedades de patrimônio histórico, cultural e natural do Brasil com a TURIHAB (Turismo de Habitação de Portugal).

sustentável da região através da preservação de seus patrimônios culturais e ecológicos para o turismo.

Essa instância econômica procura dinamizar a atividade turística regional, integrando roteiros para o Vale do Café, entretenimento cultural e produção artesanal, hospedagem. Além disso, revitalizar a cultura popular, preservar e recuperar o patrimônio histórico e ambiental, o que, segundo o PRESERVALE, daria característica regional à prática turística do Vale do Café.

Os representantes do Instituto PRESERVALE e da CONCICLO são em sua maioria proprietários das fazendas que buscam dinamizar o turismo da região e através de parcerias desenvolvem a atividade econômica e possibilitam melhorias na infraestrutura e qualidade de vida daqueles envolvidos com a atividade turística local.

Essas ações acabaram tornando o Vale do Café visível. Nesse período de criação do Instituto PRESERVALE e CONCICLO, a mídia (jornais, revistas) produziu reportagens sobre os “Novos Barões do Café”, indicando uma “redescoberta” da identidade regional e espaços de memória para o Turismo Cultural.

O Portal Vale do Café, nesse sentido, é uma plataforma digital que age como trade turístico para a região. É uma iniciativa privada para divulgar o Vale do Café como destino histórico e cultural. Esse agente difunde informações básicas do turismo aos visitantes, como: onde se hospedar, restaurantes, eventos e festivais, fazendas históricas. É o principal canal de propaganda das fazendas do Vale do Café.

Fizemos a escolha de trabalhar com os agentes hegemônicos no Vale do Café, e o Portal Vale do Café é um deles por deter força de difusão de representações entre as mídias e dispor certa credibilidade frente sua ação prática (propaganda). Sua posição de fala e função também desempenha papel de produtor de representações (marketing paisagístico, cultural e histórico).

Como primeira noção básica, as representações aparecem como “formas de conhecimento do mundo” (MOSCOVICI, 2001; JODELET, 2001). Essas formas de mediação são expressas de diferentes modos, tanto por meio das falas, propagandas, folders, imagens, obras materiais como a produção de paisagem⁶⁶, e na construção da região, sendo assim possível uma análise geográfica a partir das representações.

3.1.1 O Estado na produção da Região

A ação do governo estadual, como produtor de representações no Vale do Café, vai se materializar através da regionalização turística. Atualmente o estado estrutura-se com as secretarias de turismo dos municípios e tem estabelecido estratégias governamentais de desenvolvimento de eixos turísticos com a empresa de turismo do Estado do Rio de Janeiro –TurisRio.

Essa política de governo objetiva descentralizar as atividades turísticas focadas na região metropolitana, onde a prática do turismo se volta para o litoral. O destaque dado à região do interior fluminense se inicia nos anos 1990, momento que houve a criação de comitês, revitalização das antigas sedes de fazendas, o levantamento de informações para o Inventário de Oferta Turística.

Este levantamento foi realizado pela Secretaria de Estado de Cultura, através do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e o Instituto Light, em conjunto

⁶⁶ Autores como James Duncan (2000), Denis Cosgrove (2002) e Berque (2000) analisam a paisagem como marca simbólica, como representação e mediação.

com o Instituto Cidade Viva (ICV). O resultado foi o Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense (2008-2009) ⁶⁷ (figura 14), tendo o objetivo preservar a cultura e a arquitetura da região. Esse documento é um instrumento de valorização da antiga potência econômica do Ciclo do Café, não se restringindo aos municípios oficializados no Vale do Café, segundo a TurisRio.



Figura 14 - Acervo da Biblioteca Municipal de Barra do Piraí – Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense. Edição de 2008. Fonte: foto da autora, 23 de Out. de 2017.

Este material teve sua conclusão em 2009, onde 94 fazendas históricas no Vale do Paraíba Fluminense foram inventariadas (contendo descrição arquitetônica, plantas, localização geográfica e histórico familiar).

A existência desta documentação, entre outros projetos turísticos que o Inventário possibilitou a realização⁶⁸, e a própria regionalização turística do Vale do Café realizada pelo governo do estado contribuiu para a legitimação de vocação turística. Para o governo estadual o Vale do Café é um destino turístico-cultural de interesse estratégico e que fomenta um “ciclo de progresso”, baseado no turismo histórico cultural.

Outra ação do governo direcionada aos municípios engajados no turismo foi o Programa de Regionalização do Turismo. Esse programa, já citado no capítulo 2, trouxe

⁶⁷ Disponível na Internet pelo site <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?cat=3>. Acesso em 23/10/2017.

⁶⁸ O Guia Cultural do Vale do Café (2013) do Instituto ICV, o projeto Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café do Instituto PRESERVALE (2010), são exemplos.

especificações para as regiões turísticas, para o papel de cada município no âmbito da região e para sua entrada no Mapa do Turismo Brasileiro. Nesse sentido, o estado vai determinar critérios para que o município faça parte da região turística: 1) possuir identidade histórica, cultural, econômica e/ou geográfica em comum; 2) ser limítrofes e/ou próximos geograficamente e; 3) a região turística deve ser oficializada pelo Conselho Estadual de Turismo.

Outra questão colocada para os municípios é saber se tal contribui efetivamente para o desenvolvimento do turismo da região turística. A Oferta Principal, que é onde se tem maior fluxo de turistas, se concentra serviços e atrativos, será o município que dará a identidade à região. Municípios que recebem turistas e complementam a oferta da região são categorizados como Oferta Complementar. E aqueles que são limítrofes, são municípios de Oferta de Apoio à Atividade Turística, sem fluxo turístico fazem parte da região turística por oferecer mão de obra, serviços e equipamentos turísticos.

Nesse sentido, conseguimos retirar por meio de entrevistas com Secretarias de Turismo⁶⁹ de Paracambi, Barra do Piraí e Vassouras suas representações para o Vale do Café e o posicionamento de seus municípios.

3.1.1.1 Município de Paracambi

A primeira conversa foi com o poder público na Prefeitura de Paracambi, na Secretaria de Turismo e Cultura do município, o qual recentemente se integrou ao Vale do Café. No dia 02 de Outubro de 2017, durante a entrevista, o Secretário de Turismo Evandro Viana explicou que no caso do Vale do Café, o Ministério do Turismo não vê as cidades como destinos turísticos únicos, mas em seus regionalismos. Nesse sentido foi criado o Programa de Regionalização do Turismo e nesse programa, Paracambi se encaixa como Vale do Café. No entanto, para que fizesse parte da região turística foi necessário que o município se regularizasse juridicamente. E assim, passar a fazer parte oficialmente do Vale do Café.

Foi necessário regularizasse a documentação perante a Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro e a TurisRio. Desde o início da criação da região o município de Paracambi estava inserido no Vale do Café. O Secretário de Turismo de Paracambi explicou que “No ano de 2017, Paracambi pôde fazer parte oficialmente do Vale do Café, e assim, passar a ser reconhecido na escala do Mapa do Turismo Brasileiro. Essa foi ação promovida pela superintendência de turismo de Paracambi e sua equipe”, complementa.

Com a intervenção jurídica, Paracambi faz parte do Vale do Café histórica e oficialmente. Paracambi é um município limítrofe ao Vale do Café e à Baixada Fluminense. O Secretário de Turismo de Paracambi informou que na esfera administrativa o município faz parte da Baixada Fluminense e “turisticamente” é Vale do Café. E explica que:

"É mais interessante para a cidade, porque ela não tem característica de Baixada Fluminense. Tem característica mais evidente do Vale do Café. Se for olhar a história você vai ver que a maior parte de Paracambi fazia parte da cidade de Vassouras. Metade de Paracambi era Vassouras e metade era de

⁶⁹ Modelo de entrevistas presente no Anexo IV, p. 124, desta dissertação.

Itaguaí. Itaguaí não é Baixada Fluminense, e sim Costa verde. Portanto, Paracambi seria em parte Costa Verde e Vale do Café ou Vale do Médio Paraíba até 1960” (Evandro Viana, superintendente de turismo de Paracambi).

Hoje, portanto, Paracambi é Vale do Café e região metropolitana do Rio de Janeiro. É mesorregião metropolitana do Rio de Janeiro e microrregião de Vassouras, sendo influenciado pela metropolização turística de Vassouras e pela metropolização do Rio de Janeiro. O Secretário de Paracambi indica que para além de inserir Paracambi no Vale do Café, a intenção foi tornar o município o Portal do Vale do Café:

“Porque que vem do Rio de Janeiro e da Região dos Lagos, Paracambi é a primeira cidade do Vale do Café. Algumas pessoas vão comentar: a primeira cidade do Vale do Café é Miguel Pereira. Não, quem não passa pela Dutra, que é Baixada, tem que passar por Japeri e depois chegar a Miguel Pereira. Já pela Dutra se entra no Vale do Café sem passar por cidade nenhuma (...). Nós somos a primeira cidade do Vale do Café. E agora que entramos por direito, nós queremos pegar esse lema 'Paracambi: o Portal do Vale do Café'”.

E explica que no momento em que Paracambi se inseriu oficialmente no Vale do Café, foi possível pensar políticas públicas para o desenvolvimento do turismo na cidade: fomentação e Desenvolvimento do conselho municipal de turismo; fundo municipal de turismo; e integração com as cidades vizinhas, com o intuito de criar eventos em parcerias, indica o Secretário.

O Programa de Regionalização do Turismo alcançou as instâncias municipais, por isso disse que é necessário pensar o turismo de forma integrada. Isto é, que a região inteira seja o destino turístico. Ele reforçou que em Paracambi existem eventos que fazem parte do Vale do Café e atraem turistas de fora da cidade, são os eventos de ciclismo e motociclismo: Paracambike e o Encontro Nacional de Motociclistas (MotoClub), o qual recebe turistas e atletas de toda América do Sul e motociclistas do todo o Brasil.

Existem outros eventos que fazem parte das atividades do município, como: aniversário de Paracambi, Feira Cultural, Semana Evangélica, Festa de São Paulo, Festa de São Sebastião. No entanto, somente o evento Café, Cachaça e Chorinho envolve a cidade como pertencente ao Vale do Café, proposto para o ano de 2018. A prefeitura do município está promovendo a reabertura das trilhas do Parque Municipal Natural do Curió, utilizar a represa de Paracambi para fins esportivos e o Bosque Arboreto (figura 15) com especificação das espécies e replantio de nativas, elementos que inclui Paracambi no Vale do Café. O superintendente de Paracambi afirma que essas ações futuras que integram o município ao Vale do Café.



Figura 15 - Bosque Arboreto de Paracambi. Fonte: foto da autora, 02 de Out. de 2017.

A Prefeitura de Paracambi também regularizou a situação da Associação de Artesãos do município. Conversando com os artesãos da Casa dos Artesãos de Paracambi, somente durante o evento Café, Cachaça e Chorinho houve a apresentação dos produtos e materiais artesanais, no entanto, não há uma ligação direta dos artesãos aos eventos do Vale do Café. Como relatou a organizadora da Associação de Artesãos de Paracambi, dizendo que não são produzidos artesanatos com o logotipo *Vale do Café*.

Como ícone representativo do Vale do Café em Paracambi, o Superintendente afirma que a Estação Ferroviária de 1861, inaugurada na Fazenda do Ribeirão dos Macacos, antigo nome da região de Paracambi. Como é uma estação centenária faz parte da história do escoamento do café para a Corte no Rio de Janeiro. E a Companhia têxtil Brasil Industrial (1871) que hoje é denominada Fábrica do Conhecimento onde situa o IFRJ-Paracambi e a Escola de Música Villa-Lobos também são códigos culturais expressos na paisagem local.

Evandro Viana completa, dizendo que o Vale do Café é apropriado por Paracambi como identidade:

“É difícil associar o nome Baixada Fluminense ao turismo, então um objetivos que temos é mostrar que Paracambi é Vale do Café. Vamos parar de falar ‘eu moro em Paracambi na Baixada Fluminense. Eu moro em Paracambi Vale do Café’. Então o que mudou é poder usar o nome e poder ter a identidade. Como Paracambi é um município limítrofe é possível dizer oficialmente que Paracambi é Vale do Café. Não é o todo, mas faz parte”.

Em Paracambi estão realizando o Cadastur, cadastrando os estabelecimentos turísticos (Hotéis, Casas de Eventos, agências de Turismo distribuidoras de alimentos, restaurantes) para constar na TurisRio e na Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Isso faz com que o município se desempenhe na categoria de turismo. Paracambi é categoria D no Mapa do Turismo Brasileiro do Vale do Café, ou seja, não

possui forte relevância na região turística. Porém, o cadastro é de interesse público e regulamenta os estabelecimentos do município propiciando maior reconhecimento. No final da entrevista pedi para que expressasse o que é o Vale do Café em poucas palavras. O Secretário de Paracambi disse: *O Vale do Café é o futuro do turismo em Paracambi.*

3.1.1.2 Município de Barra do Piraí

No dia 05 de Outubro de 2017 foi realizada entrevista com o Secretário de Turismo de Barra do Piraí, Lucas Siqueira, nascido no município e turismólogo. O secretário considera que o Vale do Café significa atualmente uma região turística, tanto pelo viés da administração do município de Barra do Piraí assim como a visão de turismólogo. E completa dizendo:

“Acredito que isso tenha ocorrido a partir do final da década de 1990, se você for pensar também o próprio processo de estruturação da política nacional de turismo, inicialmente com o Programa de Municipalização do Turismo que teve início no governo FHC. E principalmente o programa de regionalização do Turismo no governo Lula. Pra você ter ideia o tradicional Festival Vale do Café teve sua primeira edição no ano de 2003 e o que indica que a essa configuração do Vale do Café como região turística consolidada é de certa forma recente”.

Sobre a inserção de Barra do Piraí no Vale do Café, o secretário explicou que Barra do Piraí é uma das principais cidades da região. Desde o início da década de 2000 ações culturais estão relacionadas com os eventos realizados na região, especialmente o *Festival Vale do Café* e também o *Café, Cachaça e Chorinho*. Recentemente, Barra do Piraí não teve o protagonismo que tinha antes na programação de ambos os eventos, por conta da crise nacional. Isso afetou não somente o município, mas a região como um todo. “*Um dos planos futuros é retomar esse protagonismo e também ações culturais paralelas*”, complementa.

Quando perguntado sobre um evento que integrasse os municípios, Lucas Siqueira, respondeu que esse evento seria o *Festival Vale do Café*. No entanto, por conta do momento de crise, até mesmo o Festival vem perdendo a força desde 2014, por que:

“Faltam de patrocinadores, por ser um evento de uma empresa, as prefeituras enviam cartas de aceite consentindo que o evento irá acontecer na cidade e precisam fazer os eventos em paralelo junto às programação privada do Festival Vale do Café. Vassouras, dos municípios da região do Vale do Café, possui maior apelo turístico e manteve o evento paralelo e gratuito. Barra do Piraí não tem todo esse apelo turístico, apesar de existir turismo aqui. Mas não é uma cidade que vive exclusivamente do turismo. Nem tanto Vassouras, em si não define se é uma cidade turística ou uma cidade histórica, ou uma cidade universitária tendo assim uma crise de identidade. O Festival Vale do Café integrava a região como um todo”.

E quando perguntado sobre um ícone que representasse Barra do Piraí na região, indicou que:

“O ícone que mais representa Barra do Piraí no Vale do Café são as Fazendas Históricas. São quatro fazendas que têm visitação. No entanto ele explica e diz que é um consenso na cidade que Barra do Piraí não é uma cidade que viveu o auge a euforia do café, somente geograficamente. Barra do Piraí sugue depois do momento do café com sua emancipação em 1890, pós-república, é a primeira cidade republicana e moderna, por conta da estrada de ferro na primeira metade do século XX. Importante por conta do eixo principal do entroncamento ferroviário: ‘o país passava aqui’. Mas as Fazendas são ícones, tombadas pelo município”.

Ele explicou que o *Festival Vale do Café* acontece dentro das Fazendas do Café, em Barra do Piraí, mediante pagamento, compra de ingresso, em média valor de R\$ 100,00 para assistir uma apresentação musical, degustar jantares de requinte e usufruir de uma invenção romântica da elite imperial. Lucas Siqueira, diz que “a cidade é voltada para o comércio e ainda é mesmo com a crise”.

A ausência de políticas públicas de turismo e cultura em Barra do Piraí é evidente. A falta de equipamentos culturais dificulta a referência de lugares de cultura. Como ator político ele entende que é necessário que o poder público apoie os grupos coletivos culturais e artísticos da cidade, como é o caso da intervenção artística do grupo teatral organizado pelo Professor de Teatro Frederico Nepomuceno, o qual utilizando a Antiga Estação Ferroviária de Barra do Piraí mobiliza ações de cultura e arte local, o espaço antes abandonado se torna um equipamento de cultura.

O secretário indica que atualmente estão tentando aprovar o Sistema Municipal de Cultura, porém está no trâmite do poder público. E que “sem fortalecimento institucional, um conselho e um fundo de financiamento fica realmente difícil pensar em qualquer construção de uma política pública sólida e perene. Mas também isso é um déficit histórico nosso”, completa:

“Nós não vamos avançar como referência turística ou cultural se os municípios do Vale do Café não se fortalecerem institucionalmente. E claro elaborarem políticas públicas que tenham a busca de resultados que se perpetuem. Do contrário serão projetos e projetos que nunca deixarão nenhum tipo de benefício pra região.”

Ainda em Barra do Piraí, foi realizada entrevista com Professor de Teatro Frederico Nepomuceno, que escolheu a cidade de Barra do Piraí para sua pesquisa para o doutorado em teatro na Université Paris VIII Vincennes - Saint-Denis. Ele promove ação artística em espaços públicos abandonados, como Ágora grega, e em Barra do Piraí tem esse espaço como objeto de estudo. Trabalha com moradores de Barra do Piraí e do entorno. Nepomuceno traz a ideia do espaço social e político o qual pode confrontar diálogos e anseios de práticas culturais relevantes além de um pensamento crítico da e para a população residente.

Esse tipo de circuito menos elitizado de articulação com a população e produção artística e cultural tem potencial para caracterizar o Vale do Café, mesmo não sendo bem articulados politicamente ou considerados atividade da região turística, reflete práticas e códigos culturais em efervescência para a região. No entanto, uma vez que o

discurso dos grupos é fragmentado, a identidade cultural também será, o que dificulta o diálogo com o órgão público.

Barra do Piraí, segundo os Estudos Sócio Econômico dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro em 2016, apresenta forte setor de comércio, serviços bancários, indústrias e transporte rodoviário e ferroviário. Já no âmbito do turismo, o estudo afirma que tal setor está em expansão, com a adesão de proprietários das antigas fazendas de café do município, algumas abertas à visitação, outras se tornando pousadas. Indica também como parte turística da cidade o *Espaço Único Vale do Café* – Localizado no Casarão de Ipiabas, antigo palacete, é onde acontecem os festivais de inverno e verão; abriga a Escola de Música Contemporânea. E a *Associação Barrense de Artesãos* (figura 16) que possui sede na antiga cadeia municipal, reformada pelos próprios integrantes.

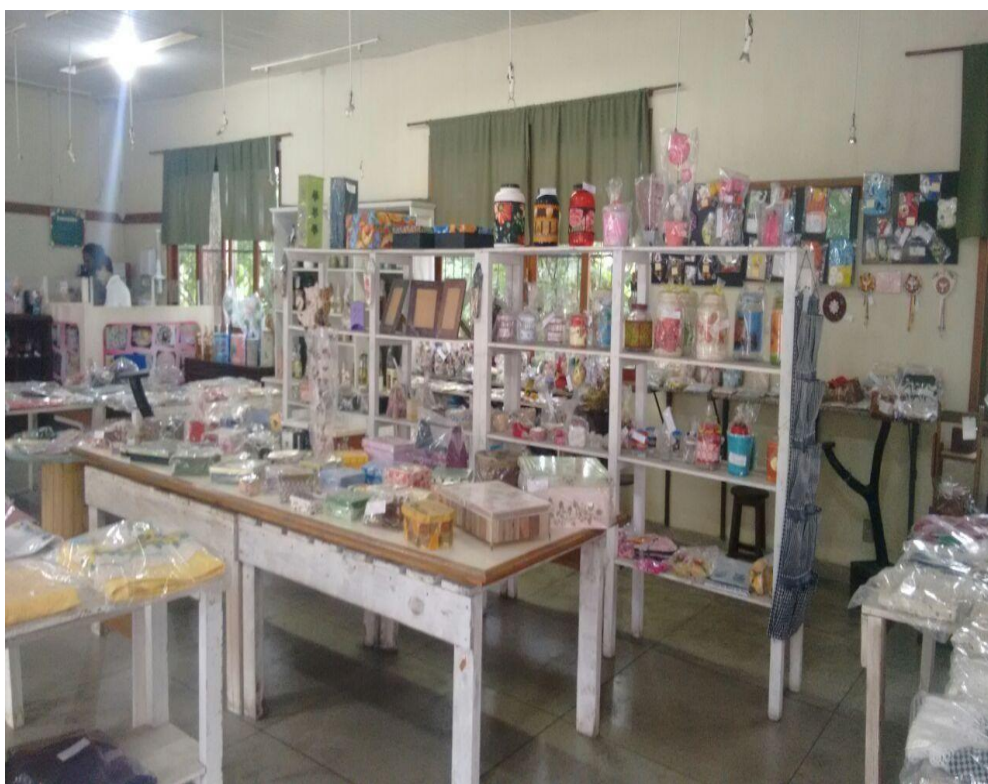


Figura 16 - Associação dos Artesãos de Barra do Piraí ao lado da Secretaria de Turismo e Cultura do município. Fonte: foto da autora, 05 de Out. de 2017.

Barra do Piraí possui também um folder de atrativos turísticos o qual circula no centro da cidade. Neste folder o município é representado como a “Pérola do Vale do Paraíba” e não do Vale do Café, mostrando certa independência da região. Este folder é produzido pela Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Lazer e destaca a importância do distrito de Ipiabas no circuito turístico da cidade (ver figuras 17 e 18).

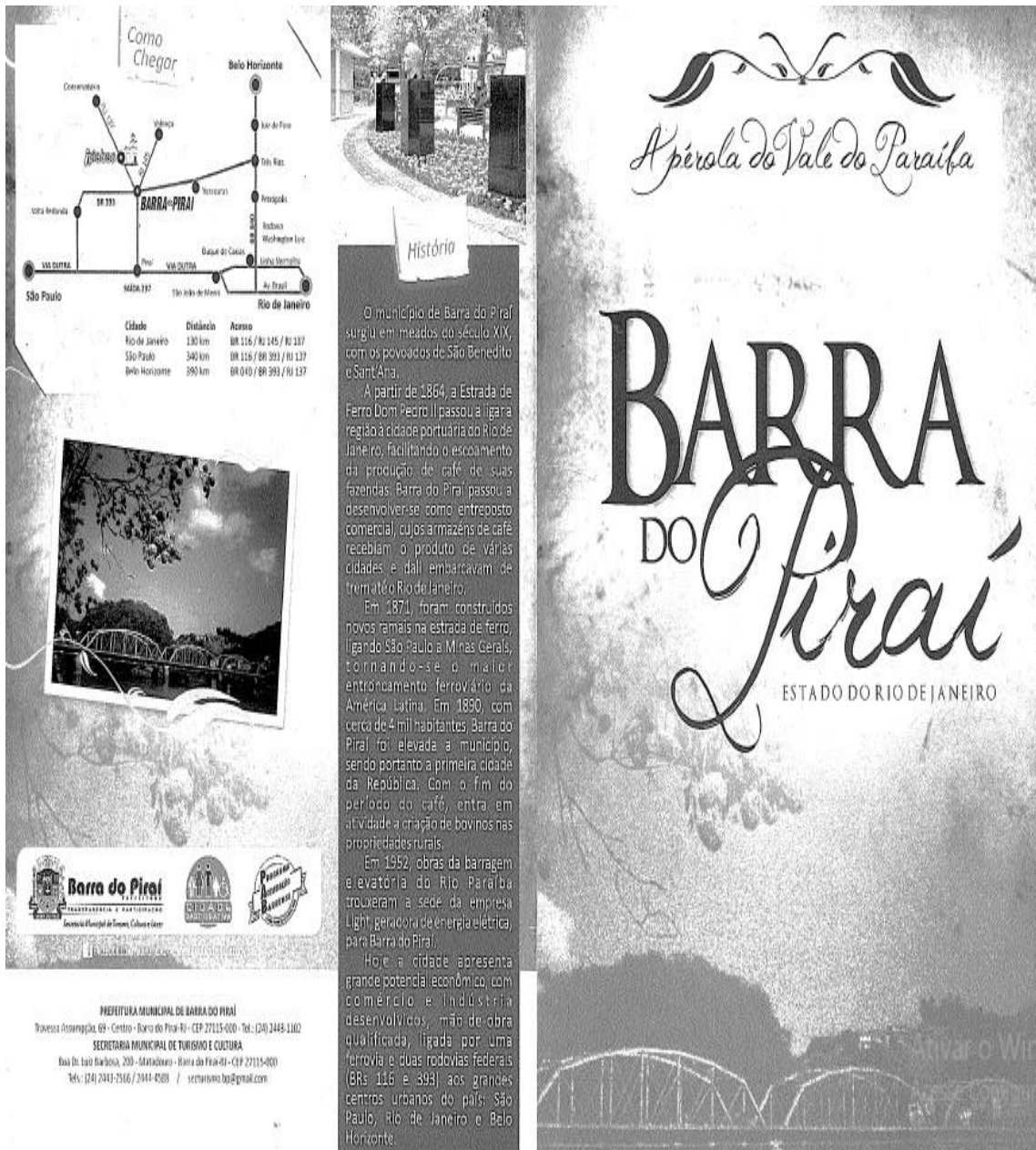


Figura 17 – Folder turístico do município de Barra do Piraí. Fonte: acervo da autora.

ipiabas
BARRA DO PIRAI - RJ
O DESTINO DA AVENTURA

RAPEL

ENDURO

TREKKING

TIROLESA
Hotel São Sebastião

ESCALADA

MOUNTAIN BIKE

OFF ROAD

CAVALGADA

CAVALGADA
Pousada Centro Hípico Casa Delta
Rua Vereador Leonel de Souza, 335
Tel.: (24) 2437-1693
www.casadelta.com.br
contato@casadelta.com.br

RAPEL E ESCALADA
Pedreira do Gavião
Utilizado para prática de Rapel e Escalada.
Geovane (24) 9956-1126

AGÊNCIAS DE TURISMO
Silmar - Excursões & Eventos
Registro EMBRATUR: 19.019373.10.0001-0
Rua Tiradentes, 50 sala 102
Tel.: (24) 2401-8512
silmar@veloxmail.com.br

Herald's Viagens e Turismo & Rent a Car
Praça Nilo Peçanha, 116 - Sobreloja
Tel.: 0800 282 2574 / (24) 2443-1200
www.viagensheralds.com.br
heraldsviagens@viagensheralds.com.br

Figura 18 – Folder turístico de Barra do Pirai com destaque para Ipiabas. Fonte: acervo da autora.

3.1.1.3 Município de Vassouras

Neste subcapítulo apresentaremos a captação do fazer político deste representante do município de Vassouras. Obtivemos, portanto, o caráter prático de suas representações (JODELET, 2001), trouxemos folders, fotos, entrevistas com vendedores, visitantes e moradores de Vassouras⁷⁰ com o intuito de reafirmar o engajamento turístico da cidade no Vale do Café.

No município de Vassouras é a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo que está responsável pela inclusão turística do município e também na região do Vale do Café. No entanto, por conta do período de eleições de 2018, não tivemos possibilidade de entrevistar representantes da Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Vassouras. Isso, por outro lado, não invalida a pesquisa, pois a partir de elementos que mostram a ação da prefeitura pudemos respaldar a representação do município no Vale do Café.

Realizamos uma intervenção em campo para nos aproximarmos da realidade dos festivais que acontecem anualmente no centro histórico da cidade de Vassouras. A opção pelo campo em Vassouras nos permitiu levantar itens representativos no Vale do Café.

Durante a visita de campo em Vassoura pudemos participar da 3ª Edição da Programação Paralela ao Festival Vale do Café no dia 30 de Julho de 2017, na Antiga Estação Ferroviária, Praça Campo Belo em Vassouras (figura 19). Neste evento foram distribuídos panfletos com informações históricas e culturais assim como a programação do evento gratuito.

A Programação Paralela ao Vale do Café foi uma iniciativa realizada pelo grupo Abrace Vassouras⁷¹ com apoio da Prefeitura e da Secretaria de Turismo (figura 20).

⁷⁰ As entrevistas estão presentes no Anexo III, p. 121, desta dissertação.

⁷¹ Evento realizado pelo grupo Abrace Vassouras (Organização da Sociedade Civil), com 15 atrações gratuitas de sexta-feira (21) a domingo (30), em Vassouras, com o intuito de promover a venda de produtos diversos quanto dar oportunidade aos moradores a participação do evento. O roteiro cultural apresentou shows de Choro, Jazz, Rock e Blues, Viola Caipira, além da participação de orquestras infantojuvenis que fazem parte de projetos sociais, entre eles a Camerata de Violões de Três Rios, a Orquestra de Cordas de Volta Redonda, a Orquestra Popular TuHu, do Rio de Janeiro, e o Programa de Integração à Música (PIM) de Vassouras e também programação para crianças. Ambientando os visitantes com sua história e importância na economia do século XIX, o evento teve como palco os prédios históricos de Vassouras, entre eles a Igreja Nossa Senhora da Conceição, a Praça Barão de Campo Belo, a Antiga Estação de Trem e a Câmara Municipal, que revelam pela arquitetura, o papel da cidade como maior produtora de café do país. <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/15-edicao-do-festival-vale-do-cafe-e-atracao-no-sul-do-rio-de-janeiro.ghtml> Acesso em: 03/10/2017 22:10.



Figura 19 - Praça Barão do Capo Belo em Vassouras, 3ª Edição da Programação Paralela ao Festival Vale do Café. Fonte: Foto da Autora, 30 de Jul. de 2017.



Figura 20 - Folheto do evento Programação Paralela ao Festival Vale do Café 2017 realizado pelo grupo Abraçe Vassouras e apoio da Prefeitura Municipal de Vassouras, Secretaria de Turismo e Desenvolvimento de Vassouras e Back Stage. Fonte: acervo da autora.

Como o nome já declara, este é um evento paralelo ao Festival Vale do Café, a diferença está realização de eventos gratuitos e em espaço público. Diferente do Festival Vale do Café que nos últimos anos tem acontecido dentro das Fazendas Históricas.

Neste evento, a Antiga Estação Ferroviária de Vassouras foi ocupada por lojas de degustação, venda de café e doces de produção local. Além da venda de produtos com a marca Café do Vale, e antiguidades. Envolta da Praça, comboios turísticos foram realizados para que os visitantes conhecessem o circuito de Fazendas de Café, é chamado “O Trem do Barão” (figura 21), é um veículo adaptado como locomotiva do século XX e faz tour com os turistas pelos principais pontos da cidade.

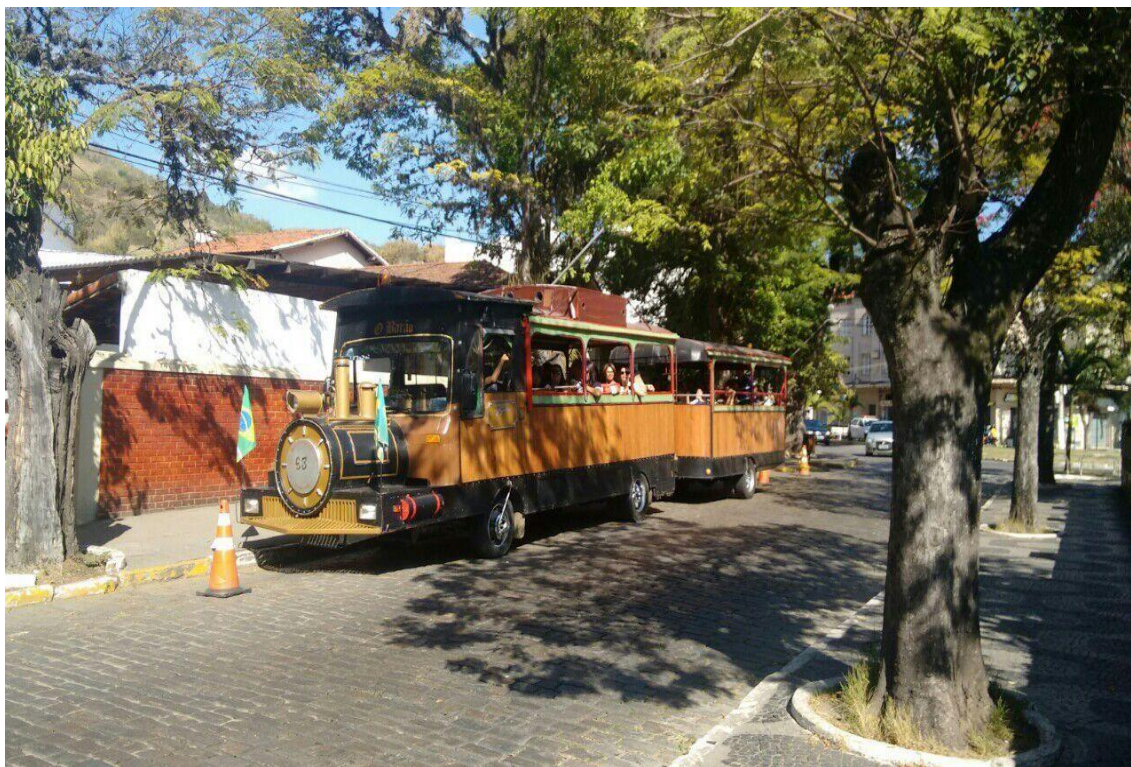


Figura 21 - O trem do Barão e o Tour com os visitantes pelos pontos turísticos da cidade de Vassouras.
Fonte: Foto da Autora, 30 de Jul. de 2017.

Neste mesmo evento havia uma *Feira Cultural Festival Vale do Café* de Antiguidades, outra parte da Praça era composta por *Food Trucks* (figura 22), outra parte venda e degustação de Cafés e doces, e outra parte a preparação para o *show* com música ao vivo. Ademais da presença da locomotiva na Antiga Estação Ferroviária que é reconhecida como *O memorial do Trem* (figura 23).



Figura 22 - Feira de *Food Trucks* em frente à feira de Antiquidades no Evento Programação Paralela ao Vale do Café. Fonte: foto da Autora, 30 de Jul. de 2017, Vassouras.



Figura 23 - Memorial do Trem. Locomotiva de 1875, restaurada para visitação na Antiga Estação Ferroviária de Vassouras. Fonte: foto da Autora, 30 de Jul. de 2017.

Nos últimos quatro anos, a Programação Paralela ao Festival Vale do Café vem acontecendo em espaços públicos da cidade de Vassouras. Este é um evento sem fins lucrativos e conta com a colaboração de comerciantes locais e patrocinadores⁷². Também em Vassouras aconteceu o primeiro Festival Vale do Café em 2003. Nesse sentido, o Programa Rio de Janeiro, uma ação integrante do Programa Federal de Apoio à Geração de Emprego e Renda no Rio de Janeiro mostra como o Festival Vale do Café – 16ª Edição gerou impactos socioeconômicos relevantes para a cidade de Vassouras⁷³.

Outras ações e eventos dão destaque a este município no Vale do Café: a presença do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras o qual apresenta estudos sobre a configuração material e imaterial da região Vale do Paraíba Fluminense; realização do I Congresso Nacional de História e Geografia do Vale do Paraíba em 2011; a produção de artigos e dissertações, tendo como objeto de pesquisa a cidade de Vassouras e sua produção urbana, histórica e cultural⁷⁴.

Vassouras é objeto de estudo em diferentes campos: análise da aristocracia vassourense, escravidão e suas marcas sociais, memória, urbanização. Esta cidade contribuiu para a construção histórica e geográfica do Brasil, por isso se tornou foco de diversas pesquisas, eventos, e instituições, como por exemplo, o tombamento urbanístico e paisagístico da cidade pelo IPHAN.

Outro ponto de destaque dado ao município de Vassouras é a presença da placa indicando a direção do “Vale do Ciclo do Café”, na Rodovia RJ127, entrada do município de Paracambi (perímetro urbano Seropédica-Paracambi). (ver figura 24).

⁷² FUSVE – Universidade de Vassouras, Prefeitura de Vassouras e Secretaria de Turismo e Desenvolvimento, Instituto São Francisco, Paróquia N. Sra. Da Conceição, são alguns dos patrocinadores.

⁷³ Certificado Festival Vale do Café em Vassouras no Anexo V, p. 125, desta dissertação.

⁷⁴ FROND, Jean Victor. Brasil Pitoresco, 1861. STEIN, Stanley Julian. Vassouras: A Plantation Society, 1850-1900: A Study of Change in XIXth century Brazil. 1951. Tese (Doutorado)-Harvard University, Cambridge, 1951 e STEIN, S. J., Vassouras: a Brazilian Coffee County, 1850-1900. Cambridge, Harvard University Press, 1957; Rodrigues, Gerlane Bezerra. IMAGINÁRIA URBANA NA CIDADE DE VASSOURAS NO RIO DE JANEIRO: a construção de uma memória social republicana. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica* – nº 33.2 (2015);



Figura 24 – Placa de indicação turística do Vale do Ciclo do Café na Rodovia RJ127 em Paracambi. Fonte: foto da autora. 09 de Out. de 2018.

E como produto de divulgação do município obtivemos o folder turístico da cidade produzido pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (figura 25). Neste, observamos que Vassouras é considerada “A Princesinha do Café” por ser a maior produtora de café do mundo durante a década de 1850. E ao fundo a Praça Campo Belo onde aconteceu o primeiro Festival Vale do Café em 2003.



Figura 25 – Folder turístico do município de Vassouras. Fonte: acervo da autora.

3.1.2 Grupos econômicos e suas representações no Vale

Os grupos econômicos selecionados para análise de representações no Vale do Café foram o PRESERVALE, como instância da sociedade civil privada, e o Portal Vale do Café que atua como trade turístico via mídias sociais. Esses dois agentes atuam como ação estratégica para propaganda do turismo no Vale do Café. Esses agentes atuam como instrumentos, veículos das representações, os quais avaliam a difusão e a intensidade das representações (SÁ, 1998).

Ao mesmo tempo, como agentes de divulgação, permitem indicar que o Vale do Café é carregado pelo sentimento de opulência, principalmente em relação à história econômica e social. Esses agentes econômicos são os que viabilizam financeiramente o fluxo de turistas, a partir do resgate de valores histórico, culturais e espaciais.

3.1.2.1 Instituto Preservale

O PRESERVALE é uma organização privada que tem como principal objetivo a defesa do patrimônio e busca promover a sustentabilidade através do Turismo Cultural no “Circuito das Fazendas Históricas do Ciclo do Café”. Essa organização advém da união de gestores de propriedades históricas que se utilizam do turismo cultural como forma de agregar valor ao patrimônio rural, propiciar renda com as hospedagens e visitas com finalidade histórica, cultural, educativa, de entretenimento, dando assim novos usos às antigas fazendas de café.

No início, o PRESERVALE tinha cinco fazendas associadas para visitação. Com o passar do tempo outros proprietários aderiram à organização, buscando se apropriar da identidade turística alicerçada na ideia da arquitetura rural cafeeira constituída no século XIX e assim obter maior fluxo de turistas. Hoje, o PRESERVALE é composto por trinta e duas fazendas associadas (figura 26) distribuídas entre seis municípios⁷⁵ no Vale do Café.

⁷⁵ Barra do Pirai, Vassouras, Valença, Rio das Flores, Paty dos Alferes, Barra Mansa, Miguel Pereira. Site: <http://www.preservale.com.br/mapa-da-regiao>. Acesso: 11/09/2018 às 21:14h.

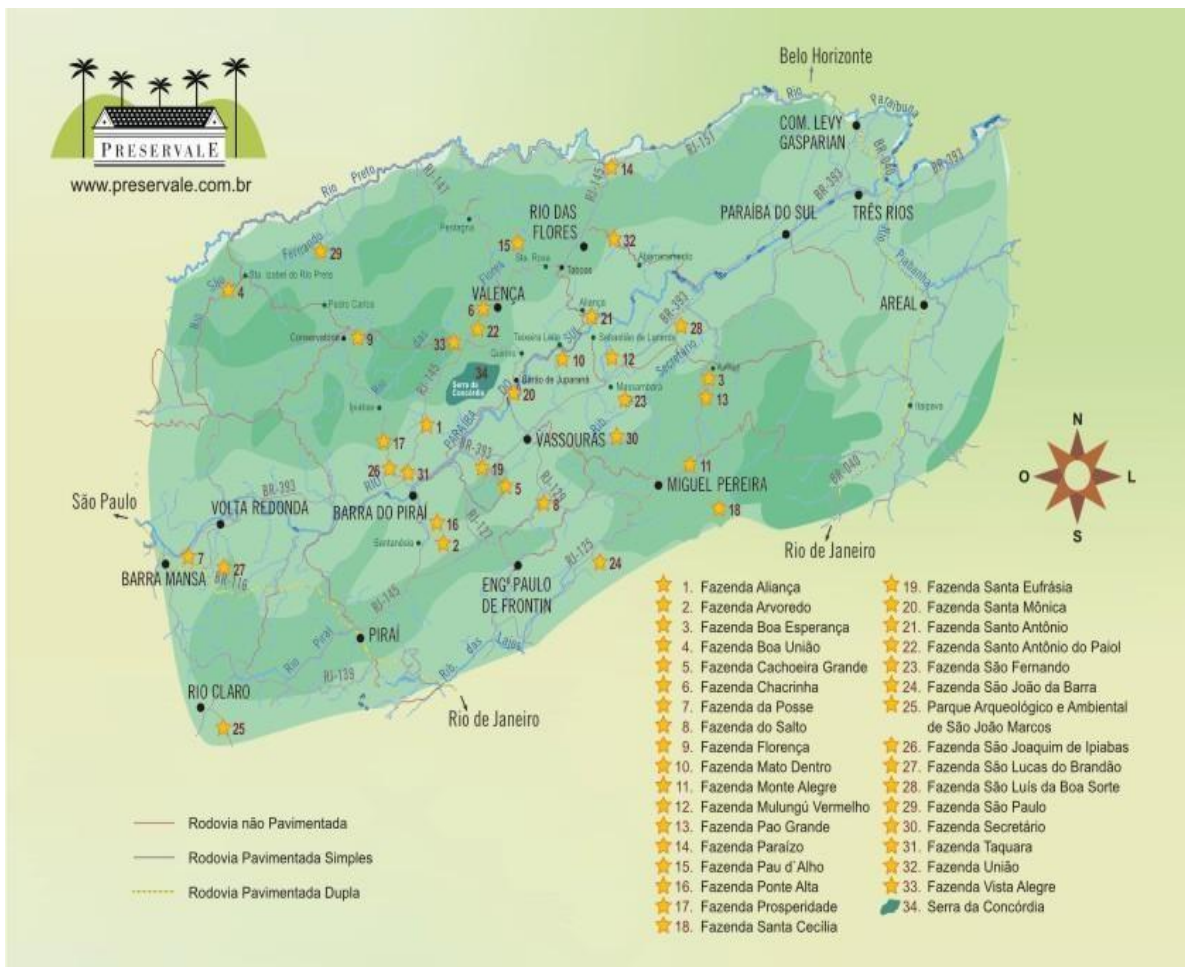


Figura 26 - Mapa da localização das fazendas do Vale do Café fluminense. Fonte: PRESERVALE, 2007.

A produção de outros mapas do Vale do Café garante novos espaços de representação, permitindo aos agentes representarem e se apropriarem desta região. Além do mapeamento das fazendas históricas que compõe o instituto Preservale, existem também publicações como o livro “Vale a pena preservar: Turismo Cultural de Desenvolvimento Sustentável” realizado com apoio da EMBRATUR e do relatório de Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café em 2010.

O PRESERVALE e o Instituto Virtual de Turismo (IVT), COPPE/UFRJ realizaram parceria em Junho de 2002, com o objetivo de pesquisar a sustentabilidade do produto Fazendas Históricas da região do Ciclo do Café, esse foi um seminário que contou com a presença de proprietários e atores institucionais da região apresentando um diagnóstico da realidade social e econômica, histórico-cultural, ambiental, espacial e político-administrativo para a região. Nesse sentido, o Instituto pôde obter uma metodologia de núcleos de ação para gerir o turismo sustentável nas Fazendas Históricas.

Como resposta às ações estratégicas do turismo, o PRESERVALE passa a oferecer *Workshop* (figura 27) que dá reconhecimento à atividade turística dentro das antigas fazendas e no espaço público. Além disso, é o PRESERVALE que apresenta um papel mais efetivo na região: dinamiza as práticas turísticas da cultura popular, define eventos no calendário da região do Vale do Café, preserva e realiza visitaçao de áreas ecológicas.



WORKSHOP VALE DO CAFÉ



Características do Turismo Cultural nas Fazendas e Cidades Históricas do Vale do Café
Turismo de Habitação
Eventos Interpretativos e Calendário da Região
Apresentação de diferentes roteiros e Propriedades que integram o Instituto Preservale
Marcas da Herança Africana e Legado Patrimonial
Áreas de interesse ecológico abertas à Visitação

Dias:
03/05/18 (Quinta feira)
Manhã: 10:00 às 12:00
Tarde: 14:00 às 16:00ⁿ
Noite: 18:30 às 20:30
05/05/18 (Sábado)
13:00 às 15:00
Investimento: R\$ 40,00
Certificação e Validação de Horas Complementares

Palestrante



Sonia Mattos é fundadora e Superintendente Executiva do Preservale, filósofa e Mestre em Comunicação e Cultura, especialista no Desenvolvimento de Territórios Históricos. Vice-Presidente da Associação de Embaixadores de Turismo do Rio de Janeiro.



Inscrições somente pelo
WWW.CIETH.COM.BR

Figura 27 - Folder de divulgação de palestra com a fundadora e superintendente executiva do PRESERVALE, Sonia Mattos.

Para o desenvolvimento das práticas turísticas o PRESERVALE tem sido apoiado pelos patrocinadores INEPAC, governo do Estado do Rio de Janeiro e secretarias de turismo, Instituto Light, e viabiliza a marca *Festival Vale do Café* nas fazendas históricas.

Em entrevista concedida por Sonia Mattos⁷⁶ em 16 de Setembro de 2018, fundadora do Instituto Preservale, explica que o Instituto é certamente um agente econômico, pois este agente atua de diversas formas na região:

A opção de tornar imóveis históricos rurais em ativos econômicos e empreendimentos de cunho familiar foi um resultado bem sucedido da

⁷⁶ Filósofa (PUC/RJ), Mestre em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), idealizadora e fundadora do Instituto Preservale. Entrevista realizada via e-mail do Preservale, com versão completa no anexo II, p.121, no final do texto desta dissertação.

experiência nascida com o Preservale. Esta iniciativa fomentou o aumento do número de meios de hospedagem, restaurantes e pequenos museus, assim como ampliou a demanda por emprego e serviços no meio rural que não existiam na economia agropecuária local. A pequena produção de doces, laticínios, conservas, artesanato, bem como os ateliês de costura e catering tiveram um aumento de demanda que ensejou sua profissionalização, com o aumento de empregos e da geração de renda nas comunidades. Outro fator foi a procura regional por cursos de turismo, hotelaria e história, alguns anos atrás que, infelizmente, não foi bem direcionado para ao mercado regional e acabou não se multiplicando.

A fundadora do Instituto afirmou que o PRESERVALE foi “*a primeira entidade que congregou os interesses dos proprietários em abrir suas Fazendas à visitação, praticando um turismo cultural em pequena escala*”, sendo um dos atores mais antigos e participativos na redescoberta da região e seus patrim nios. Sonia Mattos diz que com a influencia e orienta o do Instituto, essas propriedades puderam ter incentivo   pesquisa documental, valoriza o mobiliária, iconografia, circuito de visita o da histórica da propriedade, recursos de interpreta o da história patrimonial e entretenimento cultural aos visitantes.

Outras iniciativas no Brasil puderam se espelhar no PRESERVALE, como associa es, ONGs e grupos de interesse. Este agente econ mico estabelece um intercâmbio com programas institucionais da União Europeia a partir do projeto Fazendas Brasil⁷⁷, por exemplo, o qual promove o resgate da identidade cultural dos países com objetivos turísticos, além da interioriza o do turismo, regionaliza o de investimentos e integra o dos roteiros de turismo rural.

No ano de 2000, o Instituto PRESERVALE se associou com a TURIHAB – Solares de Portugal (Turismo de Habita o de Portugal), criando uma rede nacional transatlântica com 100 propriedades no Brasil e mais 330 em países como Itália, Espanha, Reino Unido, Áustria, Alemanha e Portugal. O nome do projeto   “Europa das Tradi es – uma visão transatlântica” para promover o produto turístico junto ao mercado europeu.

Este projeto deu respaldo às fazendas históricas para que realizassem uma diversidade de atividades turísticas, como contato com a natureza, gastronomia, artesanato, eventos de entretenimento musical e teatral, reproduzindo um passado carregado de valor simbólico.

Quando perguntado sobre o que   o Vale do Café para o Instituto Preservale a fundadora Sonia Mattos pôde expressar que:

“Vale do Café”   um nome de marca, um branding, que foi criado nos anos 2000, a partir do Festival Vale do Café, nome cunhado pela criadora do Festival, a harpista Cristina Braga. O nome consagra a região como destino turístico, evocando o “lugar de memória” do legado imperial do Café, no tocante às Fazendas Históricas, as cidades e a herança africana presente em sua cultura imaterial (...). O Preservale abraçou esta nova denomina o, pois ela confere um significado mais preciso ao produto turístico que ali se desenvolveu.

⁷⁷   uma rede de Associa es do Turismo no Espaço Rural baseado no Consórcio Europa das Tradi es. Teve início em 1999 e congrega as fazendas históricas dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

O Vale do Café se apresenta como nomeação, uma marca regional que difunde o turismo da região Vale do Paraíba Fluminense, é um nome comercial. E, segundo Sonia Mattos, *“só foi possível realizar o Festival Vale do Café porque já havia propriedades históricas vocacionadas para o receptivo turístico, bem como um público interessado em conhecê-las”*, sendo o PRESERVALE um parceiro do Festival Vale do Café o qual é principal em impulsionar a região.

O PRESERVALE valoriza a riqueza do patrimônio material e imaterial, resgata a memória através do entretenimento musical e encenações em determinadas fazendas e relata a história de Barões e escravos no período da economia cafeeira⁷⁸.

Entretanto, apesar de ser a primeira entidade do Vale do Café, ainda existem dificuldades para a ação do Instituto na região como os desafios de estratégias de adesão, filiação e sustentabilidade. Na entrevista, a fundadora do Preservale completa dizendo que *“a falta de apoio e compromisso de governos (municipais, estaduais e federais) com o patrimônio e o turismo prejudicam a abrangência e eficácia de nossas iniciativas”*.

A pesar das diversas dificuldades encontradas na região, como falta de sinalização, falta de capacitação para serviços turísticos, acesso à telefonia, os proprietários das fazendas associadas ao PRESERVALE investem no patrimônio histórico, no restauro, mobiliário, indumentária e recuperação de obras de arte e de documentos.

O patrimônio se torna um produto do imaginário rural (NATAL, 2008) com o intuito de revitalizar a economia do meio rural. Isso acontece por meio da refuncionalização dessas antigas fazendas de café em hotéis, restaurantes, museus, reflorestamento, e plantio de café. E também pela reprodução simbólica que, através de códigos culturais, espaciais e históricos, difunde uma representação do imaginário rural no Vale do Café, como o Jongo, Folia de Reis, Capoeira, Caninha Verde, Cortejo de Tradições, entre outras manifestações de matriz africana que podem ser apresentadas através de shows, apresentações teatrais e eventos.

Nesse imaginário rural se agrega também o sentido de prestígio, pomposidade, e opulência do poder dos Barões do Café, um poder entendido como *“(...) capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos.”* (BOURDIEU, 1987).

3.1.2.2 O Portal Vale do Café e outras representações

A mídia tem papel fundamental na criação do imaginário rural no processo de produção de representações para o Vale do Café. Como agente midiático e econômico temos o Portal Vale do Café. É com esse agente que podemos observar a construção de

⁷⁸ Existe em ordem um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em andamento entre o Ministério Público Federal, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a proprietária da fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras. O TAC estabelece uma nova maneira de a região lidar com o turismo de memória, contemplando a contribuição do povo negro e de sua cultura, no combate ao racismo no turismo. Tribuna do Interior, 2017. Acesso em: <https://www.jornaltribunadointerior.com.br/single-post/2017/05/17/Minist%C3%A9rio-P%C3%BAblico-quer-que-TAC-leve-Vassouras-a-repensar-o-turismo-nas-fazendas-hist%C3%B3ricas> Retirado em 18/09/2018 às 23:03.

uma mensagem simbólica a partir de textos e fotos como natureza, áreas rurais verdes e tranquilas, fazendas históricas atraentes que recriam o status econômico que a produção do café trouxe aos Barões no século XIX (figura 28).

QUE TAL EXPLORAR ESSE TERRITÓRIO DOS BARÕES E SE ENCANTAR COM AS HISTÓRIAS DAQUI?

Conheça um dos roteiros mais charmosos de nosso país!! Uma viagem pela história espera por você...



Conheça a região
Localizado no Vale do Paraíba Sul Fluminense, o Vale do Café é a denominação turística da região onde o café foi a principal fonte de renda no

Fazendas Históricas
Venha se apaixonar pelas fazendas da região. São lindas e proporcionam uma inesquecível viagem no tempo.

Hotéis e Pousadas
Conheça as mais charmosas e aconchegantes opções de hospedagem na região.

Figura 28 - Primeira página *on-line* do Portal Vale do Café⁷⁹.

O Portal Vale do Café é uma página virtual voltada para reconhecimento da região do Vale do Café, das fazendas históricas, hotéis e cultura. Este agente é parte do trade turístico como web site de iniciativa privada que tem o objetivo de divulgar espaços turísticos e eventos culturais associados à região turística do Vale do Café.

Esse agente tem como produto a propaganda e a venda de ingressos para eventos e festivais dentro das fazendas históricas associadas, restaurantes, e centros históricos.

Como o Vale do Café considerado uma região turística, este canal de acesso à informação (distância entre Rio de Janeiro/Vale do Café, como chegar, onde visitar, o que comer e beber, o que ouvir, etc.) se faz primordial para a difusão do Vale do Café em larga escala. O Portal Vale do Café divulga o Vale visando, principalmente, o fortalecimento do turismo histórico-cultural, indica pontos turísticos e o contato destes, sendo assim o principal e mais ativo canal de propaganda.

Na figura 25 acima, a propaganda do Portal Vale do Café dá ênfase à cultura dos Barões do Café, traz à memória a importância dos Barões como donos do “território”, e assim a história dos vencedores é reproduzida (BENJAMIN, 1938).

Em entrevista conduzida por e-mail para o Portal Vale do Café, conversamos com Valéria Kelli, responsável pela assessoria da plataforma digital do Portal e a concepção deste grupo para a região é que “o Vale é um repositório histórico-cultural, que proporciona uma enriquecedora viagem ao passado, principalmente através das

⁷⁹ <http://www.portalvaledocafe.com.br/>. Acesso em 03/10/2016 às 20:30h.

idades históricas e fazendas, ainda bem preservadas, que pertenceram aos célebres barões do café”⁸⁰.

O Portal Vale do Café divulga as informações sobre a maioria das Fazendas Históricas, contudo não são representantes das mesmas. Esta plataforma tem parceria com seis fazendas do Vale do Café. As demais também são divulgadas (20 fazendas), no entanto com menor expressividade no momento da entrevista, mas pretendem criar mais associações.

Segundo as informações na página virtual, cada fazenda têm seu calendário de atividades, e que a maioria permanece aberta para visitas guiadas durante os finais de semana e feriados. O visitante entra em contato com as fazendas de interesse e monta seu próprio roteiro. Além disso, o visitante pode ter acesso à região através do mapa do Vale do Café realizado pelo Portal Vale do Café (figura 29). A realização de um mapa próprio do Portal Vale do Café garante maior credibilidade e legitimidade a este agente econômico.



Figura 29 - Mapa do Vale do Café com principais vias. Fonte: Portal Vale do Café. Acesso em 16 de Out. de 2017.

Neste mapa do Portal do Vale do Café, além das principais rodovias de acesso ao Vale do Café, existe uma hierarquização dos municípios da região. Os pontos em marrom indicam os municípios com maior influência no Vale do Café e os pontos em cinza referem-se às cidades menos representativas turisticamente, segundo a análise do mapa do Portal Vale do Café (figura 29).

Outro produto midiático produzido por esse ator são as paisagens da arquitetura imperial. As fazendas históricas e centros históricos sintetizam a realidade dos municípios no Vale do Café. E são esses espaços que ganham novos usos, isto é, a paisagem do passado tem uma nova função: resgatar uma tradição. Nesses espaços não mais se produz café⁸¹ *commodity*, mas se reproduz a vida dos Senhores do Café e dos

⁸⁰ Entrevista conduzida por e-mail para o Portal Vale do Café presente no Anexo VIII, p. 129, desta dissertação.

⁸¹ A Fazenda da Taquara, em Barra do Piraí possui uma produção de café em pequena escala, e o fez como produto próprio, “resgatando a sua real identidade, a Fazenda Taquara retomou a produção de café

escravos através de representações, como uma “viagem no tempo” que mais se parecem com verdadeiros simulacros (CHAUÍ, 2006). (ver figuras 30 e 31).



Figura 30 - Folder de apresentação das fazendas históricas do Vale do Café e seus municípios. Fonte: Portal Vale do Café. Acesso em 18 de nov. de 2016.



Figura 31 - Apresentação teatral na Fazenda Florença em Conservatória – Valença. Fonte: Portal Vale do Café. Acesso em 18 de nov. de 2016⁸².

separando os melhores grãos a fim de garantir o sabor da bebida mais famosa da região.” Portal Vale do Café. Acesso em 12/09/2017 às 22:04h.

⁸² Site: <http://www.portalvaledocafe.com.br/fotos.asp> . Acesso em 18 de nov. de 2016 as 22:05h.

Existe também Revista Vale do Café que promove a divulgação da região. Esta revista é produzida em Vassouras e divulga a história e eventos teatrais⁸³ que ocorrem na região. Esta revista não está vinculada ao Portal Vale do Café, mas também possui grande influência na região (figuras 32 e 33).



Figura 32 e 33 - Capas da Revista Vale do Café está na 11ª Edição em 2018. E Revistas Região Vale do Café promovidas pelo CONVICLO e parcerias. Edições de 2003. Fonte: Revista Vale do Café e acervo da Biblioteca Municipal de Barra do Piraí. Fonte: fotos da autora, 05 de out. de 2017.

Nesse sentido, temos uma relação com a ideia de “tradição inventada” em que Eric Hobsbawm (1997, p. 9) apresenta. Essa noção abrange tradições inventadas, constituídas e institucionalizadas e também se refere àquelas que surgiram de maneira inesperada. O autor explica que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1997, p.9).

Este autor afirma que as tradições inventadas, isto é, àquelas instituídas de maneira formal, desenham um passado histórico artificioso, criando novas ideias ou se apropriam das referências anteriores. Podem também criar seu próprio passado a partir de uma repetição forçada.

O turismo no Vale do café se destaca pelas paisagens monumentais e que leva o turista a apreciar o requinte de uma experiência turística dentro das Fazendas Históricas,

⁸³ Projeto Fazenda Viva – Decadência com Elegância, criado por José Luiz Júnior editor da Revista Vale do Café, Diretor de Turismo na Prefeitura de Vassouras e Diretor da CONVICLO.

Hotéis-fazenda e no Festival Vale do Café. Segundo Natal (2008 p. 94) as Fazendas do Vale do Café expressam que a atividade turística é voltada para o tipo de turista que preza o requinte e que não se preocupa com o custo da escolha luxuosa, já que o preço cobrado encontra justificativa na “seletividade”.

A seletividade também diz respeito à seleção de imagens para a paisagem ou “vitrine da região”. O Portal Vale do Café como agente econômico e mídia atua também na formação desta paisagem. Este agente também divulga o Festival Vale do Café em sua plataforma digital.

O Festival Vale do Café é um evento que se tornou um forte centro de atração de turistas para a região. Este festival acontece desde 2003 no Vale do Café. Na 15ª Edição do Festival Vale do Café em 2017, este evento foi realizado somente nos municípios de Vassouras, Rio das Flores, Barra do Piraí. Recebeu atrações artísticas de outros municípios como Rio de Janeiro e Volta Redonda, assim como atrações internacionais (figura 34). A maioria das apresentações artísticas foi realizada dentro das Fazendas do Café, Igrejas Católicas e Praças⁸⁴.



Figura 34 - Panfleto da 15ª Edição do Festival Vale do Café em 2017. Panfleto com programações gratuitas e nas fazendas históricas. Fonte: acervo da autora.

⁸⁴ Programação Paralela ao Festival Vale do Café em 2017 ocorreu na Praça Campo Belo em Vassouras, a antiga estação ferroviária, por exemplo.

Por estar na 16ª Edição em 2018, este festival já tem se tornado uma tradição na região. O Festival é projeto da empresa produtora de eventos *Backstage Produções*⁸⁵. Esta empresa prestou serviços na cobertura do *Rock in Rio 2* pela *MTV Network*, e atualmente tem investido na região do Vale do Café.

Para que os municípios se integrem ao Festival Vale do Café, ou seja, se apropriarem da identidade de sua própria região, precisam estar de acordo com as normas, contratos e investir neste produto comercial. A mídia, de modo geral, divulga o Festival Vale do Café como uma tradição pertencente à região.

Este marketing regional do Festival Vale do Café tem por finalidade atrair visitantes à maior região produtora de Café do Século XIX. E em conjunto com o PRESERVALE buscam fomentar a atividade turística como um todo no Vale.

O Festival Vale do café vai além da apreciação da paisagem das fazendas e ferrovias, inclui música de concerto, gastronomia *Gourmet*, atravessa a questão da sustentabilidade ao trazer a ideia da produção agroecológica nas fazendas, ecoturismo e turismo Rural, analogias em apresentações teatrais que dão vida à história do Brasil Império.

Este festival se apropria do passado histórico e da estrutura das fazendas históricas a partir de novas formas, isto revela uma continuidade artificial do passado (HOBBSAWM, 1997). O que nos reflete uma tradição inventada num período curto de existência (acontece desde 2003), mas evoca de maneira sorrateira o elitismo imperial, a música erudita e o apogeu do café ignorando a tragédia da sociedade escravocrata.

A legitimidade destes grupos, tal como indica Sá (1998), se dá a partir do discurso ou comportamento dos sujeitos, documentos e, práticas sociais passa por cima dessa realidade histórica. Os diversos agentes, de certa maneira, retiram o contexto histórico e usam o passado reconfigurado em forma de consumo turístico.

3.2 Convergências e dissonâncias na produção de representações da Região do Vale do café: exemplo do CONCICLO

O CONCICLO é um conselho representado pelas secretarias Municipais de Cultura e Turismo de 14 municípios⁸⁶ e neste grupo convergem parceiros do SEBRAE-RJ, TurisRio, Instituto Preservale, e hoteleiros.

Este agente de produção de representações de região está inserido na dimensão política do Vale do Café, pois suas ações estão voltadas para políticas públicas e articulação entre os municípios, instituições e empreendedores.

Neste sentido, o CONCICLO une esforços do poder público, sociedade civil organizada e a iniciativa privada, objetivando incentivos para o desenvolvimento do turismo regional. Por isso, mantém proximidade com agentes do turismo e procura

⁸⁵ Desde a 5ª edição do Festival Vale do Café, realizada em julho de 2007, a *Backstage Produções* é a responsável pela viabilização financeira e produção executiva do Festival Vale do Café. Evento que já recebe atualmente cerca de 80 mil pessoas por ano, segundo a empresa. “Em 2010, o Festival Vale do Café recebeu o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro na categoria Empreendedorismo, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro e hoje já se tornou um evento esperado pelo público amante da boa música”. Trecho retirado do site *Backstage Produções* em 03/10/2017. http://www.backstage.art.br/evento_detalhe.php?id=8. Acesso em 03/10/2017.

⁸⁶ A saber, Vassouras, Barra do Piraí, Paracambi, Mendes, Miguel Pereira, Valença, Paty de Alferes, Paulo de Frontin, Piraí, Volta Redonda, Barra Mansa, Pinheiral e Paraíba do Sul.

formular diretrizes básicas para a política do turismo regional, como, por exemplo, o planejamento e execução orçamentária dos municípios frente apresentação de política de incentivo ao turismo (cultural, rural, religioso, de negócio, etc.), a criação de mapas de divulgação do Vale do Café e seus municípios (Figuras 35 e 36).



Figura 35 - Folder de divulgação da Região do Vale do Café realizado pelo CONCILO e parceiros. Fonte: acervo da autora.



Figura 36 - Folder de divulgação da Região do Vale do Café “A Região mais charmosa do Estado do Rio de Janeiro” realizado pelo CONCILO e eventos regionais. Fonte: acervo da autora.

Neste sentido, o CONVICLO une esforços do poder público, sociedade civil organizada e a iniciativa privada, objetivando incentivos para o desenvolvimento do turismo regional. Por isso, mantém proximidade com agentes do turismo e procura formular diretrizes básicas para a política do turismo regional, como, por exemplo, o planejamento e execução orçamentária dos municípios frente apresentação de política de incentivo ao turismo (cultural, rural, religioso, de negócio, etc.), a criação de mapas de divulgação do Vale do Café e seus municípios (figuras 35 e 36).

As figuras acima mostram que este agente público e privado, de mesma forma, tem também investido na divulgação da região turística. Ao representar o Vale do Café o CONVICLO legitima a apropriação da região. As representações são como “formas de conhecimento do mundo” (MOSCOVICI, 2001; JODELET, 2001) e como mediação elas são expressas de diferentes maneiras: por meio da linguagem, propaganda, artes, folders. Assim como por imagens mentais e obras materiais (na produção da paisagem) e na própria construção da região.

No entanto, este conselho ao se desativar nos últimos anos acabou por diminuir as possibilidades de discursar, representar e apropriar esta região. A última reunião somente aconteceu em 14 de Março de 2017, na Fazenda São Roque, em Vassouras. Foi realizada a retomada do CONVICLO, tendo em pauta a continuidade do planejamento turístico e articulação na região, indicadores de dados estatísticos para nortear a gestão, sinalização turística nas principais rodovias de acesso à região (TURISRIO, 2017). Não obtivemos acesso a estes dados específicos para a pesquisa.

Esta reunião em específico aproximou empresários, prefeitos das cidades do Vale do Café que tem maior proximidade geográfica e vocação para o turismo e relação com a história do café⁸⁷. Para o Presidente da TurisRio manter o CONVICLO ativo é fundamental para a aquisição de recursos financeiros para o desenvolvimento do turismo no Vale do Café, já que a crise econômica afetou o fluxo de turistas nos últimos anos. Além disso, é papel do CONVICLO elaborar e divulgar o calendário de eventos turísticos municipais e regionais.

Neste sentido, a partir de entrevista informal concedida em 27 de Dezembro de 2017, conversamos com o turismólogo, José Luiz Junior⁸⁸, diretor do CONVICLO e para ele a reativação dessa instância público privada precisa explorar o potencial turístico da região e de maneira integrada.

No entanto, ele explica que após a última reativação, o CONVICLO não se formalizou como instância de governança do turismo. Segundo José Luiz Junior o CONVICLO:

(...) hoje está desativado, mas eu o definiria muito mais como uma articulação da iniciativa privada em prol do desenvolvimento do turismo regional com o apoio do poder público... Houve uma tentativa de reativá-lo em março desse ano (2017) com o objetivo de que ele enfim se constituísse como uma instância de governança regional do turismo ou congênere, mas que não foi adiante. Alguns fatores importantes como a falta de integração entre alguns municípios

⁸⁷ Os prefeitos das cidades de Barra do Pirai e distrito de Ipiabas, Pirai, Mendes, Vassouras, Valença e distrito de Conservatória, Rio das Flores, Engenheiro Paulo de Frontin, Miguel Pereira e Paty do Alferes, estiveram presentes. Também o presidente da TurisRio, Paulo Senise, e dos diretores de Operações, Sergio Mello, de Planejamento e Projetos, Cesar Werneck e de Marketing, Luiz Garcia (TurisRio, 2017).

⁸⁸ Editor da Revista Vale do Café, Diretor de Turismo na Prefeitura de Vassouras e Diretor da CONVICLO.

e a dificuldade de uma delimitação geográfica oficial para esse recorte regional (Paracambi e Sapucaia, por exemplo, dois extremos, são considerados Vale do Café) contribuíram para que as negociações não avançassem.

O diretor do CONCICLO completa dizendo que “a falta de visão do poder público e o reconhecimento da importância estratégica do turismo para o desenvolvimento de suas cidades também corrobora bastante” para que as dificuldades sobrepujam as atividades turística no Vale do Café como um todo.

Quanto à iniciativa privada, ele diz que neste caso cada empreendedor se preocupa com seu próprio negócio especificamente, e não buscam soluções coletivas e integradoras. Ao questionarmos sobre o Vale do Café ser uma região com municípios diversificados e se essa realidade dificultaria a ainda mais a integração da região no conselho a resposta foi afirmativa.

Para ele, a burocracia para integração e a abrangência de municípios dificulta a gestão do CONCICLO, mas o que mais limita esta instância é a falta de vontade política dos governos, sendo que “a iniciativa privada leva o turismo ‘nas costas’ aqui na região”. Nessa questão, Cruz (2002, p.9) explica de forma concisa que:

O modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. À política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientam o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada, na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares.

Quando perguntado sobre um evento que integrasse a região do Vale do Café, o diretor do CONCICLO afirmou que o Festival Vale do Café que acontece desde 2005 onde “já participaram 12 cidades da região e hoje menos de meia dúzia... O Café, Cachaça e Chorinho do CONCICLO também não cumpriu essa função integradora”, completa.

O festival Café, Cachaça e Chorinho (figura 37) e o Festival Vale do Café são eventos importantes para a economia da região. Acontece nos meses de Abril e Julho, respectivamente. São estes festivais que representam uma parceria entre o poder público municipal e os empreendedores locais privados.



Figura 37- Folder de divulgação da 15ª Edição do Festival Café, Cachaça e Chorinho em Mendes. Fonte: Prefeitura de Mendes, publicado em 13 de Ago. de 2018.

Para além do período de eventos os empreendedores e proprietários agem por conta própria, sem auxílio do poder público, destacam-se as reivindicações para a melhoria das estradas, sinalizações, telefonia, infraestrutura turística em geral, como pôde ser observado nas falas dos agentes entrevistados e também pauta na reativação do CONCILO.

Durante a entrevista com o superintendente de Paracambi, quando perguntado sobre a participação do município no CONCILO, ele explicou que “como entidade pública eles não dependem do conselho, no entanto, é necessário estar próximo e fazer parte do grupo”. E disse que esse conselho foi criado com a “intenção de unir as cidades do Vale do Café e desenvolver o turismo na região”. O superintendente de turismo de Paracambi participou de duas reuniões do CONCILO no ano de 2017, porém não foram repassados os termos de adesão para os municípios. E explica que “Não existe meio Vale do Café, a região são 13 cidades. Nós, como poder público temos total interesse de participar do Vale do Café”.

Ainda no contexto da entrevista com o Secretário de Paracambi, Evandro Viana, perguntei sobre um evento regional que integrasse o Vale do Café, e disse que o Festival Vale do Café, é uma marca registrada pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) como evento que pertence à empresa *Backstage*, não sendo evento público ou do CONCILO. A prefeitura que quiser fazer um evento com a marca *Festival Vale do Café* precisa pagar direitos autorais, automaticamente à empresa *Backstage*.

E informou que a marca *Café, Cachaça e Chorinho* é evento promovido pelo CONCILO, e, portanto, as prefeituras podem utilizar a marca. “É necessário que o Vale do Café tenha um evento próprio para que não tenhamos que pagar tributos a uma empresa privada” fala do Superintendente de Turismo de Paracambi.

Já para Lucas Siqueira, Secretário de Turismo de Barra do Piraí, o CONCILO é mais uma iniciativa privada do que pública. E diz que as secretarias sempre participaram do conselho. “De qualquer jeito as prefeituras da região estão em muito descrédito. E completa explicando que “o que realmente falta, pelo menos aqui, é política pública... E claro vontade política pra que essas políticas sejam executadas”.

Para ele a ausência de políticas públicas para o turismo e cultura em Barra do Piraí é evidente. A falta de equipamentos culturais e dificulta a referência de lugares de cultura. Como ator político o Secretário de Turismo de Barra do Piraí entende que é necessário que o poder público apoie os grupos coletivos culturais e artísticos da cidade, como acontece na intervenção artística do grupo teatral organizado pelo Professor de Teatro Frederico Nepomuceno, utilizando a Antiga Estação Ferroviária de Barra do Piraí. A qual estava abandonada, e com seu trabalho torna-se um equipamento de cultura.

A representação desta instância política e econômica apresenta convergências e dissonâncias. Tem o objetivo de criar parceria entre empreendedores e o poder público. No entanto, a importância estratégica para desenvolvimento regional não se efetiva na prática e não integra todos os municípios que compõem o Vale criando assim certa contradição deste agente no contexto da criação e produção o Vale do Café.

A pesar das limitações de articulação na região, a integração da sociedade civil, poder público dos municípios, empreendedores, trade de turismo possibilita a criação de uma identidade regional. O CONCICLO situa agentes de diferentes campos na busca pela criação de novos sentidos para o Vale, ou seja, criar novas condições históricas e geográficas para a produção de representações.

Nessa perspectiva, a apropriação simbólica do espaço é delimitada pelo grupo hegemônico e impute uma identidade regional hegemônica. A identidade regional é o que dá existência material e imaterial à região. Bourdieu (2007) apresenta a luta simbólica pela definição da identidade regional assim como o reconhecimento de tal. A busca pela identidade regional é também ação delimitadora, hierarquizadora, e homogeneizante a pesar das diferenças.

Ao representar coletivamente, o poder público está legitimando as convergências internas que objetivam o regionalismo. Nesse sentido, há uma necessidade de afirmação onde as práticas e a divulgação de sentidos estão intrinsecamente ligados (BOURDIEU, 1983). Isso mostra que as práticas e ações deste agente precisam considerar as articulações internas da região do Vale do Café para legitimá-la, e para além dele mesmo, outros agentes se apropriem desta representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de destrinchar a realidade do Vale do Café e a abordagem de desnaturalização da região a partir da metodologia em representações, como foi apontado nesta pesquisa, revela novos caminhos aos estudos geográficos. Assim como, permite ampliar a compreensão dos processos políticos, econômicos e culturais que compõem a produção do espaço.

As análises levantadas nesta pesquisa nos deram base para entender que na conjuntura pós 2000 expandiu-se ações políticas e econômicas para a região. Nesse sentido, novas representações atribuíram uma outra visão para o Vale do Café. A divulgação da ideia de que essa é a região dos Barões do Café, da arquitetura imperial, da musicalidade, e de uma história harmônica do alimento café fizeram parte da estratégia dos agentes nos diferentes campos de ação.

Em primeiro lugar pudemos observar que as novas representações trazem ressignificações a esta área. Se por um período, dentre século XIX e XX, esta era uma região cultural comparada ao sentido da produção de café, fazendo parte das Áreas do Café identificada por Diégues Jr. no final da década de 40. Hoje, a região cultural agrega novos sentidos frente às transformações sociais, econômicas e culturais. As regiões culturais tem em si a marca de seu tempo (CORRÊA, 2008).

Em seu tempo, o Vale do Café têm ganhado faces materiais e imateriais que antes não eram vistos. Agora, essa região é foco de políticas culturais e de turismo, é onde se incorporam práticas de celebração, memorização, símbolos *identitários* que reafirmam a apropriação regional (CORRÊA, 2008 p.12).

Em concordância, entendemos com Bourdieu (1989) que antes mesmo da categorização de uma região existe uma função objetiva que cria uma realidade objetiva. A busca por critérios para a identidade regional advém das práticas sociais dos grupos envolvidos. Isto é, os critérios (que são objetos de representação mental) são utilizados para delimitar uma região cultural e estão sujeitos aos códigos que permeiam cada grupo social e sua manifestação no espaço.

Os grupos envolvidos nesta pesquisa utilizam da história do café, da paisagem-patrimônio, da vida do Barões do Café para dar sentido ao turismo regional. Esta é uma região que possui traços de uma Região cultural econômica e turística.

Nos últimos anos atestamos a crescente valorização do turismo no Brasil, e o reconhecimento do espaço rural do interior do país através do turismo. Um reconhecimento que vem carregado de novos sentidos, como a manutenção da identidade e do patrimônio, preservação das áreas naturais e, do entretenimento.

No Estado do Rio de Janeiro o turismo tem sido a ferramenta de interiorização da dinâmica econômica numa região que ficou num vazio demográfico e por décadas esquecida pelo governo e pelo capital. Em particular, o governo do estado tem criado estratégias de desenvolvimento turístico através da TurisRio. Esta estratégia governamental busca descentralizar o eixo turístico na região metropolitana. Este é um dos motivos da região do Vale do Café ser criada.

O Vale do Café é um dos eixos turísticos do Estado do Rio de Janeiro. Com a revitalização das antigas Fazendas Históricas do século XIX a região tem ganhado destaque a partir da década de 1990.

Indicamos que, em consonância, o surgimento de instituições e organizações que reforçam a representação do Vale do Café emergem neste mesmo período, reafirmando a importância deste marco temporal. Isto é, a criação das principais instâncias Instituto Preservale e CONCICLO, o Festival Vale do Café e a preservação das Fazendas Históricas culminam na criação do Vale do Café.

Estas instituições, a presença das Fazendas Históricas nos municípios e a realização do Festival Vale do Café apontam para a legitimação da região. E ao mesmo tempo essas têm como plataforma de sustentação as particularidades regionais e legitimam suas ações no reforço destas particularidades (PIRES DO RIO & EGLER, 2003).

Os atores apresentados nesta pesquisa reconfiguraram o espaço do interior fluminense, antes das ações governamentais, empresarial e midiática a região possuía pequena expressão em termos de difusão e reconhecimento. A partir da valorização do patrimônio associada à história do Império, Barões do Café e escravizados na produção cafeeira criou-se uma identidade turística que nos últimos 28 anos vem se estabelecendo e se legitimando com os Festivais do Vale do Café.

A teoria das representações presente nos estudos de Denise Jodelet e Serge Moscovici, como metodologia desta pesquisa, indicam a importância dos sujeitos de ação e suas práticas na elaboração de representações. Nesse sentido, concordamos com Jodelet (2001) quando afirma que as representações têm diversas funções: uma delas é entender os grupos sociais e suas práticas no cotidiano, mas também na análise geográfica, na revelação das intencionalidades dos atores na apropriação da região.

As representações nos permitem pensar dois questionamentos: *quem representa?* e *como representa?* Estas questões dão subsídio para suprir a necessidade de desvendar os novos sentidos do Vale do Café. Além do mais, nos permite visualizar os agentes envolvidos na produção representacional e sua lógica de apropriação. Nesse sentido, a região e as representações são categorias fundamentais nas questões trazidas nesta dissertação.

O Vale do Café é entendido aqui como forma e conteúdo (região e representação) que necessita ser compreendida e desnaturalizada. Pois, os sentidos atribuídos à área direcionam para uma historicidade e geograficidade própria, que passam despercebidas diante da justaposição de significados constituídos envolta de sua naturalização.

As representações nos ajudam a desnaturalizar a região Vale do Café. Por um lado essa região carrega a história do café como símbolo econômico, político e cultural do Brasil no século XIX, momento em que surgem os Barões do Café (STEIN, 1985). Atualmente essa não é mais uma região de produção cafeeira, os agentes envolvidos reativam a ideia a região carrega identidade, cenários e símbolos do passado no presente.

O Vale do Café se apropria desse nome com o intuito de resgatar o passado do cultivo de café e da paisagem natural da região. Correa (2008) explica que a toponímia não é somente um traço identitário, mas se comporta como linguagem, poder e território. Nomear é uma ação de autoridade, um instrumento que as instituições e

grupos possuem para legitimar a região. Os agentes analisados nesta dissertação têm essa característica.

O primeiro “nome” desta região aparece como O Homem e a Serra (LAMEGO, 1963). O governo do estado com a Setur/TurisRio, em sua Regionalização Turística adotam o nome Vale do Café. No entanto, na Regionalização Turística Oficial o Vale do Café aparece dividido entre Serrana A e Serrana B. Existe outra regionalização em que o Vale do Café aparece como Região Turística 3, na ADE. Para o CONCICLO a região é o Ciclo do Café. Já no emplacamento das rodovias que dão acesso à região está indicando “Vale do Ciclo do Café”, uma associação entre o nome da regionalização turística da TurisRio e do CONCICLO, como apresentado na figura 24 desta dissertação.

O Instituto Preservale e o Portal Vale do Café também adotam o nome Vale do Café como um nome comercial. Esse nome comercial surge com a necessidade de dinamizar a região como turística, sendo assim o nome mais divulgado. Houve, portanto, uma passagem entre a Região Cultural (cultivo de Café) para uma Região Turística (eventos culturais). O agenciamento da história do café, da paisagem como patrimônio, do estilo de vida dos Barões e a presença inegável dos escravizados na história dão condições à construção da região, a qual tem no turismo a conexão produtiva:

O turismo é uma das mais novas modalidades do processo de acumulação, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes, e dos turistas. Compreender essa dinâmica significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito. O turismo para se reproduzir, segue a lógica do capital, quando poucos se apropriam dos espaços e dos recursos neles contidos apresentando-os como atrativos transformados em mercadorias (CORIOLANO, 2006, p368).

A apropriação da região e de suas manifestações culturais pelo turismo é resultante da representação do Estado, dos empreendedores, das mídias e, instâncias regionais. Essa apropriação tem por objetivo a reinvenção da identidade regional que, ao mesmo tempo, agregue valor simbólico e valor no mercado turístico. Pode-se dizer que o simbólico é negociável, sendo que as práticas culturais têm resultado econômico e vice-versa (BOURDIE, 1984).

O Vale faz parte desse cenário turístico, possui seus agentes representativos, suas particularidades, e uma dinâmica própria:

A produção de café atual pode não ter mais aquela pompa de outrora, mas a cultura enterrada viva hoje brota de forma definitiva dentro do crescimento da Economia Criativa no Vale do Café, que emprega milhares de pessoas. (...) Este olhar sobre a região comprova que o Vale do Café cresce aceleradamente, através de seus empreendedores. Um caminho sem retorno. (PORTELLA, 2013)⁸⁹.

⁸⁹ Trecho da fala do Gestor Cultural Fernando Portella, retirado do Guia Cultural do Vale do Café, 2013.

O Vale do Café vai além de uma região turística, essa é uma Região Cultural construída a partir da configuração econômico-turística. E os Festivais e eventos, longe de ser uma trivialidade, têm sua correspondência na história e na espacialidade da região, mantendo viva a ideia nas práticas dos agentes.

Existem ainda muitas questões sobre este fenômeno: seria o Vale do Café uma região? Outras categorias explicam sua existência? Quais outros aspectos reverberam a cultura e a história no turismo? Como os outros atores e circuitos conseguem alterar esta realidade? Novas possibilidades surgem para operacionalizar as questões dos estudos regionais ademais um vasto campo na agenda de pesquisa que apontem o binômio região-representação como metodologia e atuação dos agentes envolvidos nos diversos campos de poder, nas diferentes escalas do local, regional, ao global podem nos mostrar outros olhares sobre o nosso Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C. de. Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: Ed. AB, 1998.

ARAUJO, Cintia Möller; CESAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. **Dimensão político-institucional do turismo no Brasil.** In: BENI, Mário Carlos. *Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters.* Barueri-SP: Manole, 2012.

BAILLY, Antoine. Géographie régionale et representations. In BAYLLI; A. et all (org's). **Géographie régionale et representations.** Paris: Anthropos, 1995.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Lisboa e São Paulo: Difel e Bertrand Brasil. Cap. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectivas, 1984.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Secretaria Nacional de Políticas de Turismo cultural: orientações básicas /** Ministério do Turismo, Coordenação - Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo: Diretrizes.** Mtur. Brasília: 2013.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Ação Municipal para a Regionalização do Turismo.** / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha.** 328 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CASTRO, I. ET al. (org's). **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CASTRO, Hebe. **Resgate: uma janela para o oitocentos.** Rio de Janeiro. Topos. 1995. P. 252.

CEPERJ, **Divisão regional, segundo as mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios do Estado do Rio de Janeiro,** 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.** Editoras Vozes, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, pp.5-57.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural,** Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

_____. **A “volta do cultural” na geografia,** Université de Paris IV-Sorbonne, Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

COHEN, I. A. **Heranças Culturais construídas: valores e patrimônio.** In BICALHO, Ana Maria S. M.; HOEFLE, Scott W. (org.). *A dimensão regional e os desafios à sustentabilidade rural.* Rio de Janeiro: Capes, 2003. 534p. p.475-493.

CORIOLOANO, Luzia Neide. **Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios.** São Paulo, 2006. In ANDRADE, Philipp Lessa - *Do café ao turismo: a refuncionalização espacial e a urbanização turística em conservatória – Valença/rj.* XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2013.

CORRÊA, Aurenice de Mello. **“Não acredito em Deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura.**In: ROSENDAHL, Z. & CORREA, R. *Geografia: Temas sobre cultura e espaço.* Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

CORRÊA, R. L. **Conferência região cultural - um tema fundamental.** In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Org.). *Espaço e cultura: pluralidade temática.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 11-43.

CRAIK, J. **The culture of tourism.** In: ROJEK, C.; URRY, J. *Touring cultures.* London: Routledge, 1997. p. 113-136.

CRUZ, R.C.A. **Introdução à geografia do turismo.** São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto, 2002.

CYRILLO, Evandro. **Do café às serestas e serenatas: O turismo cultural em conservatória**, Rio de Janeiro, 2008.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Contraponto: 2004.

DELMARO, M. C.; SALVIOLO, S.; SANTOS, J. H. de O. **Turismo nas fazendas históricas do Vale do Paraíba Fluminense: um estudo sobre sustentabilidade**. Instituto Virtual de Turismo (IVT) COPPE/UFRJ. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 2, N° 4, 2002.

DOISE, W. **Les représentations sociales**. In: GHIGLIONE, R.; BONNET, C.; RICHARD, J. F. *Traité de psychologie cognitive*. Paris: Dunod, 1990. v. 3.

FERRAZ, Rafael de Abreu. **Paisagem e Patrimônio: a atividade turística no município de Vassouras (RJ)**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, 2011.

FLORENTINO, Manolo & FRAGOSO, João. **Arcaísmo como Projeto**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

FRATUCCI, Aguinaldo César. **Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico**. In: *GEOgraphia*, revista da pós-graduação em geografia da UFF. Niterói, ano II, n.4, 2000b.

_____. **Refletindo sobre a gestão dos espaços turísticos: perspectivas para as redes regionais de Turismo**. *Turismo em Análise*. V. 20 n. 3, dezembro 2009.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia Cultural: Estrutura e primado das representações**. Revista Espaço e Cultura, Uerj, N° 19-20, P. 51-59, Jan./dez, 2005.

GOMES, Paulo César da Costa. **As razões da Região**. Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado), 1987.

_____. **O conceito de Região e sua discussão**. In: CASTRO, I. et al. (org. "s"). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GRIEG, Maria Dilecta. **Café, negócios e elite**. São Paulo: Olhos D'Água, 2000.

GUMUCHIAN, Hervé. **Représentation et aménagement du territoire**. Paris: Antropos, 1991.

HAESBAERT, R. **Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional**. Anais do XXII Encontro Estadual de Geografia: As múltiplas concepções da questão regional no Rio Grande do Sul. Porto Alegre e Rio Grande: AGB, FAPERGS e FURG, 2003.

_____. **Escalas espaço-temporais**. In: Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, (1993); 2002.

_____. **Região, Diversidade Territorial e Globalização**. GEOgraphia n. 1. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1999.

HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Tenrence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo Paz e Terra, 2009.

INSTITUTO PRESERVALE. **Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café**. 2010. Disponível em: <<http://www.preservale.com.br/files/relatorio01.pdf>>. Acesso em: 14 Ago. 2017.

JODELET, D. **Representação social: um domínio em expansão**. In: _____. (Org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KLINK, Jeroen Johannes. **A cidade – região: regionalismo e reestruturação produtiva no grande ABC paulista**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 13ªed. São Paulo: Papirus, 2007.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **Homem e a Serra**. IBGE, 1963.

LAMEGO, Paulo. **O Brasil é o Vale**. São Paulo, Estadão, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y La Ausencia. Contribucion a La teoria de las representaciones**. México: FCE, 2006 [1983].

LENCIONI, Sandra . **Região e Geografia**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LILIANA, C. S. J. **Cidade, cultura e turismo o impacto turístico em Guimarães capital europeia da cultura**. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril - Especialização em Gestão Estratégica de Eventos. Dissertação de Mestrado em Turismo, 2012.

LIMA, R. G. S. **O ciclo do café Vale-paraibano**. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/Y2UShG>>. Acessado em 14 Ago. 2017.

LIMA, Ivaldo. **Da representação do poder ao poder da representação: uma perspectiva geográfica**. In: OLIVEIRA, M P. et all.(org's). Território, Territórios – Ensaio sobre o ordenamento territorial. 2ª ed. Niterói: DP&A editora, 2006.

LÖWY, Michael, 1938 **Walrer Benjamin: aviso de incendio : uma leitura das reses "Sobre o conceiro de historia"** / Michael Löwy; Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Branr, [tradução das reses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lurz Muller. - São Paulo: Boirempo, 2005 160p. : il.

MARAFON, Gláucio José. **Revisitando o território fluminense, Volume 1** Edições NEGEF, 2003.

MARCONDES, Renato Leite. **A arte de acumular na gestão da economia cafeeira: formas de enriquecimento no Vale do Paraíba paulista durante o século XIX**. Tese de Doutorado, USP, 1998.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

MOREIRA, Ruy. **As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades**. Universidade Federal Fluminense, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações Sociais**. In: JODELET, D.(org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

NATAL, Caroline. **As fazendas de café no vale do Paraíba: uma análise sobre a “ressignificação” dos espaços rurais no estado do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado PPGG-UFRJ, 2008.

PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. 13 N° 2. Special Issue. Febrero 2015 ISSN 1695-7121 Carla Borba, Margarita Barretto 361

PIRES DO RIO, G A e EGLER, C. A. “O novo mapa institucional: o papel das agências reguladoras na gestão do território”. **Anais do V Encontro Nacional de Pós Graduação em Geografia**. CD Rom. Florianópolis, 2003.

QUIJANO, Aníbal. “**Colonialidade do poder e classificação social**”. In: _____ . SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org's). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010 (pp.84-130).

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 5 N° 9 Jul-Dez 2010, p.57.

RIBEIRO, G., **Geografia, fronteira do mundo: ensaio sobre política, epistemologia e história da geografia**, UFRRJ, 2015.

ROCHA, André Santos. “**Nós não temos nada a ver com a Baixada**” - **problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território**. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*. Ano 3 Número 4, pp. 1-22 Janeiro – Julho, 2013.

_____. “**As representações ideais de um território**” - **Dinâmica econômica e política, agentes e a produção de novos sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990**. PPGG / IGEO- UFRJ. (Tese de Doutorado), 2014.

_____. **Algumas considerações sobre espaço e representação: subsídios para uma análise geográfica**. In: I congresso Brasileiro sobre organização do Espaço. UNESP: Rio Claro, 2010. (p.427-447)

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem Geográfica**. 2ªed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

RUA, João. **Urbanidades e novas ruralidades do estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas**. In: MARAFON, G; RIBEIRO, M. (Orgs). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002. P.27-42.

SÁ, C. P. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria**. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 1998.

SANTANA, T. A. **Turismo cultural, Culturas turísticas**. Universidad de La Laguna – España. Horiz. antropol. vol.9 no.20 Porto Alegre. 2003._____. Antropología y Turismo: ¿nuevas hordas viejas culturas?. Barcelona: Ariel, 1997.

SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva, **Economia fluminense: superando a perda de dinamismo?** Revista Rio de Janeiro, n. 8, p. 31-58, set./dez. 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 3ª Edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

SEVALHO, G. **Tempos históricos, tempos físicos, tempos epidemiológicos: prováveis contribuições de Fernand Braudel e Ilya Prigogine ao pensamento epidemiológico**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 13(1):7-36, jan-mar, UFMG, 1997.

SILVA, C. H. da C., **O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

STEIN, Stanley. **Vassouras: um Município Brasileiro do Café, 1850-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TAMBASCO, J. C. V. **A Vila de Vassouras e o Vale Médio do Paraíba**. Vassouras, Edição do Autor, 2007.
_____. **A vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá**. Vassouras, Edição do Autor, 2004.

TAUNAY, Affonso de E. **Pequena História do Café no Brasil 1727-1937**. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1945.

TELLES, Augusto C. da Silva. **O Vale do Paraíba e a arquitetura do café**. Rio de Janeiro: Capivara, 2006. P.208.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VALVERDE, Orlando. **A fazenda de café escravocrata no Brasil**. In: VALVERDE, Orlando. Estudos da geografia agrária brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 268.

SITES CONSULTADOS

Festival Vale do Café - http://www.backstage.art.br/evento_detalhe.php?id=8. Acesso em 03/10/2017 às 12:16h.

Portal Vale do Café - <http://www.portalvaledocafe.com.br/fotos.asp>. Acesso em 18/11/2016 às 22:05h.

Instituto Preservale - <http://www.preservale.com.br/mapa-da-regiao>. Acesso em 11/09/2018 às 21:14h.

Instituto Cidade Viva - <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?cat=3>. Acesso em 23/10/2017 às 12:20h.

TurisRio - http://www.turisrio.rj.gov.br/detalhe_noticia.asp?ident=1297. Acesso em 30/08/2018 às 18:00h.

"Imaginando a imagem no turismo: uma viagem de ida e volta". Available from: https://www.researchgate.net/publication/276919633_Imaginando_a_imagem_no_turismo_uma_viagem_de_ida_e_volta. Acesso em 15/12/2017 às 12:23h.

<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11862/10662> Acesso em 03/12/2018 às 14:45h

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/02/poscolonial.pdf> Acesso em 03/12/2018 às 12:40h

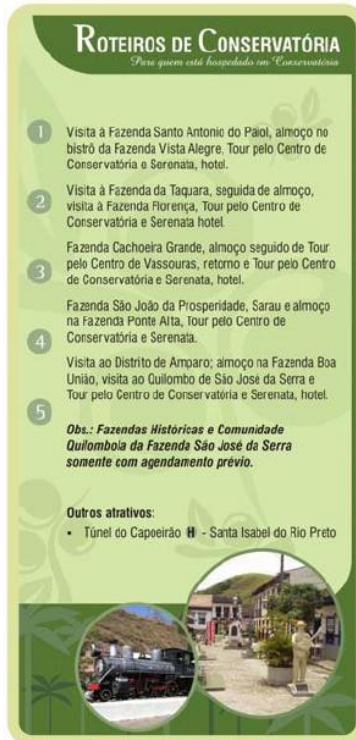
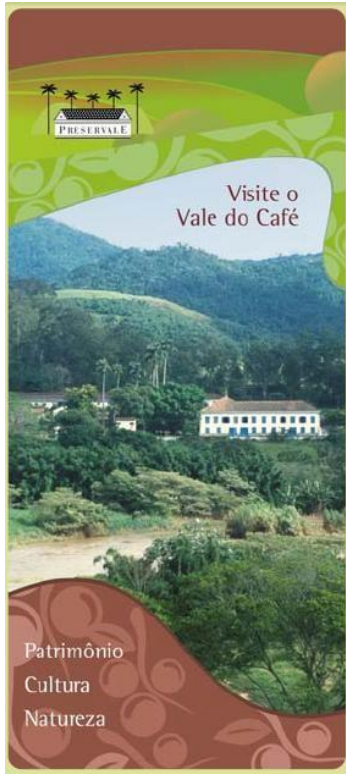
<http://www.riodejaneiroajaneiro.com.br/ficha.php?e=festival-vale-do-cafe-16-edicao>
Acesso em 03/12/2018 às 13:50h

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 03/12/2018 às 14:44h

ANEXOS

Anexo I – Produção do Instituto Preservale

- Produtos PRESERVALE – Folhetos com roteiros regionais



- Produtos PRESERVALE – “Selo das Fazendas Históricas” inventariadas pelo INEPAC/Light/ ICCV



- Produtos PRESERVALE – Quadro da composição da área do Vale do Café, segundo o estudo Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café.

Municípios do Vale do Café	Mesorregião	Microrregião
Valença	Mesorregião Sul Fluminense	Barra do Piraí
Vassouras	Metropolitana do RJ	Vassouras
Barra do Piraí	Mesorregião Sul Fluminense	Barra do Piraí
Rio das Flores	Mesorregião Sul Fluminense	Barra do Piraí
Piraí	Mesorregião Sul Fluminense	Vale do Paraíba Fluminense
Miguel Pereira	Metropolitana do RJ	Vassouras
Paty de Alferes	Metropolitana do RJ	Vassouras
Paulo Frontin	Metropolitana do RJ	Vassouras
Mendes	Metropolitana do RJ	Vassouras
Paracambi	Metropolitana do RJ	Vassouras
Barra Mansa	Mesorregião Sul Fluminense	Vale do Paraíba Fluminense
Volta Redonda	Mesorregião Sul Fluminense	Vale do Paraíba Fluminense

- Entrevista conduzida por e-mail com Sonia Maria de Mattos Lucas – Filósofa (PUC/RJ), Mestre em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), idealizadora e fundadora do Instituto Preservale.

1) O que é o Vale do Café para o Instituto Preservale?

Em primeiro lugar, “Vale do Café” é um nome de marca, um branding, que foi criado nos anos 2000, a partir do Festival Vale do Café, nome cunhado pela criadora do Festival, a harpista Cristina Braga. O nome consagra a região como destino turístico, evocando o “lugar de memória” do legado imperial do Café, no tocante às Fazendas Históricas, as cidades e a herança africana presente em sua cultura imaterial.

O nome geopolítico da região “Vale do Paraíba”, veio a ser ultrapassado pela nova nomenclatura, também em virtude de uma nova ordenação das regiões turísticas do estado do Rio de Janeiro, que designou as diversas regiões do estado com nomes de maior apelo turístico, como “Serra Verde Imperial”, “Costa Verde”, etc.

O Preservale abraçou esta nova denominação, pois ela confere um significado mais preciso ao produto turístico que ali se desenvolveu.

2) Quem faz parte do Instituto Preservale?

Empreendedores, proprietários, arquitetos, gente ligada ao turismo, pesquisadores da cultura, historiadores, cidadãos comuns. Não há uma estrutura rígida atualmente. As Fazendas Vista Alegre, Santo Antônio do Paiol, Florença (Valença), São Fernando, São Luiz da Boa Sorte, Secretário, Mulungu Vermelho, Cachoeira Grande Cachoeira do Mato Dentro, Santa Eufrásia (Vassouras) Aliança, Ponte Alta, Taquara, São João da Prosperidade (Barra do Piraí), União e Paraíso (Rio das Flores), São João da Barra, Uaná Etê (Paulo de Frontin), Santa Cecília (Miguel Pereira) constituem um grupo constante e unido, que participa, inclusive, de ações de promoção, assim como de projetos do Instituto.

3) Qual é o papel do Instituto Preservale na Região Turística do Vale do Café?

O Preservale foi a primeira entidade que congregou os interesses dos proprietários em abrir suas Fazendas à visitação, praticando um turismo cultural em pequena escala. Da mesma forma, essas propriedades, sob a influência e orientação do Instituto, dedicaram esforços à pesquisa documental, à valorização do mobiliário e iconografia, ao desenho de um percurso de visitação em que a história da propriedade é contada, à utilização de recursos de interpretação voltados para a melhor compreensão histórica e ao entretenimento cultural dos visitantes.

A gastronomia regional, o uso de produtos locais e orgânicos, de receitas tradicionais ou históricas, a recriação de cardápios do período imperial, ou “da roça”, foram iniciativas que ajudaram a caracterizar o

produto e a experiência turística. Através dessas ações, o Preservale criou um protocolo de receptivo que acabou se tornando marca registrada do turismo regional. A diáspora africana esteve sempre presente em nossa proposta de interpretação, e ganhou terreno junto ao público, e fizemos da temática da escravidão e da herança africana uma bandeira de resistência e de valorização da cultura e do trabalho do negro no Brasil.

Somos um dos atores mais antigos e participativos do processo de redescoberta da região e de seus patrimônios como ativos culturais e econômicos. Muitas iniciativas no Brasil seguiram os nossos passos e hoje se organizam também em Associações, ONGs e grupos de interesse com os mesmos objetivos. Conseguimos reverter a tendência de 20, 30 anos atrás, em que as fazendas eram consideradas valiosas pelas madeiras e telhas. Hoje elas valem mais em pé e recuperadas, gerando renda e emprego para muita gente.

4) O Instituto Preservale pode ser considerado um agente econômico do Vale do Café?

Certamente. A opção de tornar imóveis históricos rurais em ativos econômicos e empreendimentos de cunho familiar foi um resultado bem sucedido da experiência nascida com o Preservale. Esta iniciativa fomentou o aumento do número de meios de hospedagem, restaurantes e pequenos museus, assim como ampliou a demanda por emprego e serviços no meio rural que não existiam na economia agropecuária local. A pequena produção de doces, laticínios, conservas, artesanato, bem como os ateliês de costura e catering tiveram um aumento de demanda que ensejou sua profissionalização, com o aumento de empregos e da geração de renda nas comunidades. Outro fator foi a procura regional por cursos de turismo, hotelaria e história, alguns anos atrás que, infelizmente, não foi bem direcionado para o mercado regional e acabou não se multiplicando.

5) Existem parcerias do Instituto Preservale com as instituições públicas dos municípios do Vale do Café?

O Preservale fez parcerias informais com os municípios da região na promoção de eventos e folhetaria turística. Na região norte-noroeste fizemos um convênio com a Prefeitura de Quissamã, com a qual desenvolvemos o produto “Fazendas do Açúcar”, compreendendo a capacitação de proprietários e quadros municipais, agentes de viagem e empreendedores. Fizemos também o treinamento dos agentes de receptivo do Museu Casa de Quissamã.

6) Se existem, quais projetos integrados desenvolveram?

Dentre outros projetos, desenvolvemos com os proprietários do Vale do Café e de outros cinco estados (SP, MG, PE, MS e CE) o projeto Fazendas do Brasil em parceria com a TUrihab- Solares de Portugal, criando uma rede nacional transatlântica, congregando 100 propriedades no Brasil e outras 330 em seis países europeus (Portugal, Itália, Espanha, Reino Unido, Áustria e Alemanha).

7) Como é feita a divulgação do Instituto Preservale? Panfletos, seminários, atividades turísticas?

Através de Redes Sociais, e-mails, panfletos.

8) O PRESERVALE é representante das Fazendas Históricas?

No Rio de Janeiro.

9) Sendo o Instituto Preservale associado às Fazendas Históricas, quantas fazendas estão associadas ao instituto atualmente?

(Respondida na questão 2)

10) Qual a relação do Festival Vale do Café com o Instituto Preservale?

Só foi possível a realização de um festival como o Vale do Café porque já havia propriedades históricas vocacionadas para o receptivo turístico, preparadas e qualificadas, bem como um público interessado em conhecê-las. O Preservale é parceiro de primeira hora do Festival, contribuindo para seu sucesso e singularidade.

11) Pelo Vale do Café ser uma região tão extensa (16 municípios) como o PRESERVALE atua na integração da Região Turística?

Na realidade são 13 municípios. A narrativa histórica, a coerência e identidade do produto, a identificação dos itinerários, circuitos e a parceria entre as Fazendas vizinhas permite que o visitante circule pela região em torno do local onde o meio de hospedagem escolhido está localizado. Isto permite que a experiência turística seja mais integradora, facilitando o entendimento do território, da topografia e do curso dos rios, oferecendo uma compreensão maior do conjunto ambiental, social e cultural do entorno das fazendas. A pesquisa histórica aprofundou-se também no âmbito da questão da Herança Africana, permitindo que um maior conhecimento de episódios e personagens da resistência negra se fizessem presentes na interpretação do patrimônio. A cultura imaterial representada pelo jongo, pela folia de reis, pela capoeira, caninha verde e outras manifestações de matriz africana vem sendo apresentada e valorizada nas fazendas e estabelecimentos turísticos através de shows, eventos, apresentações teatrais e cortejos. Isso confere um entendimento mais aprofundado da saga do café em suas múltiplas facetas, contribuindo para que a região reconheça sua identidade de modo consistente.

12) Quais são as dificuldades encontradas pelo Instituto atualmente?

A entidade está prestes a completar 25 anos (em 2019). A necessidade de renovação, de reinvenção e da utilização de novas estratégias de adesão, filiação e sustentabilidade se impõem para enfrentar os desafios do Turismo, da preservação e do desenvolvimento sustentável. A falta de apoio e compromisso de governos (municipais, estaduais e federais) com o patrimônio e o turismo prejudicam a abrangência e eficácia de nossas iniciativas.

13) Quais são as sugestões do Instituto Preservale para a melhoria do Turismo no Vale do Café?

O patrimônio material e imaterial do Vale do Café estão imersos em meio aos remanescentes da antiga Mata Atlântica, hoje bastante degradada. Os esforços de reflorestamento precisam ser intensificados, para resgatar a Paisagem Cultural desta região. O plantio de café, com a reintrodução dessa cultura emblemática para nossa história, já está sendo feito por alguns fazendeiros. Um café ambientalmente amigável, de qualidade, que poderá não apenas oferecer aos turistas uma visão do principal “tema” que atravessa a história da região, mas também contribuir em muito para a revitalização econômica do meio rural e das cidades do café.

Melhoria URGENTE de estradas vicinais e intermunicipais. Não precisamos dizer que a sinalização (falha, ausente, antiquada e destruída) precisa ser refeita com um projeto integrado e qualificado. As telecomunicações são ineficientes e deixam moradores e visitantes muitas vezes perdidos nas estradas por falta de sinal. A capacitação é urgente, seja para os serviços (hotelaria, gastronomia/alimentação, comércio, informações turísticas, guiamento) como também para os aspectos técnicos de uma região repleta de patrimônio histórico, restauro, arquitetura, mobiliário, indumentária, recuperação de obras de arte e de documentos.

Uma última e permanente demanda: que os municípios qualifiquem os seus quadros para lidar com a questão do turismo. Capacidade de carga, mobilidade urbana e rural, capacitação técnica, envolvimento e transversalidade na gestão pública. Que reconheçam a importância estratégica do turismo na economia regional, na valorização da cidadania e na melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos.

Rio de Janeiro, 16/09/2018.

Sonia Maria de Mattos Lucas

Anexo II – Relatório de Campo na Fazenda da Taquara em Barra do Pirai

Foi realizada uma visita de campo na Fazenda da Taquara em Barra do Pirai na data de 10 de Abril de 2013, durante a graduação em Geografia na UFRRJ, disciplina Geografia Agrária. No local foi possível ter a recepção feita pelo novo proprietário, João Carlos Tadeu Botelho Pereira Streva, descendente direto, 5ª geração do Comendador João Pereira da Silva. Ele apresentou todo o histórico do constructo, envolvendo o período de auge da produção de café, a intensa exploração de mão-de-obra negra escrava, e a proclamação da República que rompeu os laços dos barões com os imperadores, fim de empréstimos nos bancos por parte dos barões e o risco de perda da propriedade. O local atualmente é mantido apenas para turismo histórico-cultural.

- Primeiramente foi chamada de Fazenda da Nova Prosperidade, era propriedade do Comendador Joao Pereira da Silva, que veio de Portugal para a região do Vale do Paraíba (RJ), por volta de 1800. Na segunda década do século XIX, as fazendas proveram-se para cultivar café.
- O nome Taquara foi dado pelos escravos, devido à abundância de um bambu fino, encontrado na propriedade, que era assim denominado.
- Com quase dois séculos de existência, a propriedade está em estado de conservação, preservando sua história com moveis, retratos originais, documentos, e outros objetos como roupas, utensílios de cozinha, objetos usados durante o trabalho dos escravos etc.

Anexo III – Questionário realizado na Programação Paralela ao Vale do Café 2017 em Vassouras

Questionário A

- APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO SOBRE O VALE DO CAFÉ

1. Local onde mora: _____

2. Idade: _____

3. Ocupação/Profissão: _____

4. Qual o motivo da visita ao município? (Se for mais de um motivo, favor colocar em ordem de preferência).

Apresentações Musicais História do Café Lazer / Esportes

Turismo Rural Outros: _____

5. Você considera esse município um lugar de cultura e produção artística?

Sim Não

6. Já participou de outras festividades/eventos no município?

Sim. Qual evento? _____

Onde? _____

Não

7. Você considera suficiente a frequência dos eventos no município?

Sim Não

8. Em sua opinião, qual a importância dos eventos realizados no município?

9. Você já ouviu falar sobre o Vale do Café? (

) Sim Não

10. No Vale do Café ocorrem diversas festividades como o Café, Cachaça e Chorinho e o Festival do Vale do Café. Já participou desses eventos?

Sim Não

11. Escolha uma característica principal do município:

Tradição e História do Café

Paisagem das Fazendas do Café

Região de Cultura e Festivais de música

Lugar de Descanso e Lazer

12. Como teve conhecimento das atividades culturais no município em que visita?

13. Como você avalia a estrutura turística do município (acesso/serviços/infraestrutura)

Péssimo Ruim Regular Bom Ótimo

14. Visitaria novamente o município?

() Sim. Por qual motivo? _____

() Não. Por qual motivo? _____

- ENTREVISTAS COM APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Na Feira Cultural de Antiguidade foram realizadas entrevistas com vendedores locais e visitantes. A primeira entrevista foi com vendedores de itens de antiguidade, residentes de Miguel Pereira, que afirmaram fazer parte do Festival Vale do Café. E informaram que a Feira é uma associação/encontro de vendedores de antiguidades vinculados ou não ao Festival Vale do Café. O principal motivo da presença dos vendedores foi o encontro/venda de antiguidades na *Programação Paralela ao Festival Vale do Café* em Vassouras.

Para estes vendedores a principal importância do evento é atrair o público. Eles tiveram conhecimento da *Programação Paralela* em Vassouras, a partir do *organizador da Feira Cultural*, o qual não obteve acesso. Durante a conversa, eles consideraram o município de Vassouras de ótima estrutura turística (acesso, serviços, infraestrutura), local de centralidade por conta do Hospital Universitário de Vassouras (HUV), e da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE).

Em Miguel Pereira, eles confirmaram que participaram nos eventos Café, Cachaça e Chorinho e Festival Vale do Café. Outro ponto importante da entrevista foi quando indicaram a principal característica de Vassouras em relação ao Vale do Café, eles disseram que a ideia de que a *Tradição e História do Café* são elementos de essência em Vassouras e que o Vale do Café é uma região de *Cultura e Festivais de música*, justificado por que é o que eles mais participam. E voltariam ao município por motivos de trabalho, para a continuação da Feira Cultural em Vassouras.

Outro depoimento colhido foi com visitantes, que estavam comprando *doces e café*, e residem no município do Rio de Janeiro, o grupo era composto por Professores, Médicos e Assistente Social. O motivo da visita foram as apresentações musicais e por se apropriarem de uma cidade diferente do Rio de Janeiro: "*Vassouras é uma cidade linda e tranquila*" – Fala da Professora entrevistada.

Todas as pessoas entrevistadas, nesse grupo, consideraram Vassouras um *lugar de cultura* e de *produção artística*. Em outras ocasiões, participaram de eventos como Ecoturismo e visita ao *Museu Casa da Hera*. No entanto, consideram que a frequência de eventos poderia ser maior, pois o Festival Vale do Café somente ocorre nos meses de Julho, durante o inverno.

O *crescimento cultural* foi a resposta dada à qual a importância dos eventos realizados no município. E que a *Tradição e História; Cultura e Festivais de música; Lugar de descanso e Lazer* sintetizam o município de Vassouras, e não necessariamente a *Paisagem das Fazendas do Café*. Esses visitantes tiveram conhecimento das atividades turísticas no município, através da *Internet* e assim acompanham os eventos e por outras visitas já realizadas. E visitariam Vassouras novamente, e disseram: "*todos os ano estamos aqui, essa é uma cidade muito receptiva*".

A próxima entrevista foi realizada com um morador de Vassouras, recepcionista da loja de degustação de Cafés e Doces que é também sede do Centro de Atendimento e Apoio ao Turista e do Memorial ferroviário na *Antiga Estação Ferroviária de Vassouras*⁹⁰. O recepcionista, e vale mencionar nessa pesquisa sobre representações, era homem e negro, e tinha como função receber os turistas que ali

⁹⁰ Estação Carril Vassourense de 1875 que ligava à Estrada de Ferro de D. Pedro II, usada com o único intuito de acumular capitais com o escoamento do Café. A Estação Ferroviária foi reformada em 1914, para a força de trabalho. Logo desativada por conta da passagem da Ferrovia para as Rodovias na década de 50, com a entrada de indústrias automotivas no Brasil, quando já na década de 1920 surge a Primeira rodovia asfaltada, a Rio-Petrópolis, inaugurada pelo presidente Washington Luís, que tinha como lema "*governar é abrir estradas*". A fomentação da indústria automotiva ocorre, mais evidentemente, durante os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

chegavam e os encaminhavam à sala de degustação de café. No entanto, os tratavam como “*Barão e Baronesa*” e com linguagem de época.

Para o recepcionista, a História do Café é o motivo pelo qual o município de Vassouras recebe visitantes. Ele também, já trabalhou nos seguintes eventos: Festival Vale do Café e Café, Cachaça e Chorinho em Vassouras. Ele considera insuficiente a frequência de eventos no município e que os eventos em Vassouras tem somente cunho cultural. Ao escolher a característica do município de Vassouras, selecionou *Tradição e História; Cultura e Festivais de musica; Lugar de descanso e Lazer*, e; *Paisagem das Fazendas do Café*. O recepcionista disse que, por morar em Vassouras e trabalhar nos principais eventos que ocorrem no município, conhece as atividades culturais por ter um “*saber natural*” sobre a região, e por isso tem propriedade e conhecimento sobre os valores históricos e culturais do município. Para ele os turistas voltam para o município por conta do bom serviço prestado.

Nesse mesmo sentido, foi feita uma entrevista com dona de Restaurante *Prove e Leve* em Vassouras, estabelecimento ao lado da Antiga Estação Ferroviária de Vassouras. A qual reside em Vassouras e indicou que os turistas vêm ao município em busca da História do Café. E que, a pesar dos eventos relativos ao Vale do Café, o turismo é ainda pouco explorado nas Praças e na Antiga Estação Ferroviária.

Os eventos que dinamizam mais Vassouras, segundo ela, são os Jogos *Interclasses*, Jogos Universitários⁹¹ e o Aniversário de Vassouras os quais são mais efetivos, trazem mais visitantes que os eventos voltados para o Vale do Café. Ela considera que o município possui muita informação histórica e cultural, no entanto, faltam *verbas* dos eventos do município que se revertam na economia para a população.

A dona do restaurante participou do Festival Vale do Café e o evento Café, Cachaça e Chorinho somente como fornecedora de produtos e alimentação, não participando como atividade de lazer e entretenimento. Para ela, a *Tradição e História do Café*, e; *Lugar de descanso e Lazer* são as características de Vassouras, mesmo não podendo aproveitar as atividades culturais que ocorrem no município. Ademais, contou que os visitantes voltam à Vassouras por conta da receptividade nos serviços, entretanto a conjuntura política e econômica do país prejudicou o andamento dos eventos, fazendo com que esses diminuíssem.

Nessa mesma visita, na *Programação Paralela ao Festival Vale do Café*, uma moradora de Vassouras pôde ser entrevistada. A aposentada apresentou um discurso afetivo sobre o lugar onde nasceu, trabalhou e criou sua família. Explicou que o Hospital Universitário de Vassouras é requisitado por outros municípios, dificultado a vaga dos próprios moradores de Vassouras. Ela também afirmou que apesar de ser uma cidade pacata e tranquila, a violência têm alcançado a cidade.

Anexo IV - Questionário de entrevistas nas secretarias municipais de turismo e cultura

Questionário B

- 1) O que a região do Vale do café representa para o turismo do município?
- 2) Quando que esse município se inseriu na região do Vale do café?
- 3) Você pode elencar quais elementos são ícones representativos do vale do café no município?
- 4) O que mudou com a criação e com a inserção desse município na região?
- 5) Qual é a ideia da região do vale do café? Quantos e quais municípios fazem parte?
- 6) Quais são as ações da prefeitura para fomentar as atividades turísticas na região?
- 7) Há alguma atividade específica que os (moradores) realizam para os visitantes (turistas)? Que tem se tornado uma tradição?

⁹¹ Intereng (Jogos Integrados da Engenharia) que compões UFRJ, UFF, UFRRJ.

Anexo V – Certificado Programa Rio de Janeiro para o Festival Vale do Café em Vassouras



PÚBLICO ESTIMADO

15 mil Pessoas

85% Local - 12,75 mil
15% Turistas - 2,25 mil
Nacionais - 2,25 mil
Estrangeiros - 0
Excursionistas - 0

EMPREGOS

598 Postos

52% Diretos - 310
48% Indiretos - 288

TRIBUTOS

R\$ 1,35 milhão

46,16% Federais - R\$ 623,7 mil
8,04% Estaduais - R\$ 108,68 mil
45,8% Municipais - R\$ 618,85 mil

INDICADORES

0,70

Índice de Impacto no Turismo

0,70

Índice de Impacto na Geração de Emprego e Renda

0,49

Índice de Impacto Social

0,25

Índice de Atração de Investimentos

0,98

Índice do Potencial de Continuidade e Expansão

Anexo VI – Centro Histórico de Conservatória e Apresentações musicais



Figura. Antiga Estação de Conservatória. Fonte: foto da autora, 2014.



Figura. Apresentação musical realizada na Praça Histórica de Conservatória. Fonte: foto da autora, 02 de Nov. de 2014.

Anexo VII – Grupo de Teatro Teatrofagia em Barra do Pirai

Em Barra do Pirai, foi realizada entrevista informal com Professor de Teatro Frederico Nepomuceno, que escolheu a cidade de Barra do Pirai para sua pesquisa para o doutorado em teatro na Université Paris VIII Vincennes - Saint-Denis, França. Ele promove ação artística em espaços públicos abandonados, como Ágora grega, e em Barra do Pirai tem esse espaço como objeto de estudo. Trabalha com moradores de Barra do Pirai e do entorno. Nepomuceno traz a ideia do espaço social e político o qual pode confrontar diálogos e anseios de práticas culturais relevantes além de um pensamento crítico da e para a população residente.

Esse tipo de articulação com a população e a produção artística e cultural tem potencial para caracterizar o Vale do Café, mesmo não sendo bem articulados politicamente ou considerados atividade da região turística, reflete práticas e códigos culturais em efervescência em Barra do Pirai. No entanto, uma vez que o discurso dos grupos é fragmentado, a identidade cultural também será o que dificulta o diálogo com o órgão público.

Professor de Teatro Frederico Nepomuceno tem parceria com a Secretaria de Turismo e Cultura e Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento de Barra do Pirai. No entanto, não se associa ao Vale do Café. Apesar disso, o trabalho realizado dinamiza a produção artística e cultural do centro do município. Utiliza a *Antiga Estação Ferroviária de Barra do Pirai* - a qual era a antiga Casa de Cultura - e a linha ferroviária da empresa MRS - ativa e em pleno vapor - como cenário para a representação teatral. Ao observar o ensaio do grupo, composto por adolescentes, jovens e adultos, a temática teatral apresentada era sobre a existência e a busca pela ativação da *Linha Ferroviária Barrinha*, a qual se referia ao transporte de passageiros. Ou seja, trabalha com a proposta do *discurso* do cotidiano em Barra do Pirai que constroem a identidade do município (ver figuras).



Figura. Antiga Estação Barra do Pirai com grupo *Teatrofagia* ensaiando. Fonte: foto da autora, 05 de Out. de 2017.



Figura. Estação Ferroviária MRS ao lado da Antiga Estação de Barra do Pirahí. Ativa enquanto o grupo teatral ensaia. Fonte: foto da autora, 05 de Out. de 2017.

Anexo VIII - Entrevista conduzida por e-mail com Valéria Kelli assessora do Portal Vale do Café

1) O que é o Vale do Café para o Portal Vale do Café?

Por ter sido a região líder em produção de café no mundo, no Século XIX, o Vale é um repositório histórico-cultural, que proporciona uma enriquecedora viagem ao passado, principalmente através das cidades históricas e fazendas, ainda bem preservadas, que pertenceram aos célebres barões do café.

2) Quem faz parte do Portal Vale do Café (Fazendas/empresários de municípios)?

O Portal Vale do Café é uma iniciativa de natureza privada, que conta com a parceria de alguns empresários, proprietários de fazendas históricas e empreendimentos do ramo de hospedagem.

3) Qual é o papel do Portal Vale do Café na Região Turística do Vale do Café?

Por acreditarmos no potencial turístico da região nosso papel é de divulgação do Vale visando, principalmente, o fortalecimento do turismo histórico-cultural.

4) O Portal Vale do Café pode ser considerado um agente econômico do Vale do Café?

Acreditamos que sim, uma vez que a divulgação dos atrativos da região podem despertar o interesse de visitantes.

5) Qual a relação com as instituições públicas dos municípios do Vale do Café?

O Portal Vale do Café é de iniciativa totalmente privada. No momento, não mantém vínculos com instituições públicas.

6) Se existem, quais projetos integrados desenvolvem?

Como não temos tais vínculos, não desenvolvemos projetos integrados.

7) Como e onde é feita a divulgação do Portal Vale do Café? Panfletos, atividades turísticas?

A divulgação do Portal Vale do Café é feita tão somente através da internet (site e rede social Fanpage).

8) O Portal Vale do Café é representante de todas as Fazendas Históricas do Vale do Café?

O Portal divulga informações sobre a maioria das fazendas históricas, contudo não somos representantes das mesmas.

9) Sendo o Portal Vale do Café associado às Fazendas Históricas, quantas fazendas estão associadas à plataforma atualmente?

Complementando a resposta anterior, nossa parceria de divulgação efetiva conta com seis fazendas. As fazendas com as quais ainda não possuímos parceria (20 fazendas) divulgamos de uma forma menos expressiva, mas pretendemos que todas possam ser divulgadas da mesma forma no Portal Vale do Café.

10) Qual a relação do Festival Vale do Café com o Portal Vale do Café?

Embora os nomes sejam parecidos, não possuímos envolvimento com o Festival Vale do Café, somente o divulgamos.

11) Quais são as dificuldades encontradas pelo Portal Vale do Café atualmente?

Atualmente a maior dificuldade que encontramos é estabelecermos contato com empresários, a fim de realizarmos novas parcerias.

12) Quais são as sugestões do Portal Vale do Café para a melhoria do Turismo no Vale do Café?

Cientes de que a iniciativa privada realiza diversas ações isoladas ou em conjunto com o poder público, a fim de promover o turismo no Vale, acreditamos que ações provenientes do poder público, especificamente, contribuirão, de forma contundente, para o aquecimento do turismo em nossa região. Dentre elas, citamos como exemplos, a recuperação e manutenção do patrimônio arquitetônico de algumas cidades históricas e o prosseguimento de projetos que se encontram paralisados, como o passeio no trem turístico entre Miguel Pereira e o Distrito de Governador Portela.